



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Marcia Soares da Silveira Werneck

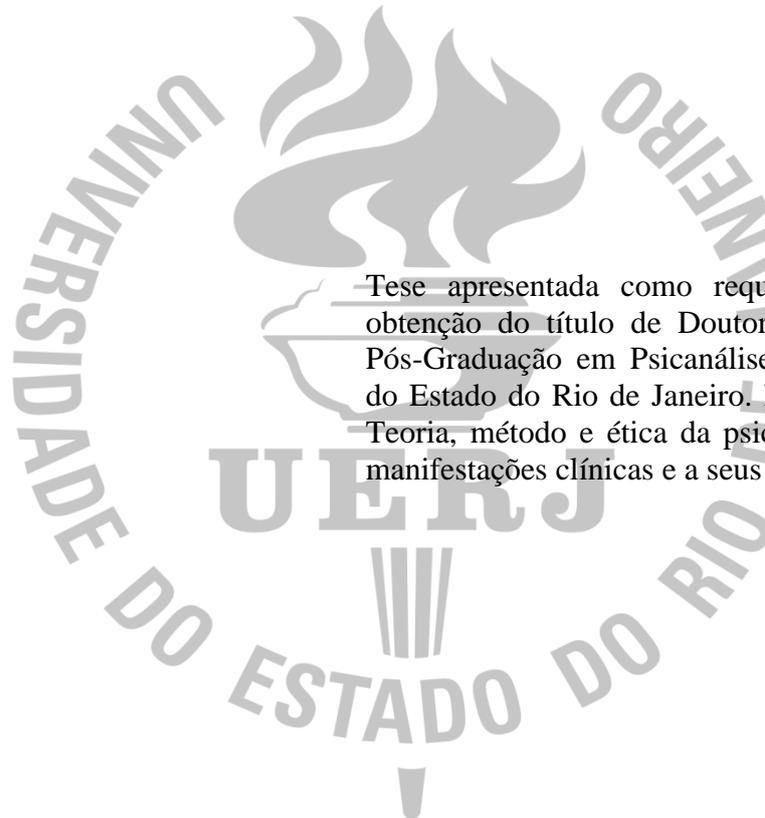
Vicissitudes da sublimação

Rio de Janeiro

2024

Marcia Soares da Silveira Werneck

Vicissitudes da sublimação



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Teoria, método e ética da psicanálise aplicada a manifestações clínicas e a seus dispositivos.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2024

Marcia Soares da Silveira Werneck

Vicissitudes da sublimação

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Teoria, método e ética da psicanálise aplicada a manifestações clínicas e a seus dispositivos.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)
Programa de Pós-graduação em Psicanálise - UERJ

Prof^ª Dr^ª Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro
Programa de Pós-graduação em Psicanálise – UERJ

Prof^ª Dr^ª Laéria Bezerra Fontenele
Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFC

Prof^ª Dr^ª Maria da Glória Schwab Sadala
Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade – UVA

Prof^ª Dr^ª Vivian Martins Ligeiro
Programa de Pós-graduação em Psicanálise- UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos filhos, Juliana e Daniel.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, pela acolhida e excelente orientação, apontando os melhores caminhos, dando estímulos e somando recursos para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que gentilmente aceitaram fazer parte de minha banca de doutorado e que tanto somaram ao meu percurso na elaboração desta tese.

À psicanalista Inês Ribeiro, testemunha, por tantos anos, de meus encontros e desencontros nos caminhos do desejo, e que muito me incentivou nesse percurso.

Aos professores do curso de doutorado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelos ensinamentos na transmissão da psicanálise, dentro e fora de sala de aula.

À minha família pela paciência com os meus estudos.

Aos meus colegas de doutorado, pelo companheirismo e pelo inegável apoio quando necessário.

A todos os meus colegas do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise que tanto me estimularam e me incentivaram neste projeto.

À UERJ, porque sem ela não poderia ter realizado esta conquista.

A todos aqueles que, embora não citados nominalmente, contribuíram direta e indiretamente para a execução deste trabalho.

Cabe a ele encontrar a verdade. Mas de que modo? Incerteza grave, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo; quando ele, o pesquisador, é ao mesmo tempo a região obscura que deve pesquisar e onde toda sua bagagem não lhe servirá para nada. Procurar? Não apenas: criar. Estar diante de algo que ainda não existe e que só ele pode tornar real, e depois fazer entrar na luz.

Marcel Proust

RESUMO

WERNECK, M. S. S. *Vicissitudes da sublimação*. 2024.168f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A sublimação é um conceito em psicanálise que atravessa toda a teoria. Tendo em vista que não há um artigo exclusivo que trate desse conceito, ao nos dedicarmos ao estudo da sublimação somos convocados a fazer um atravessamento de quase toda a obra freudiana. Em 1905, Freud introduz a sublimação como um conceito, referente a um tipo particular de funcionamento psíquico, responsável pelo processo de criação artística, científica e pelas atividades intelectuais, atribuindo, mesmo a construção da civilização, à sublimação. Esse conceito em Freud é um dos destinos pulsionais que não tem uma relação aparente com o que é da ordem da satisfação sexual, mas que paradoxalmente, extrai sua força do sexual passando por um processo de dessexualização. Esse processo o qual a pulsão é dessexualizada sugere a Lacan, na sua leitura do conceito freudiano, uma aproximação com a pulsão de morte, abrindo uma nova perspectiva para essa dimensão pulsional. Desse modo, constatando que a pulsão de morte não se manifesta somente no seu viés destrutivo, mas também no viés criacionista. Por ser, a sublimação, um conceito que traz muitas imprecisões e paradoxos, isso nos incita a dar continuidade a seu estudo e pesquisa a partir das questões que ela desperta, especialmente na sua relação com conceitos fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Notadamente em sua relação com o recalque, dentro de duas perspectivas de interdições psíquicas que operam como constitutivas da subjetividade – o impossível e o proibido. E a partir dessa abordagem, ressaltamos as implicações clínicas do processo sublimatório, destacando a diferença de sua incidência nas diferentes estruturas: neurose, perversão e psicose

Palavras-chave: Sublimação. Recalque. Dessexualização. Impossível. Proibido.

ABSTRACT

WERNECK, M. S. S. *Vicissitudes of sublimation*. 2024. 168f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Sublimation is a concept in psychoanalysis that runs through the entire theory. Considering that there is no exclusive article dealing with this concept, when we dedicate ourselves to the study of sublimation we are called upon to traverse almost all of Freud's work. In 1905 Freud introduced in his theory sublimation as a concept, referring to a particular type of psychic functioning responsible for the process of artistic creation, scientific creation, and intellectual activities, attributing even the construction of civilization to sublimation. This concept in Freud is one of the drive's vicissitudes that does not have an apparent relationship with what is of the order of sexual satisfaction, but paradoxically draws its strength from the sexual by undergoing a process of desexualization. This process, in which the drive is desexualized, suggests to Lacan, in his reading of the Freudian concept, to approach it to the death drive, opening a new perspective for this drive dimension. Thus, noting that the death drive manifests not only in its destructive aspect but also in the creative aspect. Sublimation, being a concept that brings many inaccuracies and paradoxes, urges us to continue its study and research based on the questions it raises. Notably in its relation to repression, within two perspectives of interdiction as constitutive of subjectivity - the impossible and the forbidden. Similarly, the difference in the incidence of the sublimation process in different structures is also highlighted: neurosis, perversion, and psychosis.

Keywords: Sublimation. Repression. Desexualization. Impossible. Forbidden.

RÉSUMÉ

WERNECK, M. S. S. *Vicissitudes de la sublimation*. 2024. 168f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

La sublimation est un concept en psychanalyse qui traverse toute la théorie. Sachant qu'il n'existe pas d'article exclusif traitant de ce concept, lorsque nous nous consacrons à l'étude de la sublimation, nous sommes appelés à parcourir la quasi-totalité de l'œuvre de Freud. Freud a introduit la sublimation comme concept en 1905, faisant référence à un type particulier de fonctionnement psychique, responsable du processus de création artistique et scientifique ainsi que des activités intellectuelles, attribuant même la construction de la civilisation à la sublimation. Ce concept chez Freud est celui du destin pulsionnel qui n'a aucun rapport apparent avec ce qui est de l'ordre de la satisfaction sexuelle, mais qui, paradoxalement, tire sa force du sexuel en passant par un processus de déssexualisation. Ce processus de déssexualisation de la pulsion suggère à Lacan, dans sa lecture du concept freudien, de le rapprocher de la pulsion de mort, ouvrant ainsi une nouvelle perspective à cette dimension pulsionnelle. Notons ainsi que la pulsion de mort ne se manifeste pas seulement dans son aspect destructeur, mais aussi dans son aspect créatif. Parce que la sublimation est un concept porteur de nombreuses imprécisions et paradoxes, elle nous incite à poursuivre son étude et ses recherches à partir des questions qu'elle soulève. Notamment dans son rapport au refoulement, dans deux perspectives constitutives de la subjectivité – l'impossible et l'interdit. De même, on remarque également la différence dans l'incidence du processus sublimatoire dans différentes structures : névrose, perversion et psychose.

Mots-clés : Sublimation. Refoulement. Déssexualisation. Impossible. Interdit.

Conteúdo

INTRODUÇÃO	20
1.1 Freud e a <i>Konstante kraft</i>	26
1.2 Lacan e a pulsão	42
1.3 Os dois princípios que regem a vida psíquica no pensamento psicanalítico	46
1.4 Repetição: do fenômeno ao conceito	51
2 FREUD, LACAN E O PROBLEMA DA SUBLIMAÇÃO	57
2.1 A vicissitude que é o avesso do recalque	60
2.1.1 O recalque	61
2.1.2 <i>Urverdrängung</i> , <i>Verdrängung</i> e a sublimação	62
2.2 A distinção entre sublimação, formação reativa e idealização	64
2.3 A sublimação em Lacan	67
2.3.1 Entre o objeto e <i>das Ding</i>	69
2.3.2 Dos objetos de desejo ao objeto causa do desejo	72
3 A SUBLIMAÇÃO E A ARTE	77
3.1 Arte e sublimação em Freud: do sexual ao sublime	80
3.1.1 Leonardo e a sublimação: o cerne e o segredo de sua essência	83
3.2 Arte e sublimação em Lacan: do sublime à pulsão de morte	88
3.3 O sublime e a dessacralização da Aura em Walter Benjamin	94
3.4 O surrealismo e a psicanálise: encontros e desencontros	98
4 ASUBLIMAÇÃO E AS ESTRUTURAS CLÍNICAS	107
4.1 Fantasia e sublimação	122
4.2 Sublimação e neurose	127
4.3 Sublimação e perversão	133
4.4 Sublimação e psicose	139
4.5 Do Amor-sublime-amor ao amor-sublimação: quando o amor permite ao gozo condescender ao desejo	147
5 SUBLIMAÇÃO E GOZO	154
5.1 As dicotomias e as confluências entre prazer, satisfação e gozo	155
5.2 Sublimação: do gozo fálico ao gozo Outro	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	175

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo discutir duas questões concernentes ao conceito de sublimação, que são de grande relevância para sua maior compreensão dentro do escopo teórico-clínico psicanalítico. A primeira questão diz respeito a como a sublimação incide nas três estruturas clínicas – neurose, perversão e psicose. A segunda se refere à satisfação pulsional na sublimação, ou seja, à qual tipo de gozo a satisfação alcançada por uma moção pulsional sublimada está referida.

O conceito fundamental deste estudo – a sublimação - veio se delineando desde a dissertação de mestrado da autora, cuja pesquisa consistiu na relação entre esse destino pulsional e a pulsão de morte. Dando continuidade ao estudo, as questões apresentadas nesta tese se tornaram fundamentais para uma maior compreensão da sublimação. Desse modo, se fez necessária uma retomada das teorias freudiana e lacaniana sobre o conceito, assim como a abordagem de postulados psicanalíticos essenciais, na intenção de ampliar, embasar e aprofundar de modo mais preciso o assunto a que este estudo se propõe - as vicissitudes da sublimação, tanto em uma abordagem clínica quanto em uma abordagem teórica.

O uso pelos alquimistas de um processo específico nomeado “sublimação” marcou o campo semântico formado em torno do termo. Segundo Serge Hutin, em seu livro *A história geral da alquimia* (1981), a prática alquímica, de maneira resumida, consiste em tomar a matéria-prima primordial, eliminar suas impurezas, separar seus componentes e reuni-los novamente fixando os elementos voláteis, formando, assim, a pedra filosofal. A sublimação seria um dos doze processos para tal realização, fase em que o corpo se torna espiritual e o espírito torna-se corporal, ou seja, é quando acontece uma volatilização do fixo e uma fixação do volátil. Já o termo em latim *sublimare* tem o sentido de “suspenso no ar”, “elevado”. Freud, ao adotá-lo para nomear uma das vicissitudes da pulsão, propõe a terminologia *Sublimierung*, deixando *Sublimation* para a química. Ao insistir na manutenção do sufixo *-ierung*, Freud estaria acentuando que, no caso de um destino dado a uma moção pulsional, se trata de um processo e não de um resultado.

Michel Silvestre, no seu artigo “*Mise en cause de La sublimation*”, de 1979, levanta a questão se a sublimação seria um conceito psicanalítico, devido à ambiguidade, à imprecisão e mesmo à incoerência que dominam certos textos de psicanálise sobre esse postulado. O

autor ressalta que não é suficiente o uso habitual de um termo para que ele tenha o estatuto de conceito e que, para que esse patamar seja alcançado, o termo deve fazer laço com o restante da teoria, sem contradição e duplo sentido. No que diz respeito à psicanálise, duas premissas são fundamentais: como esse termo está implicado, em parte ou totalmente, na prática psicanalítica e se a teoria se manteria se ele fosse retirado. Investigando por essas vias, podemos afirmar que a sublimação é um conceito em psicanálise e, como enfatiza Marco Antonio Coutinho Jorge (2000/2008), é um conceito imprescindível. Demonstraremos isso ao longo desta tese, ao estudarmos as incidências e as vicissitudes da sublimação no psiquismo humano.

O termo sublimação aparece no pensamento freudiano muito precocemente, mas ainda de modo impreciso. Como na carta a Fliess em 1897, em que Freud trata “as sublimações” como “fantasias”: “As fantasias são estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para alívio pessoal” (FREUD, 1897/1974, p. 335). O termo só vai ganhando o contorno de conceito a partir da introdução, em 1905, de um postulado teórico fundamental – pulsão, *Trieb*.

Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais (FREUD, 1905/1974, p.182).

Na obra freudiana, a sublimação não foi sistematizada, assim como foram o recalque e outros conceitos metapsicológicos, no entanto, é um conceito que perpassa toda a teoria. Como vimos na citação acima, conferem-se, segundo Freud, como resultados de um processo sublimatório as formações artísticas, científicas e intelectuais, em que há um reconhecimento social. Freud a situa desde os tempos mais precoces no que diz respeito à organização libidinal do sujeito, apontando a *Wissentrieb* (pulsão de saber) como um processo sublimatório, em que o alvo sexual é desviado. Dessa forma, a sublimação já começa a ganhar o estatuto de conceito, sendo elencada por Freud, dez anos depois da publicação dos *Três Ensaios*, como um dos quatro principais destinos pulsionais, em *As pulsões e seus destinos*, de 1915.

Freud forja o termo *Trieb* (pulsão) para tratar do que é da ordem da sexualidade humana, distinguindo-a do instinto. A pulsão, segundo a teoria freudiana, é a inscrição do sexual no psiquismo. Enquanto o instinto está referido a determinantes biológicos na esfera animal, em que seu funcionamento diz respeito à reprodução e à manutenção da espécie,

tendo de antemão a inscrição de um saber sobre o objeto a alcançar sincrônico ao objetivo, o conceito de pulsão pensado por Freud subverte essa lógica instintual, estabelecendo uma outra forma de operar, própria à sexualidade humana. Dessa forma, devemos evitar fazer uma equivalência entre pulsão e instinto, como: a pulsão está para o humano como o instinto para o animal. Esse pensamento leva a equívocos, pois não se trata de uma equivalência, mas de uma diferença radical que se estabelece a partir de um corte irreversível entre o humano e o que é da ordem da natureza.

Ao descrever o conceito de pulsão em seu texto metapsicológico de 1915, Freud atribui a esse postulado quatro elementos que a compõem - pressão, objeto, fonte e alvo - e quatro vicissitudes fundamentais, que incidem sobre as pulsões, ocorridas na vida psíquica - reversão ao oposto, retorno à própria pessoa, recalque e sublimação. A respeito desta última, Freud destaca, como já indicamos acima, que ocorre um desvio da meta, na medida em que a pulsão, que partiu de uma fonte erótica, ou seja, de uma zona erógena corporal, não encontrará sua satisfação parcial no corpo, mas em outro lugar. A essa particularidade da sublimação Freud atribui um processo que consiste em uma dessexualização, cuja incidência nesse destino pulsional é um aspecto fundamental e extremamente problemático, que iremos discutir ao longo desta pesquisa.

Quando nos debruçamos sobre o pensamento lacaniano, observamos que Lacan só se dedicará a falar sobre sublimação até seu seminário 16; posteriormente, só encontraremos referências suas a esse conceito de modo mais breve e pontual. Destaca-se que é em seu seminário de 1960, sobre a ética, que se encontra a maior parte de sua teorização sobre esse destino pulsional. Durante seu ensino, Lacan aproxima o conceito de sublimação à pulsão de morte, enfatizando que na incidência dessa vicissitude há uma economia diversa de qualquer outro destino pulsional. Lacan constata que a sublimação é a única vicissitude pulsional que, pela particularidade de sua satisfação, revela a natureza própria da pulsão. Desse modo, afirma: “a sublimação confere ao *Trieb* uma satisfação diferente de seu alvo [...] é precisamente o que revela a natureza própria de *Trieb*[...] uma vez que tem relação com a Coisa dado que ela é distinta do objeto”(LACAN, 1960/1988, p. 140).

Assim, a partir de uma revisão da literatura concernente à sublimação, partiremos da contextualização desse conceito no pensamento psicanalítico e suas implicações com outros postulados fundamentais, objetivando estruturar um esquema lógico que responda às investigações propostas. Desse modo, nosso estudo segue uma diretriz que se inicia com o

conceito de pulsão em Freud e Lacan. Ressaltaremos a importância de postulados da teoria psicanalítica, como os princípios que operam no funcionamento psíquico, assim também como o conceito de repetição - dois argumentos fundamentais para o entendimento da teoria pulsional.

Posteriormente, abordaremos a sublimação na obra de Freud e Lacan e sua relação principalmente com o recalque em Freud, conceito que ganha destaque nesta tese. Assim, também se faz necessário estabelecer a diferença entre sublimação, formação reativa e idealização, para ser possível precisar de forma mais nítida o que diz respeito à vicissitude em questão. Uma esfera fundamental que iremos abordar é a que concerne à arte como tributária da sublimação; ressaltaremos o estudo sobre Leonardo da Vinci, que se tornou paradigmático para pensar a sublimação na obra freudiana. Introduziremos, também, o pensamento de Walter Benjamin, um dos maiores teóricos da arte do século XX, numa articulação com o pensamento lacaniano sobre a sublimação e o que ele apresenta como a dessacralização da aura.

Passando por todos esses aspectos, nosso estudo convergirá para o estudo da incidência da sublimação nas estruturas clínicas, imprescindível na abordagem de qualquer conceito em psicanálise. Mas, para tal abordagem, é necessário que haja o destaque de um postulado, para o qual dedicaremos um capítulo específico: a fantasia, conceito que protagoniza, tanto para Freud quanto para Lacan, a constituição sintomática na neurose e na perversão, tendo como correlato - se assim podemos afirmar - a formação delirante na psicose. No capítulo dedicado à clínica, incluiremos também um subcapítulo sobre o amor, no qual destacaremos sua função na prática analítica, ressaltando o sintagma que Lacan estabelece como aquele que faz o gozo condescender ao desejo: o amor-sublimação.

No último capítulo, a teoria do gozo em Lacan será abordada no intento de situarmos de que forma a satisfação pulsional na sublimação se circunscreve nessa teoria. O termo gozo (*Genuss*) aparece raramente na escrita de Freud, sendo referido a um momento de júbilo ou êxtase. Podemos encontrar essa referência quando ele observa, no relato do paciente que ficou conhecido como Homem dos Ratos, a descrição de uma cena de horror acompanhada de uma expressão de prazer intenso, como também no júbilo de seu netinho com o jogo do *fort-da*, em que a criança passa de uma posição passiva a uma ativa em relação à presença e ausência da mãe, ou mesmo no êxtase de Schreber ao descrever a transformação de seu corpo em um

corpo feminino. Mas é somente com Lacan que o termo gozo passa a ter um estatuto de conceito no pensamento psicanalítico.

Se, no início de seu ensino, Lacan prioriza a noção de desejo que opera em uma ordem simbólica, articulado a uma rede de significantes, posteriormente é o conceito de gozo que ganha um lugar privilegiado na reflexão psicanalítica lacaniana. Ele extrai o termo *jouissance* do discurso jurídico, onde gozo é referido à noção de usufruto. Mas é a partir da dialética hegeliana que Lacan introduz na cena psicanalítica a oposição desejo/gozo, que será um ponto central em sua teoria.

Em seu seminário 20, *Mais, ainda*, Lacan apresenta de forma mais abrangente sua teoria do gozo e discute uma versão da sublimação que não implicaria o Outro. “Lacan indica-nos, verdadeiramente, que é no lugar do gozo Uno que a sublimação encontra seu verdadeiro fundamento” (MILLER, 2012, p. 46). Assim, essas dimensões da sublimação apresentadas por Lacan nos orientam possibilitando articulações necessárias quando pretendermos situar a satisfação pulsional na sublimação e sua relação com o gozo.

As considerações finais consistirão em apresentar conclusões e abrir novas discussões sobre as duas hipóteses levantadas nessa pesquisa: a incidência da sublimação nos três quadros clínicos - neurose, perversão e psicose – e a que gozo da teoria lacaniana o processo sublimatório está referido. Conclusões e discussões que se tornaram pertinentes graças aos argumentos apresentados ao longo desse estudo. Nessas considerações, ressaltaremos, mais uma vez, a imprescindibilidade da abordagem do conceito de recalque tanto para uma questão quanto para a outra.

Não devemos esquecer que o conceito de recalque se apresenta, sobretudo na obra freudiana, como fundamental para a sustentação do escopo teórico da psicanálise, levando Freud (1914/1974, p. 26) a afirmar em seu ensaio *A história do movimento psicanalítico* que “a teoria do recalque é a pedra angular na qual repousa toda a estrutura da psicanálise”. Esse importante ensaio teve a finalidade de tornar os princípios da psicanálise mais claros e mais precisos, em um momento conturbado da história da psicanálise, no qual divergências teóricas surgiram entre Freud e dois de seus discípulos, Adler e Jung. Aqui, Freud traça a história do desenvolvimento de sua teoria desde os primórdios pré-analíticos.

Portanto, apresentamos nesta introdução o roteiro que seguiremos para a confecção da presente tese, onde traçaremos, ao longo de nossa escrita, as vicissitudes da sublimação.

1 PULSÃO: DE FREUD A LACAN

A teoria pulsional é uma das mais vigorosas no pensamento freudiano. Podemos afirmar, como ressalta Marco Antonio Coutinho Jorge (2010), que duas obras constituem a fundação da psicanálise: *A interpretação dos sonhos*, de 1900, livro no qual Freud apresenta o conceito de inconsciente e propõe sua primeira tópica, concebendo o psiquismo como dividido em três sistemas distintos - consciente, pré-consciente e inconsciente – e os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que é onde Freud apresenta, pela primeira vez, o conceito de pulsão, introduzindo na psicanálise a sexualidade infantil como o núcleo central da sexualidade humana. Notadamente, Freud precisava evocar uma base biológica para a concepção de seus postulados, no intento de possibilitar um diálogo com a ciência de sua época e com o conceito de pulsão isso é nítido: “A biologia é, verdadeiramente, um reino de possibilidades ilimitadas; dela podemos esperar esclarecimentos os mais surpreendentes e não podemos adivinhar que respostas ela daria, em algumas décadas, às perguntas que lhe colocamos” (1920/2020, p.195). Porém, o que Freud constata é o que sua clínica revela, uma subjetividade que se constitui para além de fundamentos biológicos dos quais poderia lançar mão, isso o faz afirmar em 1915: “a teoria das pulsões é nossa mitologia” em que a pulsão se apresenta como um conceito fronteiro, ela está entre o somático e o psíquico.

Já Lacan, para falar sobre pulsão, radicaliza essa ideia subtraindo qualquer dimensão biológica desse conceito: “a primeira concepção lacaniana do tratamento analítico se baseia na lógica implacável de redução da pulsão freudiana com o simbólico” (MILLER, 2005, p.7). Portanto, se no início do ensino de Lacan há uma espécie de proscricção da pulsão, isso é atribuído a uma tentativa de reduzi-la ao simbólico. Constata-se que nas primeiras décadas de seu ensino houve uma prevalência simbólica, em que o conceito de desejo é evocado por ele. Mas quando utiliza o termo desejo no “Relatório de Roma”, este teria uma certa contiguidade com a pulsão freudiana. “O que Lacan chamará de desejo era o que da pulsão, selvagem ou autoerótica, era suscetível de reconhecimento pelo outro” (MILLER, 2005, p. 55).

1.1 Freud e a *Konstante kraft*

No contexto do final do século XIX, a atenção médica deslumbrava uma certa perspectiva sobre a etiologia das neuroses, que atribuía a influências hereditárias e constitucionais à disposição desses quadros clínicos. Freud, nessa época, a partir de sua clínica, notadamente da neurose histérica (histeria de conversão e de angústia) e também do estudo da neurose obsessiva - cuja nomenclatura, *Zwangsneurose*, foi cunhada por ele - não negava o fator da hereditariedade na causação das neuroses, mas enfatizava que na etiologia desses quadros clínicos era a sexualidade que desempenhava o papel fundamental, sendo esse um pensamento que trouxe uma grande reviravolta para o que se acreditava até então: “A sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses e das neuroses em geral” (FREUD, 1905/1974, p. 112).

Dessa forma, em seu artigo de 1898 intitulado “A sexualidade na etiologia das neuroses”, Freud descreve que no caso da histeria o que é colocado em evidência é a força de uma lembrança, que age como um acontecimento atual. Uma lembrança que apresenta três características: tem relação com a vida sexual, concerne à primeira infância e implica um abuso cometido por um adulto ou uma criança mais velha. Já no caso da neurose obsessiva, os dois primeiros fatores também ocorrem, porém, a experiência não é a de sedução e sim ter presenciado a cena do coito das figuras parentais na primeira infância.

Mesmo tendo abandonado a teoria do trauma como um evento ocorrido na realidade factual, passando, assim, a acreditar na construção de uma fantasia como o determinante psíquico fundamental na formação de uma realidade, Freud entende que uma experiência, mesmo que fantasística, é o que condicionará a diferença da natureza dos sintomas desses dois quadros clínicos. Se a histeria tem como etiologia específica uma experiência libidinal de passividade sexual, vivida com indiferença, despeito ou terror, na neurose obsessiva essa experiência psíquica gerou uma satisfação excessiva e o sujeito foi ativo, sendo desse gozo antecipado que nascem as ideias obsessivas e as censuras desfiguradas. Desse modo, ao destacar a sexualidade como determinante nos processos subjetivos, Freud a concebe dentro de uma esfera específica, que vai diferenciá-la do que é da ordem do mundo dito natural. Assim, em sua construção teórica, forja um termo para falar da sexualidade no humano que se tornará um conceito psicanalítico, *Trieb* (pulsão).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1974), notadamente, Freud despatologiza a perversão, ao ressaltar que as satisfações sexuais não estão reduzidas apenas a uma satisfação genital com fins reprodutivos, estando a sexualidade humana para além disso. Desse modo, afirma que “a disposição para as perversões é uma disposição original e universal da pulsão sexual humana e que o comportamento sexual normal se desenvolve a partir dela como resultado de alterações orgânicas e inibições psíquicas que ocorrem durante a maturação” (FREUD, 1905/1974, p. 238). Porém, devemos assinalar que Freud não nega a dimensão de uma perversão patológica - que ele trata como perversão positiva - indicando como aquela que apresenta uma exclusividade e fixação de objeto no seu modo de satisfação, originando-se a partir de uma regressão a pontos de fixação de tendências sexuais infantis. Assim, Freud também despatologiza a homossexualidade, situando-a na organização libidinal subjetiva e, portanto, fazendo parte da estrutura sexual humana:

A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais. Estudando as excitações sexuais, além das que se manifestam abertamente, descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha-de-objeto homossexual e que na realidade o fizeram no seu inconsciente. (FREUD, 1905/1974, p. 146).

Um argumento importante que permitiu a sustentação dessa concepção freudiana sobre a homossexualidade foi a noção de bissexualidade – termo proveniente do darwinismo e da embriologia e que foi adotado pela sexologia do fim do século XIX. Nesses campos, designa-se que tanto no humano quanto no animal há uma predisposição sexual biológica, simultaneamente feminina e masculina. Mas foi a concepção de Fliess sobre esta noção que chamou a atenção de Freud. Na sua teoria, Fliess indicava uma bissexualidade biológica, um fenômeno universal que acarretava consequências psíquicas essenciais. Foi assim que ele abordou a teoria freudiana do recalque, porém dentro de uma esfera biológica, invocando um conflito existente entre tendências masculinas e femininas. Freud, por não conceber o recalque em bases biológicas, se opôs veementemente a essa ideia. Apesar da posição de Freud sobre o problema da bissexualidade não ter sido francamente definida por ele, como afirma Laplanche e Pontalis (1967, p. 88), ele sempre manteve a importância dessa noção na esfera psíquica. A esse respeito, Jorge (2000, p. 29) enfatiza que Freud encontra na noção de bissexualidade explorada por Fliess a representação “de um dos pilares que sustentam a sua concepção da sexualidade, porém dá a esse termo uma dimensão psíquica”, considerando-se que a sexualidade humana, segundo Freud, é, essencialmente, pulsional.

Dessa forma, o conceito de pulsão traz em seu bojo o advento de uma nova concepção da sexualidade, que não se reduz à genitalidade, mas, sim, a como essa sexualidade se inscreve no psiquismo humano. Para Freud, a sexualidade humana foge à lógica instintual que está vetorizada à reprodução e à manutenção de uma espécie, que tem um saber já inscrito, ou seja, um saber geneticamente determinado em que animais da mesma espécie obedecem a padrões fixos de resposta e ação frente a diferentes estímulos, de modo que seu objeto já é determinado. Diferentemente do instinto, a dimensão pulsional é descrita por Freud com particularidades que a especificam e irá se manifestar de maneira fragmentada e polimorfa. Assim, a pulsão sexual, como destacada nos *Três Ensaio*s, se compõe de pulsões parciais (*Partialtriebe*), definidas por sua fonte – corporal - e alvo - a satisfação. Sobre o aspecto econômico das pulsões, Freud atribui a existência de uma libido como energia única para as pulsões sexuais. Através da descrição dinâmica, ele nos dá a noção do conflito intrapsíquico, ressaltando que o conflito mais basal é o que ocorre no interior da esfera pulsional.

Inicialmente, Freud identifica esse conflito entre dois grupos pulsionais: as pulsões sexuais e as de autoconservação ou pulsões do eu. É no ano de 1910, ao contribuir a uma *Festschrift*¹ em homenagem a um de seus mais antigos amigos, um conhecido oftalmologista vienense, Leopold Königstein, que Freud, em seu artigo “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, estabelece pela primeira vez em que consiste o seu primeiro dualismo pulsional. Em uma carta a Ferenczi, Freud vai definir esse artigo como simplesmente uma *pièce d’occasion*, mas é aqui que enuncia a oposição que permanecerá essencial na sua primeira teoria das pulsões: pulsões sexuais x pulsões de autoconservação ou pulsões do eu.

[...] uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que tem por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do eu. Como disse o poeta, todos as pulsões orgânicas que atuam em nossa mente podem ser classificadas como ‘fome’ ou ‘amor’ (FREUD, 1910/1974, p. 200).

Posteriormente, durante a primavera e o verão de 1915, Freud empreende uma exposição que pretendia ser completa e sistemática de suas teorias sobre o psiquismo, que resultaria em seus artigos metapsicológicos. Como ressalta Peter Gay, “Freud definia sua metapsicologia como uma psicologia que analisa as operações da mente a partir de três

¹ O termo alemão *Festschrift* ou *Festschriften* significa um livro que homenageia uma pessoa influente ou reconhecida, especialmente um/a pesquisador(a). Geralmente é lançado enquanto o homenageado é vivo. O termo pode ser traduzido como "livro de homenagem" ou "livro de celebração".

perspectivas: a dinâmica, a econômica e a topográfica” (GAY, 1988/2010, p. 334). O ensaio introdutório desses artigos é o concernente às pulsões. Em *TriebundTriebchicksale*, (*Pulsões e seus destinos*), Freud ressalta o que já havia apresentado nos *Três Ensaio*s e reafirmado no final da Seção III em seu exame do caso Schreber (1911), a pulsão como um conceito fronteiro, situado entre o somático e o psíquico, o que significa que o estímulo originado no corpo alcança o psíquico através de uma *Vorstellungsrepräsentanzen* (representante da representação): “[...] uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915/1974, p. 142).

Ao estabelecer o conceito de pulsão, Freud distingue quatro elementos pulsionais: pressão ou força (*Drang*), finalidade ou alvo (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*). Três desses termos já haviam sido introduzidos nos *Três Ensaio*s, sendo *Drang* apresentada posteriormente em *As pulsões e seus destinos*. Assim, *Drang* - pressão - é a quantidade de força exercida ou a medida de exigência de trabalho para que a pulsão atinja seu alvo, ou seja, se satisfaça. Essa pressão é comum a todas as pulsões e, como ressalta Freud, não se trata de uma *momentane Stosskraft* (força momentânea) mas, sim, de uma *konstante Kraft* (força constante). Na pulsão, a pressão é a manifestação de uma tensão interna que não tem nenhuma relação com uma necessidade orgânica. Em consonância com o pensamento freudiano, Lacan afirma, em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, quando dedica algumas aulas ao conceito de pulsão, que: “A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo”. A pulsão “não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, não tem subida nem descida. É uma força constante” (LACAN, 1954/1985, p. 157).

Ziel é a finalidade ou alvo da pulsão, que é sua *Befriedigung* (satisfação). Essa satisfação só pode se dar pela diminuição do estado de estimulação na fonte da pulsão, nunca por sua eliminação, pois as pulsões sempre estabelecem uma tensão. Visto que ela é força constante, e que o objeto é contingencial, estando sempre aquém da exigência da satisfação total de uma pulsão, tal satisfação será sempre parcial. O alvo de uma pulsão, portanto, será sempre esse retorno em circuito, onde ela pode ser intercambiada, combinada, deslocada, inibida em sua finalidade ou defletida, processos que envolverão sempre uma satisfação parcial. Lacan, por sua vez, ao descrever o que é da ordem da satisfação pulsional, de acordo com a teoria de Freud, enfatiza que

A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Note* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão (LACAN, 1964/1985, p. 159).

O *Objekt* (objeto) é descrito por Freud como o elemento pelo qual a pulsão pode alcançar sua satisfação, “o objeto de uma pulsão é a coisa em relação à qual ou através da qual pulsão é capaz de atingir sua finalidade” (FREUD, 1915/1974, p. 143). Porém, como foi ressaltado acima, uma satisfação que será sempre parcial, pois nenhum objeto corresponde totalmente a uma exigência pulsional. Sempre haverá um *gap* entre a satisfação exigida e a obtida, sendo o objeto em jogo meramente contingente, indiferente e variável. O objeto em sua função essencial é aquilo que se furta a qualquer nível de captação, de assimilação, por não estar originalmente ligado à pulsão. É infinitamente substituível.

A fonte pulsional, *Quelle*, se refere a um processo somático que ocorre em uma parte do corpo e cujo estímulo vai se inscrever como uma representação da pulsão no psiquismo: “É aí que está o elemento mais importante, o lugar da descoberta psicanalítica do papel sexual e de sua natureza” (JURANVILLE, 1984/1987, p. 156). Freud ressalta que, embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem somática, só a conhecemos pela dimensão psíquica de suas finalidades. *Quelle* são as zonas erógenas da pulsão onde se inscreve a estrutura de borda pulsional. Freud localiza aqui a parte somática da pulsão que lhe permite defini-la em 1915 como o que está entre o somático e o psíquico.

No decorrer de seu ensaio metapsicológico de 1915, *As pulsões e seus destinos*, ao ressaltar a plasticidade e a capacidade vicariante das pulsões sexuais, Freud distingue quatro vicissitudes fundamentais às quais uma pulsão pode ser submetida: reversão em seu contrário, retorno em direção à própria pessoa, recalque e sublimação. Ao elencar esses quatro destinos, reserva, nesse ensaio, a descrição apenas dos dois primeiros, deixando o recalque para um artigo específico, também publicado em 1915, e a promessa de outro, que seria publicado posteriormente, sobre a sublimação, o que não se concretizou. Por ser esse conceito fundamental em nossa pesquisa, devemos sublinhar que o motivo de um artigo sobre a sublimação não estar incluído nas obras completas de Freud é obscuro. Alguns pesquisadores da obra freudiana relatam que isso foi devido ao extravio de muitos artigos metapsicológicos - ao todo seriam doze, e o artigo sobre a sublimação estaria entre eles – ou, como outros que concluem que Freud pode ter desistido de escrever tal ensaio. Mas o fato é que, apesar de não

haver um artigo dedicado a esse tema, ele perpassa toda a obra freudiana, sendo possível encontrá-lo em vários momentos de sua teoria, sofrendo modificações conforme a evolução do pensamento freudiano.

O primeiro dualismo pulsional serviu a Freud por mais de uma década, sendo modificado apenas em 1920, quando ele introduz o conceito de pulsão de morte em seu ensaio *Além do princípio de prazer (Jenseits des Lustprinzips)*. Dessa forma, a pulsão de morte é apresentada como conceito para a cena psicanalítica a partir do momento em que Freud conclui - através da observação de fenômenos como: os sonhos traumáticos dos neuróticos de guerra, as brincadeiras infantis e principalmente pelo fenômeno da compulsão à repetição - que a busca de prazer, ou seja, a redução de uma tensão pulsional, em um vetoramento visando uma homeostase, não seria a única tendência da pulsão, mas, paradoxalmente, haveria outra, que contrariava o pensamento sobre o princípio de prazer que vigorava até então. Assim, o conceito de repetição ganha destaque, na reflexão freudiana, como sendo a manifestação mais primária, mais evidente da pulsão de morte.

Se, citando Schiller, Freud (1930/2020, p. 370) supôs, durante quase duas décadas, que a fome e o amor moviam o mundo, com sua primeira concepção da vida pulsional, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte, causa de uma grande modificação em sua teoria, passa a atribuir o conflito à oposição entre o amor e a discórdia. Fazendo alusão aos princípios fundamentais de Empédocles, Freud afirma que tanto em nome quanto em função - os dois princípios, atribuídos à teoria de um dos grandes pensadores da antiga Grécia (495 a.C.) - são os mesmos que os dois grupos de pulsões primeiras da teoria psicanalítica. Segundo a teoria de Empédocles, o conflito se estabelece entre *Eros* e destrutividade, dos quais o primeiro se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores, ao passo que o segundo se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que elas deram origem. Dessa forma, Freud constata, em seu ensaio *A análise finita e a infinita* (1937), que a pulsão de morte não é somente responsável por grande parte da resistência encontrada em análise, mas que essa dimensão pulsional também é a causa suprema do conflito psíquico, o que o leva a sugerir que a psicanálise pareceria ser o terceiro daqueles ofícios impossíveis, ao lado de educar e governar.

Freud estabeleceu, desde 1911, que o funcionamento psíquico era regido pelo princípio de prazer e regulado pelo princípio de realidade e, com isso, tenderia a um equilíbrio de energia, onde prazer significaria a diminuição da excitação provocada por um estímulo. Ele

parte inicialmente da distinção da energia libidinal própria à sexualidade, que estaria em conflito com outras formas de energia, as quais denominou de pulsões de autoconservação ou pulsões do eu. Desse modo, como já discorremos acima, foi estabelecido seu primeiro dualismo, o qual vigora na teoria freudiana durante quase duas décadas.

A partir do aprofundamento dos estudos sobre o narcisismo em 1914, já iniciado três anos antes na análise do livro autobiográfico de Daniel Paul Schreber em 1911, Freud reconhece nas pulsões do Eu uma natureza libidinal, de modo que o próprio Eu é investido sexualmente. Essa hipótese da libido narcísica, segundo a qual o Eu é tomado como objeto, investido libidinalmente, faz surgir uma nova oposição, entre libido do Eu e a libido direcionada aos objetos externos. Dessa forma, há um abalo da primeira teoria pulsional, suscitando uma modificação, pois, se o conflito anterior era entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, a partir do momento em que esse Eu também é investido sexualmente, essa polarização se torna inapropriada.

Entretanto, a construção de um segundo dualismo não foi tão simples, nem tão imediata a essa hipótese de 1914. A partir de reflexões sobre a teoria da dinâmica das forças - encontrada por Freud nos estudos e trabalhos do físico e matemático alemão Gustav Fechner, que procurou demonstrar, em seu livro *Elementos da psicofísica* (1889), que o psíquico e o físico são dois aspectos da mesma realidade – em que o que predominaria seria o princípio a uma tendência à estabilidade, Freud é levado a reconhecer um caráter regressivo da pulsão, afirmando, então, em 1920, que tudo o que vive quer morrer por razões internas, quer tornar-se mais uma vez inorgânico, “o objetivo de toda vida é a morte” (FREUD, 1920/1974, p. 56).

Desse modo, em sua clínica da neurose, Freud atesta a força das pulsões e identifica duas direções tomadas pelos processos vitais das moções pulsionais: por um lado, as pulsões sexuais produzindo tensão cuja descarga é sentida como prazer, por outro, a tendência a um princípio de Nirvana - termo tomado de empréstimo de Barbara Low² - cuja tendência é remover, reduzir a zero a tensão provocada pelos estímulos. Podemos dizer que, ao afirmar que o objetivo de toda vida é a morte, Freud dá continuidade a esse pensamento constatando que “o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (FREUD, 1920/1974, p. 63), ou seja, diante dessa essência pulsional - que é seu vetoramento à morte - só existe uma escolha: os caminhos da vida, isto é, a parcialização em pulsões sexuais, provocada pelas exigências libidinais.

² Psicanalista inglesa (1877-1955) que usou pela primeira vez a expressão Princípio de Nirvana.

No entanto, sustentar exclusivamente a natureza conservadora como princípio para a suposição da pulsão de morte não bastava. A essa tendência somou-se a constatação de um fenômeno bastante relevante e de extrema importância. Através de sua observação, tanto na clínica das neuroses de transferência como no brincar infantil ou nos sonhos traumáticos, Freud voltou sua atenção para os fenômenos da compulsão à repetição - experiências desprazerosas que se repetem, fugindo ao postulado de que as pulsões funcionariam, no sistema inconsciente, sob a hegemonia do princípio de prazer. A partir disso, constata que há algo que se impõe como enigmático e irreduzível ao princípio de prazer, isso que ao longo de sua elaboração se dimensiona como irrefutável em sua teoria. Ele observa que aquilo que compulsivamente se repete é algo que excede a uma tendência à homeostase, estando para além da visada de um equilíbrio, que insiste, que não se reduz apenas a uma busca sexual de satisfação libidinal regulada pelos princípios que regem o funcionamento psíquico.

Dessa forma, a ideia da compulsão à repetição é “a ideia que, seguida sistematicamente, o leva a ver na pulsão de morte a pulsão por excelência”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1968/1970, p. 530). Assim, para Freud, a pressão (ou força) pulsional (*Drang*) passa a não estar somente vinculada à representação psíquica de uma fonte endossomática de excitação constante, mas a uma potência pulsional que tenderia ao desligamento da libido, num movimento de retorno vetorizado a um estado de inércia ou mesmo ao estado inorgânico. É essa tendência que será designada, por Freud, de princípio de Nirvana: “A tendência dominante da vida mental, e talvez da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos” (FREUD, 1920/1974, p. 76).

A partir de 1920, as pulsões libidinais serão tratadas como Eros, reunindo, dessa forma, pulsões sexuais e pulsões do Eu. Freud ressalta que estas operam desde o princípio da vida em conflito com a pulsão de morte, criada pela “animação da substância inorgânica” (FREUD, 1920/1974, p. 82). A partir dessa nova concepção se estabelece, em 1920, uma nova oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do Eu e de objeto) e outras pulsões, quanto aos quais há que supor que se achem presentes no Eu e que talvez possam ser realmente observados nas pulsões destrutivas. Nossas especulações transformaram essa oposição numa oposição entre a pulsão de vida (*Eros*) e a pulsão de morte (FREUD, 1920/1974, p. 82).

Nos anos imediatamente posteriores à primeira grande guerra e sob a impressão da morte de sua filha, ainda tão jovem, Sophie Halberstadt, é publicado o ensaio *Além do princípio de prazer*, no qual Freud introduz o conceito de pulsão de morte em sua teoria. Seu primeiro biógrafo, Fritz Wittels, tende a atribuir à dor sentida por Freud, naqueles anos, à ênfase dada à temática da agressão e da morte. Escreve Wittels:

Em 1920 (com *Além do Princípio de Prazer*), Freud surpreendeu-nos com a descoberta de que, em tudo que é vivo, existe, além do princípio do prazer, o qual, desde os dias de cultura helênica, tem sido chamado de Eros, um outro princípio: o que vive quer morrer de novo. Originando-se do pó, quer ser pó novamente. Há nos seres não só a pulsão de vida, mas também a pulsão de morte. Quando Freud fez esse comunicado a um mundo atento, ele estava sob a impressão da morte de uma filha na flor da idade, que perdeu logo depois de se preocupar com a vida de vários de seus parentes mais próximos, que haviam ido para a guerra (WITTELS apud GAY, 1989/2010, p. 363).

Entretanto, Freud se opôs veementemente a essa explicação de Wittels – que, na verdade, é reducionista –, alegando que o ensaio *Além do princípio de prazer* foi escrito em 1919, quando sua filha ainda se encontrava saudável: Freud não foi além do princípio de prazer por uma morte na família. Já delineava em sua teoria as moções agressivas, as quais associará posteriormente à pulsão de morte, como, por exemplo, quando se refere a esses componentes poderosos presentes no complexo de Édipo. Em cartas a Fliess (MASSON, 1985/1897), já havia revelado, em caráter privado, o poder da agressão e seu funcionamento em si próprio e, publicamente, em *A interpretação dos Sonhos* (1900). Tudo isso bem antes de 1914, quando publica um artigo que vai provocar uma reviravolta em sua teoria.

O primeiro contato de Freud com o termo *Todertrieb*, pulsão de morte, foi em 1911, em uma das reuniões das quartas-feiras na *Berggasse*, durante a apresentação do trabalho intitulado "A destruição como causa do devir", por sua autora, a psicanalista russa Sabina Spielrein. Nessa apresentação, ela introduz a ideia dos componentes destrutivos das pulsões sexuais. Freud faz referência a este trabalho em uma nota de rodapé em *Além do princípio de prazer*, ao levantar a hipótese da existência de um masoquismo primário: "Em um trabalho rico em conteúdo e pensamentos, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma boa parte dessa especulação. Ela caracteriza o componente sádico da pulsão sexual como 'destrutivo'" (FREUD, 1920/2020, p. 181).

A ideia de uma pulsão de morte no ser humano promovida por Spielrein postulava que o componente da morte estava contido na própria pulsão sexual, tratando-se de um elemento destrutivo inerente a essa pulsão indispensável no processo do devir, de tal modo que a

destruição, como manifestação da pulsão de morte, seria a causa do devir. Sabina Spielrein situa a pulsão de morte no interior da pulsão sexual e remete tanto a psicose como a neurose aos distintos graus de dissonância entre os dois componentes da sexualidade. Grande parte de sua elaboração é apoiada em bases biológicas, o que pode ser percebido inclusive no título da primeira parte de seu ensaio - *Dados Biológicos* -, onde inicia por teorizar sobre o instinto sexual em animais inferiores, observando que, na concepção, a unidade formada entre células - macho e fêmea - é destruída para formar uma nova vida: “O indivíduo, portanto, pode desejar sua própria desapareição, logo que esta sirva à criação nova” (SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p. 516). Dessa forma, a psicanalista levanta a hipótese de fenômenos dessa natureza causarem efeitos no psiquismo humano no que diz respeito ao ato de procriação.

E, com efeito, sendo que é na própria pulsão de procriação que se enraízam os sentimentos de felicidade que inspiram a todo ser vivente o devir, ao mesmo tempo o sentimento de defesa tais como a angústia e a repulsa, que suscita esta mesma pulsão, não são nem o resultado do colocar-se em relação aberrante com as matérias excrementícias vizinhas, nem a expressão negativa de uma renúncia à sexualidade: são sentimentos que correspondem ao componente destrutivo da própria pulsão sexual (SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p. 517).

Portanto, para Sabina Spielrein, uma pulsão de morte intrínseca à sexualidade é sinônimo de devir no plano da transformação e da criação. Ao longo de seu artigo, Spielrein trata da pulsão de autoconservação a partir da ideia de apoio, sustentada por Freud, à pulsão sexual. Dá a ela duas dimensões: uma estática, que consiste em proteger o indivíduo contra toda a influência exterior, e outra dinâmica, que tem por finalidade a modificação do indivíduo, “nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior” (SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p. 549). Freud, apesar de posteriormente reconhecer a pertinência das proposições feitas por Spielrein, inicialmente se acautela em relação a seu artigo. Segundo Peter Gay, em sua biografia sobre Freud: “Naqueles anos Freud não estava preparado” (GAY, 1989, p. 36). Fato que podemos constatar quando, em 1930, o criador da psicanálise declara no ensaio *O mal-estar na cultura*: “Lembro-me de minha própria posição de defesa quando a ideia da pulsão de destruição emergiu pela primeira vez na literatura psicanalítica e quanto tempo demorou até que eu me tornasse receptivo a ela” (FREUD, 1929/2020, p. 373).

Inicialmente, Freud trata a noção de pulsão de morte baseando-se em considerações especulativas, mas pouco a pouco essa ideia vai adquirindo um domínio em sua teoria, tornando-se o que há de mais fundamental na noção de pulsão. Mas é somente em 1920, a

partir dos fenômenos de repetição com os quais Freud era incessantemente confrontado, como a repetição no sintoma ou na transferência, que ele revê seus postulados teóricos, introduzindo uma nova concepção - o conceito de pulsão de morte.

No seu artigo de 1920, ao deter-se sobre a visão dualística da vida pulsional, segundo a qual as direções tomadas pelos processos vitais poderiam ser identificadas como pulsões de vida e de morte, Freud adverte que existe algo mais que não podemos evitar e faz referência ao filósofo Schopenhauer, para quem a morte é “o verdadeiro resultado”, no sentido da finalidade da vida “ao passo que a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver” (FREUD, 1920/2020, p. 167). E se Freud se mostra consonante com essa ideia, porém, em “Um estudo autobiográfico” (1925), ao reafirmar a influência que recebera das ideias de G. T. Fechner, rejeita o que anteriormente parecia ter admitido, a influência direta de Schopenhauer em seus postulados:

O alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer — ele não somente afirma o primado das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo de recalque - *Mechanismus der Verdrängung* - não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos. Li Schopenhauer muito tarde na minha vida (FREUD, 1925/1974, p. 75).

A filosofia de Schopenhauer influenciou, além de Sigmund Freud, vários outros pensadores, dentre os quais se destacam: Eduard von Hartmann, Nietzsche, Simmel, Thomas Mann, Bergson. Filósofo alemão nascido na cidade de Danzig, Arthur Schopenhauer viveu de 1788 a 1860. O pensamento de Schopenhauer parte em especial de sua interpretação de fenômeno, baseada em alguns pressupostos da filosofia kantiana. O filósofo postula que o mundo não é mais que representação na qual dois pólos inseparáveis são distinguíveis: o objeto, que é constituído a partir de espaço, tempo e o princípio de causalidade; e o outro pólo, que seria a consciência íntima e subjetiva acerca do mundo, sem a qual este não existiria. Entretanto, apesar da grande influência de Kant em sua elaboração filosófica, a ruptura entre o pensamento dos dois filósofos ocorre uma vez que, ao contrário de Kant - que afirma a impossibilidade de a consciência alcançar a coisa-em-si, isto é, a realidade não fenomênica -, Schopenhauer acredita que, ao tomar consciência de si em nível radical, o homem se experimenta como um ser movido por aspirações e paixões. Estas constituem a unidade da vontade, compreendida como o princípio norteador da vida humana. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação* (1819), embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1851) seja o mais conhecido (NICOLA, 2005).

No entanto, desde 1905, nos *Três Ensaios*, Freud já delineava o que conceituaria apenas em 1920. As noções de agressividade, ambivalência, sadismo e masoquismo, observadas tanto na clínica da neurose quanto na melancolia, já eram motivos que o levariam a propor a existência de moções pulsionais que fugiam à égide do princípio de prazer, ou seja, à ideia de que o psiquismo era regulado, de tal forma, que todo desprazer - elevação de uma tensão provocada por um estímulo - resultaria em uma descarga, isto é, em um rebaixamento do nível dessa tensão psíquica, causando prazer.

A ideia da pulsão agressiva foi uma noção introduzida por Adler em 1908, inicialmente rejeitada por Freud. Embora ele já tivesse evidenciado a extensão das tendências e dos comportamentos agressivos - como na análise do pequeno Hans - ele questiona essa abordagem por não a caracterizar como pulsão. Contudo, esse conceito - pulsão agressiva (*Aggressionstrieb*) - vai ser retomado por Freud em 1920 no quadro dualista pulsões de vida/pulsões de morte, como um aspecto da pulsão de destruição. Já a pulsão de dominação, que aparece pela primeira vez nos *Três Ensaios* referida à origem da crueldade infantil, aparece, posteriormente, intrinsecamente ligada à sexualidade. Assim, também no artigo “A predisposição para a neurose obsessiva”(1913), ela surge a propósito da relação atividade-passividade predominante na fase anal-sádica. Já no seu ensaio metapsicológico sobre as pulsões, Freud (1915/2013) indica o aparelho muscular como suporte da pulsão de dominação, desenvolvendo pela primeira vez sua tese sobre sadismo-masoquismo, onde o alvo primeiro do sadismo é definido como a humilhação e a dominação pela violência.

Em 1920, com a introdução da noção de pulsão de morte, o masoquismo e o sadismo, concebidos como avatares dessa dimensão pulsional, têm a ênfase não mais na dominação, mas, sim, na destruição. A pulsão de morte, como pulsão de destruição, manifesta-se inicialmente, para Freud, quando dirigida ao mundo externo ou em relação a outros seres vivos. Posteriormente, Freud vai incluir na pulsão destrutiva a autodestruição (*Selbstdestruktion*). Desse modo, a partir da constatação da ocorrência desses direcionamentos pulsionais, Freud conclui que o prazer e o desprazer não poderiam ser somente referidos à ideia quantitativa, havendo também um fator qualitativo em jogo: “Parece-me que eles não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica própria que só podemos descrever como qualitativa” (FREUD, 1924/2016, p. 289).

Já a ambivalência foi um termo criado por Bleuler, que a considerava um dos quatro sintomas preponderantes nas esquizofrenias. Eugen Bleuler foi um psiquiatra suíço, inventor

dos termos esquizofrenia e autismo. Um grande pioneiro da psiquiatria, “concluiu após muitos anos de estudo, que a mais comum entre as formas da esquizofrenia, era na verdade a forma latente, aquela que nunca se tornava visível como loucura” (LEADER, 2013, p. 19). Segundo Roudinesco (1997, p.79), Bleuler foi o primeiro a propor que se integrasse o pensamento freudiano ao saber psiquiátrico. A partir da noção de autoerotismo - criada por Havelock Ellis e adotada por Freud – Bleuler evidenciou a noção de autismo. Para Bleuler, a ambivalência se manifestava em três domínios distintos: o Voluntário, em que o indivíduo quer, por exemplo, comer e não comer ao mesmo tempo, o Intelectual, quando uma proposição e o seu contrário são enunciadas simultaneamente, e o Afetivo, quando o amor e o ódio são dirigidos para a mesma pessoa em um só movimento. Bleuler acaba por privilegiar a ambivalência afetiva e é este o sentido que Freud utiliza (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p.49).

Na obra de Freud, o termo ambivalência aparece pela primeira vez em “A dinâmica da transferência” (1912), relativo ao fenômeno da transferência negativa. Posteriormente, em “As pulsões e seus destinos” (1915), Freud alude a esse termo ao falar sobre o par de opostos passividade-atividade. Contudo, é mais próximo do final de sua obra que Freud vai dar maior relevância a essa noção, quando em sua clínica vai abordar as raízes do conflito pulsional no Édipo como um conflito de ambivalência. Na teoria de Melanie Klein³, o termo ambivalência, na noção de pulsão, era essencial, de modo que o amor do objeto não se separa de sua destruição. Vemos aqui uma consonância do pensamento de Klein com o pensamento de Freud, que considera como o protótipo da ambivalência o par antitético amor/ódio. Freud ressalta a anterioridade do ódio em relação ao amor, vê no ódio uma relação objetal mais antiga que o amor, além de se deter sobre a relação entre o masoquismo e o sadismo, diante da qual, em 1920, levanta a possibilidade de um masoquismo primário, questão de máxima importância em sua elaboração do conceito de pulsão de morte.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a pertinência e a importância, no estudo da sexualidade humana, da relação do par de opostos sadismo e masoquismo foram colocadas por Freud. Alguns anos depois, ele voltou a esse assunto com a intenção de reformular algo que havia sido exposto naquela época, a questão da existência ou não de um masoquismo primário, que posteriormente revelou-se um conceito fundamental decorrente da hipótese da pulsão de morte.

³ KLEIN, Melanie, *Psicanálise da Criança*, 1932. Ed. Mestre Jou, SP, 1975.

Além dos artigos já citados, esse assunto foi abordado por Freud em vários outros, como o ensaio de 1919, *Bate-se numa criança*, que descreveu em uma carta a Ferenczi como “um artigo sobre o masoquismo”, e, sobretudo, em *Além do princípio de prazer*, como já mencionamos, onde é levantada a hipótese do masoquismo primário. Em 1923, em *O Eu e o Isso*, o masoquismo primário é explicado a partir dos processos de fusão e des fusão (*Vermischung und Entmischung*) pulsional, mas é somente em 1924, no artigo “O problema econômico do masoquismo”, que Freud o considera, definitivamente, como estruturante da organização subjetiva.

A princípio, Freud não considerava a existência de um masoquismo primário, apenas o masoquismo que derivava de um sadismo já existente nas pulsões sexuais. Em *Além do princípio de prazer*, já considera a hipótese da existência de um masoquismo primário:

O masoquismo, o retorno da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, uma volta a uma fase anterior dessa pulsão, uma regressão. Em um ponto, a exposição que fizemos na época sobre o masoquismo precisaria ser corrigida naquilo que ela tem de demasiado exclusiva; o masoquismo poderia também, o que lá eu queria contestar, ser um masoquismo primário (FREUD, 1920/2020, p. 181).

Freud parte da hipótese de que a pulsão de morte é a pulsão dominante nos organismos vivos multicelulares, enquanto a libido - energia das pulsões de vida - tenta tornar inócua a dimensão destruidora, inerente à pulsão de morte. Essa operação é realizada desviando para fora uma quota de energia pulsional, com o auxílio do sistema muscular, direcionada aos objetos do mundo externo: “A pulsão é então chamada de pulsão destrutiva, pulsão de domínio, ou vontade de poder” (FREUD, 1920/2020, p. 204). Porém, ressalta Freud, quando uma parte dessa pulsão é colocada a serviço da pulsão sexual, constitui-se o *sadismo* propriamente dito. Nesse processo, uma porção da pulsão de morte não compartilhará dessa transposição para fora, permanecendo represada no eu, o que Freud identifica como masoquismo erógeno ou primordial. Nessa concepção, ele levanta a hipótese de uma fusão e amalgamento das duas classes de pulsões, em proporções variáveis, de modo que “jamais temos que lidar com pulsões de vida puras ou pulsões de morte puras, mas apenas com a mistura delas” (FREUD, 1920/2020, p. 205). Freud destaca tanto um sadismo primário quanto um masoquismo como formas operantes da pulsão de morte, comentando que “pode-se dizer que a pulsão de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntica ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transportada para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu o masoquismo erógeno propriamente dito” (FREUD, 1920/2020, p. 205).

Quatro anos após a publicação de *Além do princípio de prazer*, em seu artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924/2016), Freud distingue três formas de masoquismo: (1) um masoquismo erógeno ou primário, onde Freud busca suas bases em linhas biológicas e constitucionais, sendo a forma de masoquismo que acompanha a libido por todas as fases de desenvolvimento; (2) o denominado por Freud como masoquismo feminino. Ele ressalta ser a forma mais facilmente observável por estar intimamente ligada às fantasias, e (3) o chamado de masoquismo moral, que é o que mais se afasta da satisfação sexual como alvo, mas Freud sublinha que apesar desse afastamento ela não deixa a condição de ser uma pulsão destrutiva que se voltou contra o próprio Eu.

Assim, constatamos que ao longo da obra freudiana a pulsão de morte se anuncia desde o início sob vários aspectos, como discorremos acima; entretanto, a pulsão de morte para Freud é a evidência do que há de mais fundamental na pulsão - o retorno a um estado anterior, ao repouso absoluto do inorgânico. As mudanças causadas em sua teoria pulsional, desde seu artigo sobre o narcisismo (1914) e a introdução do conceito de pulsão de morte em 1920, resultando na concepção de seu segundo dualismo pulsional, levam Freud a escrever *O Eu e o Isso* (1923). Esse ensaio é apresentado como ápice de uma reavaliação teórica iniciada há uma década, desde os estudos do caso Schreber(1911), onde iniciou a construção de uma teoria mais consistente sobre o recalque. Esse é considerado como o último período metapsicológico na teoria freudiana. Em *O Eu e o Isso* (1923), com a nova apresentação do aparelho psíquico, Freud consolida e esclarece noções que foram desenvolvidas anteriormente. A evolução do conceito de Eu e a nova concepção da teoria pulsional - onde as pulsões do Eu são absorvidas pelas pulsões de vida que se opõem às pulsões de morte - conduzem-no a remodelações em seus postulados. Se na primeira tópica o conflito era entre o pólo consciente e o pólo inconsciente, a partir de 1920-23, esse conflito é definido entre o pólo pulsional e o Eu.

Freud dedica o capítulo IV de seu ensaio de 1923 para tratar das duas classes de pulsões, sob os postulados de sua nova teoria pulsional e de sua segunda tópica do aparelho psíquico, dando continuidade às ideias lançadas em 1920. As duas classes de pulsão - *Eros* (sexuais) e *Tânatos* (de morte) - existiriam ativas no Isso, de modo que, de forma regular e extensiva, elas se fundem e se ligam uma a outra. Ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas perturbado pelo surgimento da vida. Desse modo, “o surgimento da vida seria [...] a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do

esforço no sentido da morte” (FREUD, 1923/1977, p. 56). Mas a ideia de fusão pulsional lança uma outra possibilidade: a de desfusão. Freud aponta o componente sádico da pulsão sexual como exemplo clássico dessa fusão, e o sadismo, quando independente - no sentido de exclusividade no seu modo de satisfação – manifestando-se como perversão, sendo um caso típico de desfusão.

Dessa forma, partindo da ideia de fusão-desfusão (*Vermischung – Entmischung*), Freud ressalta que todas as proporções de forças pulsionais podem ser concebidas entre *Eros* e agressividade e que modificações nessas proporções apresentam resultados tangíveis, como “um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto numa nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado ou impotente” (FREUD, 1938/1974, p. 174). Porém, ao referir-se à transformação de uma atitude hostil em erótica, ou o inverso, Freud a atribui a fatores econômicos. Pela impossibilidade de uma descarga pulsional se dar via atitude agressiva, ela é substituída por uma atitude amorosa para a qual existe possibilidade de satisfação. Contudo, Freud adverte que somente uma explicação pelo fator quantitativo não é suficiente para sustentar esse processo: nessa transformação, um fator qualitativo é relevante. A partir dessa ideia, supõe que haveria uma energia deslocável, neutra, que poderia ser adicionada tanto à pulsão erótica quanto à pulsão destrutiva.

Ainda de modo especulativo, Freud supõe que essa energia deslocável seria libido dessexualizada, retida pelo Eu no processo de constituição do narcisismo secundário, “ela também pode ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de *Eros* – a de unir e ligar” (FREUD, 1923/1977, p. 61). Sendo assim, essa energia dessexualizada auxiliaria na tendência egóica à unidade. Ou seja, essa dessexualização que implica uma transformação da libido erótica em libido do Eu e envolve, portanto, um abandono dos objetivos sexuais, denota uma importante função do Eu em relação a *Eros*, em que “a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do Eu” (FREUD, 1923/1974, p. 61).

Seguindo esta linha de raciocínio, Freud atesta uma espantosa conclusão, de que nesse processo em que o Eu se apodera da libido investida nos objetos - erigindo-se como único objeto de amor e dessexualizando ou sublimando a libido do Isso - ele trabalha também, em parte, em oposição a *Eros*, colocando-se a serviço das pulsões de morte. A partir desse conflito pulsional, concluímos a importância de não podermos pensar nos dois grandes grupos pulsionais separadamente. A existência de um implica a existência do outro, que estão em

uma relação de fusão em proporções variáveis, onde o processo de defusão redundava em um funcionamento separado das duas espécies de pulsão, dando a cada uma a autonomia quanto a seu alvo. Freud ressalta que “somos levados a concluir que as pulsões de morte são, por sua natureza, mudas, e que o clamor da vida procede, na maior parte de *Eros*” (FREUD, 1923/1974, p. 62). Na verdade, adverte ele, é mediante a intervenção de *Eros* que as pulsões destrutivas são desviadas do Eu e dirigidas para o mundo externo.

Freud, portanto, não desiste da ideia do conflito existente entre dois pólos pulsionais, e Lacan, em 1954, faz a seguinte observação sobre a manutenção do dualismo na teoria freudiana da pulsão:

Ele quis a qualquer preço salvar um dualismo, no momento em que este dualismo estava derretendo em suas mãos, e quando o eu, a libido etc., tudo isso formava uma espécie de vasto todo que nos trazia de volta a uma filosofia da natureza (LACAN, 1954/1983, p. 54).

1.2 Lacan e a pulsão

Se no início do ensino de Lacan há, como ressalta J-A. Miller, uma proscrição da pulsão, podemos atribuir a essa, na verdade, uma tentativa de redução da pulsão ao simbólico. Nas primeiras décadas do ensino de Lacan, constatamos uma primazia do simbólico, em que o conceito de desejo articulado a uma rede de significantes protagonizava sua construção teórica. Contudo, quando utiliza o termo desejo no “Relatório de Roma”, este teria uma certa contiguidade com a pulsão freudiana. “O que Lacan chamará de desejo era o que da pulsão, selvagem ou autoerótica, era suscetível de reconhecimento pelo outro” (MILLER, 2005, p. 55).

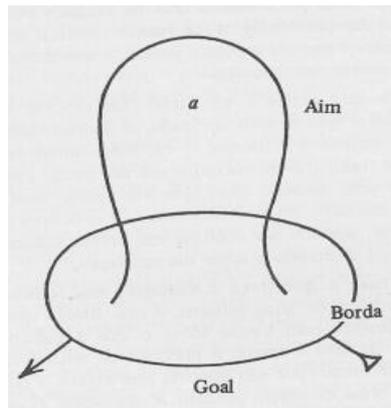
Desse modo, Lacan falava, na época, de humanização do desejo. Somente, em 1964, em seu seminário 11, e em seu artigo “Posição do Inconsciente” que a pulsão assume um outro estatuto no pensamento lacaniano. Lacan confere à pulsão, nesse seminário, a categoria de conceito fundamental da psicanálise, comentando de forma detalhada o ensaio metapsicológico de Freud “A pulsão e seus destinos” (1915). Mas se em Freud encontramos a busca de um fundamento biológico para expor em seu pensamento o que é da ordem do pulsional, Lacan rechaça qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, sublinhando

que um dos fatores que impossibilita este tipo de assimilação é a *kosnstante Kraftpulsional*: “A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo”(LACAN, 1964/1985, p.157), e prosseguindo no seu pensamento enfatiza, como já indicamos anteriormente, que a ideia freudiana da pulsão indica que “ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (p. 157). Assim, se marca uma virada em seu pensamento na visada dada à pulsão, destacando que a pulsão é o encontro da linguagem com o corpo vivente, tornando possível a emergência do sujeito desejante. Desse modo, evidencia a ligação entre energia pulsional e castração e, por conseguinte, entre gozo e castração.

A leitura lacaniana da pulsão o leva a descrevê-la como uma montagem surrealista, pois não obedece a nenhum padrão de resposta desencadeada por um estímulo específico, como o que acontece no caso do campo instintual. Em consonância com a ideia freudiana, destaca que a gramática pulsional não tem no objeto sua finalidade, esta será sempre sua satisfação, que será parcial. A função do objeto é de viabilizar a descarga pulsional, por isso, nessa operação o objeto é meramente contingencial, indeterminado, intercambiável, indicando, dessa forma, a impossibilidade de apreensão de um objeto totalizante, que possibilite uma satisfação absoluta, o que faz Lacan afirmar que essa impossibilidade se deve ao fato de que “é o estatuto do objeto *a* enquanto presente na pulsão” (LACAN, 1964/1985, p.175).

Desse modo, é importante ressaltar que o conceito de objeto *a* desenvolvido por Lacan explora esta característica do objeto introduzida pela experiência freudiana. No pensamento lacaniano, podemos identificar nessa conceituação o objeto causa de desejo, na medida em que o objeto, como ressalta Lacan em seu retorno a Freud, “é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido” (LACAN, 1964/1985, p. 170). O objeto é introduzido não como algo que satisfará uma pulsão, mas, sim, como o fato de que não há nenhum objeto capaz de satisfazê-la, é introduzido como falta de objeto; por isso, a ideia de que a pulsão não o atinge, mas o contorna. “Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando o objeto eternamente faltante” (LACAN, 1964/1985, p. 170).

Figura 1 - Circuito pulsional



Fonte: LACAN, 1964/1985, p. 169.

O gráfico acima, exposto por Lacan em 1964, em seu seminário 11, ilustra o circuito pulsional. Nele, *aim* é o trajeto da pulsão que contorna o objeto representado pelo *a* e *goal* é o alvo, ressaltando a estrutura de borda da pulsão: “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo, que em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/1985, p. 170).

Devemos enfatizar, que um dos pontos mais importantes, na análise de Lacan do texto metapsicológico de Freud sobre as pulsões, é quando o psicanalista francês traz a ideia da pulsão acéfala. Desse modo, se permite a visada, se assim podemos dizer, mais próxima do real da estrutura de uma pulsão, pelo viés do que é o objeto pulsional: “o objeto da pulsão deve ser situado no nível do que chamei metaforicamente uma subjetivação acéfala. Uma subjetivação sem sujeito, um osso, uma estrutura, um traçado, que representa uma face da topologia” (LACAN, 1964/1985, p.175). Nessa reflexão de Lacan em que ele propõe uma subjetivação acéfala, ou seja, uma subjetivação sem sujeito, num primeiro momento nos parece paradoxal e mesmo contraditório, mas que se torna mais claro quando ele destaca na letra freudiana a reversão como o caráter fundamental do circuito pulsional, ou seja, “o que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura” (LACAN, 1964/1985, p.168), destacando que é nessa reversão que o sujeito do inconsciente emerge.

Podemos observar que os destinos da pulsão descritos por Freud são tributários de artifícios gramaticais (como: ver e ser visto), mas Lacan nos adverte que essas inversões não consistem meramente num jogo de papéis em que há uma troca de posição subjetiva (ativo em passivo por exemplo), mas sim que uma pulsão até então acéfala produz, na reversão, a emergência do sujeito, pois o que entra em jogo, nessa operação, é o objeto enquanto

ausência, é aquilo que cai, que resta nessa operação, o objeto *a*. Como por exemplo no caso do voyeurismo/exibicionismo, é na reversão, de um ao outro, que o sujeito emerge a partir de um objeto que se ausentifica, portanto a partir da falta do objeto, nesse caso o objeto é o olhar como causa de desejo, o que leva Lacan a concluir que: “o que se olha é aquilo que não se pode ver” (LACAN, 1964/1985, p. 173) pois “o olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva” (p.74) que se traduz como angústia de castração.

Também, nesse ano, Lacan articula as operações de alienação e separação, como dois processos de subjetivação, integrando a estrutura da pulsão à estrutura das formações do inconsciente, considerando os dois campos que ele estabelece: o do sujeito e o do Outro. Sendo o segundo o “lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito”, e enfatiza que “é do lado desse vivo, chamado subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão” (LACAN, 1964/1985, p. 194).

Dessa forma, é pelo processo de alienação do sujeito no campo dos significantes, isto é, do Outro, que se faz possível a inscrição da pulsão na subjetividade, pulsão que será sempre parcial, pois não há representação para “a totalidade da *Sexualstrebung*, da tendência sexual” (LACAN, 1964/1985, p. 194). E se a operação de alienação diz respeito à própria operação significante que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão, nessa hiância entre significantes, a separação é o encontro do sujeito com a falta, considerando-se a impossibilidade de haver um significante que represente integralmente sua falta-a-ser. Portanto, é pela operação da separação que o desejo se constitui.

É em seu escrito *Posição do Inconsciente* no Congresso de Bonneval, em 1960, que Lacan, ao referir-se a essas duas operações constitutivas do sujeito - alienação e separação -, assinala que a alienação reside na divisão do sujeito, em que um significante representa um sujeito para outro significante, sendo essa a única forma que o registro do significante se constitui como campo do Outro, que é para o sujeito o lugar de sua causa significante. Por sua vez, é pela separação que essa causação do sujeito se fecha, ou seja, é por essa via que “o sujeito se realiza na perda em que surgiu como inconsciente, mediante a falta que produz no Outro, de acordo com o traçado que Freud descobriu como sendo a pulsão mais radical, e que ele denominou de pulsão de morte” (LACAN, 1966/1998, p.857). Dessa forma, constatamos que, a partir das reflexões de Lacan sobre as duas operações fundamentais da constituição

subjetiva, o que está em jogo são pulsões de vida (alienação) e pulsão de morte (separação). Porém, Lacan concilia essas duas faces da pulsão, defendendo a ideia de que há uma afinidade essencial de toda pulsão com a “zona da morte”, pois ao mesmo tempo que a pulsão presentifica a sexualidade no inconsciente, representa, em sua essência, a morte. O que o leva a concluir que “ toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (LACAN, 1966/1998, p.863).

Mas Lacan, para chegar a essa conclusão, já havia priorizado em 1954 um texto freudiano de 1925 intitulado *Die Verneinung*, essencial para a evolução de seu pensamento sobre o conceito de pulsão e que ele nos convoca a retomar. Neste texto, Freud defende uma tese partindo da suposição de uma constituição psíquica originária, em que duas atividades fundamentais operam - a introjeção no Eu (*Einbeziehung ins Ich*) e a expulsão para fora do Eu (*Ausstossung aus dem Ich*): “Sua polaridade parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões supostos por nós. A afirmação [*Bejahung*] – como substituto da união – pertence a Eros; a negação, sucessora da expulsão – pertence à pulsão de destruição” (FREUD, 1925/2016, p.309).

É a partir dessa concepção, à qual Lacan retorna nos escritos de Freud, enfatizando a sua importância teórica, que convergiremos para o que Freud estabeleceu como os dois princípios que regem o psiquismo humano: o princípio de prazer e o princípio de realidade

1.3 Os dois princípios que regem a vida psíquica no pensamento psicanalítico

Na presente pesquisa, a importância de tratarmos dos dois princípios, destacados por Freud como fundamentais na vida psíquica, deve-se ao fato que tanto para o criador da psicanálise quanto para Lacan eles são bases imprescindíveis na construção do escopo da teoria psicanalítica. Dessa forma, ao abordá-los, a articulação de conceitos pertinentes a nossa tese se torna mais clara. Assim, tanto a sublimação quanto a definição de gozo para Lacan estão relacionadas a esses princípios.

Quando Freud publica *Além do princípio de prazer*, em 1920 - ensaio considerado o *turning point* da teoria psicanalítica -, com a introdução do conceito de pulsão de morte, ele coloca em pauta um dos mais fundamentais postulados de seu pensamento: o princípio de prazer. Ao colocar em xeque o princípio que acreditava hegemônico no psiquismo humano,

Freud é levado a produzir, três anos mais tarde, sua segunda metapsicologia, partindo de seu ensaio *O Eu e o Isso*. É importante ressaltar, que nesse texto, Freud já imbuído da ideia da incidência psíquica de uma dimensão pulsional esvaziada da tensão sexual, vai reafirmar a ideia lançada em 1914, da dessexualização concernente à sublimação, agora sob a perspectiva da existência de uma pulsão dita de morte:

A transformação da libido objetal em libido narcísica, que ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe outra meta (FREUD, 1923/2011, p.37).

A teoria freudiana vai sofrer alterações sob essa nova perspectiva pulsional, como, por exemplo, quando Freud repensa sua teoria da angústia. Inicialmente, ele acreditava que a angústia era gerada pelo recalque, ou seja, a partir do momento que uma ideia era recalcada, o afeto ligado a ela, ao se desligar, se transformava em angústia. Já em “Inibição, sintoma e angústia” (1926/2014), essa noção é reformulada, sendo apresentada a sua segunda teoria sobre a angústia, quando conclui que ela não é resultado de um processo de recalque, mas um afeto desencadeado no Eu como um sinal, que tem o recalque como um mecanismo que tenta evitá-la, concluindo que toda a angústia é angústia de castração.

Uma vez atribuí certo valor à explicação de que o investimento retirado no curso do recalque é que seria utilizado para descarga da angústia. Hoje isso não me parece digno de atenção. A diferença está em que antes eu acreditava que a angústia sempre surgia automaticamente, por um processo econômico, enquanto a atual concepção da angústia como um sinal emitido pelo Eu para influir sobre a instância prazer-desprazer nos torna independentes dessa concepção econômica (FREUD, 1926/2014, p.82).

Assim, também a concepção freudiana sobre o masoquismo, com a introdução do conceito da pulsão de morte, sofre alterações, como já discorremos acima. Inicialmente, Freud supunha um sadismo originário de onde um masoquismo se constituiria como resultado de uma reversão pulsional, de tal forma que a pulsão destrutiva dirigida ao mundo externo retornaria ao eu. Essa ideia se modifica com a suposição de um masoquismo primário, segundo a qual o retorno da pulsão contra o próprio Eu na realidade é a volta dessa pulsão a uma fase anterior, tratando-se de uma regressão. Freud retoma essa concepção sobre o masoquismo, como já assinalado anteriormente, em 1924, ao escrever seu artigo “O problema econômico do masoquismo”, com reflexões mais profundas, reafirmando a existência de um

masoquismo primário como estrutural na organização libidinal subjetiva, o que testemunha a existência da fusão das duas dimensões da pulsão – pulsões de vida e pulsão de morte. Portanto, certos conceitos freudianos que pareciam já sedimentados e estabelecidos sofrem um abalo com sua nova descoberta, que foi defendida enfaticamente, enfrentando, inclusive, a resistência de seus pares analistas. Mas Freud, diante de um novo achado clínico que gerava mudanças em sua teoria, não cedia às resistências e obstáculos que se opunham a um novo postulado, o que o fez afirmar, posteriormente, em relação ao conceito de pulsão de morte: “No início, defendi os pontos de vista aqui apresentados apenas de forma hesitante, mas no decorrer do tempo, eles adquiriram tal poder sobre mim que não consigo mais pensar de outra maneira”(GAY, 1988, p. 369).

Ao escrever o artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911), Freud tem como objetivo principal apresentar de forma descritiva a distinção entre os princípios reguladores, princípio de prazer-desprazer e princípio de realidade, correlatos, respectivamente, aos processos psíquicos primário e secundário. Ressaltamos, porém, que essa ideia vinha sendo elaborada desde o *Projeto*, em 1895, e que foi posteriormente examinada no sétimo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, em 1900.

Freud parte, portanto, da suposição de que existem dois processos no funcionamento da vida psíquica, um primário e outro secundário. Fundamenta essa ideia em sua primeira concepção típica de 1900, onde apresenta o aparelho psíquico composto por três sistemas específicos: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, em que cada qual é definido por funções distintas e leis diferenciadas. Freud postula que, sob um ponto de vista topológico, o processo primário caracteriza o inconsciente, enquanto o secundário caracteriza tanto o sistema pré-consciente quanto o consciente. No aspecto econômico-dinâmico, enquanto no processo primário a energia pulsional é livre, ou seja, circula livremente entre um representante psíquico e outro, através dos mecanismos de deslocamento e condensação, no processo secundário a energia pulsional está ligada a determinadas representações, a satisfação é adiada e a pulsão sofre diferentes destinos. A partir do estudo da formação dos sintomas e principalmente na análise dos sonhos, Freud indica os mecanismos próprios desses dois processos, ressaltando o funcionamento do inconsciente em oposição aos processos de pensamento.

O processo primário esforça-se por ocasionar uma descarga de excitação a fim de que, com o auxílio da quantidade de excitação assim acumulada, possa estabelecer uma ‘identidade perceptiva’ [com a experiência de satisfação]. O processo

secundário, contudo, abandonou esta intenção e tomou outra em seu lugar – o estabelecimento de uma identidade de pensamento’ [com aquela experiência] (FREUD, 1900/1974, p. 640).

Como já ressaltamos, a oposição entre processo primário e processo secundário é correlata à diferença entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A noção de princípio de prazer é fundamental, sendo articulada ao longo de toda a obra de Freud, e trata-se de um princípio econômico na medida em que o desprazer significa o aumento da quantidade de excitação provocada por um estímulo e o prazer a sua redução. Esse princípio, portanto, desde o início é apresentado como a tendência da energia pulsional à descarga resultando na obtenção de prazer. Esse, nos diz Freud, seria o propósito dominante que rege o processo primário.

Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por esses processos primários é fácil de reconhecer, ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer [*Lust-Unlust*] (FREUD, 1911/1974, p. 278).

Devemos levar em conta que é sob o ponto de vista da análise da estrutura neurótica que Freud estabelece os dois princípios do funcionamento da vida psíquica. Desse modo, enquanto pulsões regidas sob o princípio de prazer escoam livremente demandando uma descarga imediata, um outro princípio aparece modificando o primeiro, transformando essa energia livre em ligada: o princípio de realidade. Este se impõe como um princípio regulador, assim, a satisfação pulsional já não se dá de forma imediata, mas é desviada e adiada em função das exigências do mundo externo. Porém, a passagem do princípio do prazer para o de realidade não significa uma substituição, nem tampouco uma supressão, pois as pulsões sexuais continuam sob o domínio do princípio de prazer, circulando livremente no sistema inconsciente. No ensaio *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020) assinala que é o princípio de prazer que define o propósito da vida, é ele que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início e, assim, “não pode haver dúvida sobre a sua pertinência, e, no entanto, o seu programa está em conflito com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo” (p. 320).

Lacan, em seu seminário 7, no capítulo que reserva à análise dos dois princípios, ressalta que a noção de prazer encontrou, através dos tempos, várias modulações. Como na *Ética a Nicômaco*, principal obra sobre a ética, de Aristóteles, onde o filósofo grego expõe sua concepção teleológica de racionalidade prática, sua concepção da virtude como mediania

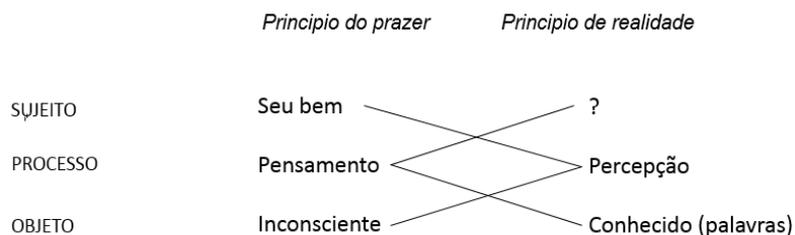
e suas considerações acerca do papel do hábito e da prudência na *Ética*. Nos primeiros capítulos, sobretudo o capítulo 5 do livro X desta obra, Aristóteles dedica a discorrer sobre o que é o prazer. Para defini-lo toma a sensação visual como paradigma, pois, assim como ela, o prazer é uma ação completa e própria de nosso estado natural:

A sensação visual parece ser completa em todos os momentos, pois não lhe falta nada que, surgindo posteriormente, venha completar-lhe a forma; e o prazer também parece ser dessa natureza. Porque ele é um todo, e jamais se encontra um prazer cuja forma seja completada pelo seu prolongamento (ARISTÓTELES, 1991, p. 224).

Aqui o prazer é levado para o centro do campo de sua direção ética, é uma atividade, como ressaltava Lacan: “o prazer em Aristóteles é o sinal do desabrochamento de uma ação” (LACAN, 1960/1988, p. 39). Distintamente dessa ideia, sublinha Lacan, o princípio de prazer, em Freud, inicialmente é articulado como um princípio de inércia, de modo que uma quantidade de energia tende à descarga destinando-se a escoar-se, porém, essa descarga terá sempre um caráter reduzido.

Sobre a oposição entre os dois princípios, Lacan ainda destaca que, mais do que uma oposição, é um funcionamento de retificação do princípio de realidade em relação ao princípio de prazer. Ele retoca, retém, compensa o que é da ordem dessa pressão constante e imperativa em busca de satisfação, proveniente das pulsões governadas pelo princípio de prazer. Lacan ressaltava que, na verdade, um princípio se constitui a partir do outro: “se seguimos a realidade, é justamente porque o princípio de realidade é um princípio de prazer diferido. Inversamente, se o princípio de prazer existe é consonante com alguma realidade – esta realidade é a realidade psíquica” (LACAN, 1954-55/1983, p. 81). É num entrecruzamento que esses dois princípios se articulam e Lacan o demonstra do seguinte modo:

Figura 2 – Esquema de princípio do prazer e princípio de realidade



Fonte: LACAN, 1954-55/1983, p. 47.

No quadro acima, Lacan (1954-55/1983) situa o pensamento submetido ao princípio de prazer, porém não governado por este e sim pelo princípio de realidade. Ele adverte que a apreensão dos processos de pensamento, exercida nas vias do inconsciente, só se dá pelas palavras, em consonância com Freud, que já apresenta essa suposição desde o *Projeto*. Os pensamentos só nos são conhecidos, só é possível se tornarem conscientes, quando são verbalizados. Ou seja, a única maneira de apreender o que é da ordem do inconsciente é a partir da articulação do pensamento em palavras. A percepção, por sua vez, está submetida ao princípio de realidade, mas governada pelo princípio de prazer, e sua atividade é alucinatória, ficcional. A experiência do sujeito irá corresponder à oposição entre pensamento e percepção produzindo a única realidade possível ao sujeito, a realidade psíquica.

Lacan situa que aquilo que se apresenta ao sujeito como substância ao nível do princípio de prazer é o seu bem. Esse bem não diz respeito ao Bem Supremo, aristotélico, segundo o qual o sujeito estaria inserido em uma ordem moral, conformado a uma ética universal, mas diz respeito à singularidade do sujeito, ao *Wunsch*, que não tem um caráter de lei universal:

Esse *Wunsch*, nós o encontramos, em seu caráter particular irredutível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, mas uma experiência derradeira, de onde ele jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irredutível (LACAN, 1960/1988, p. 35).

Não há um correspondente a esse bem, ao qual Lacan se refere em seu esquema, que esteja governado pelo princípio de realidade, portanto o ponto de interrogação. Esse ponto é o ponto vazio, enigmático, ao qual o prazer se articula na relação do homem com a realidade. Se supormos que é no entrecruzamento do princípio de prazer e princípio de realidade que a fantasia se situa constituindo a realidade psíquica, podemos concluir que o que vem a ocupar o lugar desse ponto de interrogação é justamente, a formação fantasística, protótipo simbólico da constituição psíquica.

1.4 Repetição: do fenômeno ao conceito

Inicialmente, em sua prática clínica, Freud lançava mão do recurso da hipnose, técnica empregada para romper bloqueios psíquicos que não permitiam que certas lembranças viessem à consciência. Acreditava que a neurose ocultava uma verdade traumática esquecida e que, sob hipnose, o paciente recordaria, preenchendo, assim, lacunas da memória, ideia de onde viria o célebre aforismo: “É sobretudo de reminiscências que sofre a histérica” (BREUER; FREUD, 1895/1974). Posteriormente, em seu artigo considerado o mais importante sobre a técnica psicanalítica, “Lembrar, repetir e perlaborar” (1914), Freud faz uma observação que diz respeito ao ‘esquecer’, de extrema relevância, sendo este um dos motivos que o fez abandonar a hipnose:

O esquecimento de impressões, cenas e vivências geralmente se reduz a um ‘bloqueio’ delas. Quando o paciente fala desse ‘esquecido’, raramente ele deixa de acrescentar a seguinte afirmação: Na verdade, eu sempre soube disso; mas não pensava nisso (FREUD, 1914/2016, p. 152).

Mas não podemos deixar de assinalar que foi nove anos antes do artigo de 1914, por ocasião do caso Dora (1905), que Freud se defrontou com esse novo fenômeno clínico – a repetição (*Widerholung*) - do qual na época não se deu conta, só podendo chegar a essa conclusão posteriormente. Como assinala o escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza, em seu livro *Acaso e repetição em psicanálise* (1986), enquanto Freud se preocupava com as recordações dos acontecimentos passados do paciente, este desenvolvia um outro mecanismo, não tão evidente, mas igualmente importante, do qual Freud na época da análise de Dora ainda não suspeitava: a repetição em ato, o *acting-out*. O que fez com que Freud afirmasse, ainda no artigo de 1914: “o analisando não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalado, mas ele atua com aquilo. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber que o repete” (FREUD, 1914/2016, p. 154).

A repetição passa a ter um lugar de destaque na clínica freudiana, pois indica que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. A transferência passa a ser considerada por Freud como um fragmento da repetição. O que se manifesta na relação transferencial é a repetição de protótipos infantis, por meio da qual o analista toma o lugar da imago paterna ou materna, e a repetição em ato passa a ser compreendida como resistência à regra fundamental, resistência à associação livre. Desse modo, é no artigo de 1914 que Freud desenvolve pela primeira vez, de forma mais precisa, o conceito de repetição, que ele articula com a rememoração. A repetição neste momento aparece como reprodução ou como presentificação em ato.

[...] são as resistências que irão definir a sequência daquilo a ser repetido. [...] Ouvimos, então, que o analisando repete sob as condições da resistência; agora podemos perguntar o que de fato ele repete ou atua. A resposta diz que ele repete tudo que já se impôs a partir das fontes do seu recalçado em sua essência evidente, suas inibições e posições inviáveis, seus traços de caráter patológicos. Pois ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento (FREUD, 1914/2016, p. 156).

Nesse período, ainda sustentando seu primeiro dualismo pulsional, Freud polariza o conflito entre pulsões sexuais e pulsões do Eu e a repetição aparece a serviço do princípio de prazer. Supõe que o trauma é tamponado pela tendência a uma homeostase subjetivante que orienta esse princípio. Já em 1920, em seu ensaio *Além do princípio de prazer*, através da análise de fenômenos da repetição – sua manifestação no sintoma, na transferência, nas brincadeiras infantis e nos sonhos traumáticos - formula a hipótese de que uma repetição que opera insistentemente, mesmo sendo de uma experiência desprazerosa, indica uma tendência que iria necessariamente além do princípio fundamental que propusera classicamente para o psiquismo.

As manifestações de uma compulsão à repetição que descrevemos nas atividades precoces da vida anímica infantil, assim como nas vivências do tratamento psicanalítico, exibem em alto grau, o caráter pulsional, e quando se encontram em oposição ao princípio de prazer, o caráter demoníaco.[...] e devemos supor que o medo obscuro daqueles não familiarizados com a análise, isto é, dos que temem despertar algo que em sua opinião seria melhor deixar dormindo, seja, no fundo, o mesmo que temer a emergência dessa compulsão demoníaca (FREUD, 1920/2020, p. 130).

Desse modo, Freud se viu obrigado a rever seu postulado de que o aparelho psíquico operaria sob a hegemonia do princípio do prazer e, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte, foi possível estabelecer seu segundo dualismo pulsional. Freud lançou a hipótese de que a pulsão de morte se expressa pela natureza conservadora da pulsão, pela tendência pulsional de retornar a um estado anterior, concluindo que toda vida tem como objetivo a morte, porém a seu próprio modo: “O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências” (FREUD, 1923/1974, p. 56).

No entanto, foi em um ensaio contemporâneo à produção do *Além do princípio de prazer* e publicado um ano antes deste - *O infamiliar(das Unheimlich)* - que Freud passa a dar um outro contorno à compulsão à repetição. Freud se vê diante de um fenômeno que o faz reformular seu pensamento, a repetição do que é da ordem do desprazer, a repetição que o

leva a conceituação da pulsão de morte. Assim, constatamos que Freud descobre a repetição, primeiramente, como limite à rememoração e, posteriormente, como um fenômeno psíquico para além do princípio de prazer. Destacando uma repetição que não é a reprodução do mesmo, mas a repetição da diferença, do que é estranho ao eu.

Em uma das últimas publicações de Freud, o ensaio *Análise finita e infinita*, de 1937, ele se pergunta se há limites para a ligação (*Bindung*) das pulsões, fazendo nítida referência à impossibilidade de as “dominarmos”, principalmente se levarmos em conta a compulsão à repetição, que é inerente à pulsão. Freud é o primeiro a reconhecer a infinitude da força pulsional ao sublinhar o caráter inesgotável de seu domínio.

Assim como Freud, Lacan sublinha a pertinência do mecanismo da repetição no que concerne à pulsão, ressaltando também sua importância para a conceitualização da pulsão de morte no pensamento freudiano. Em seu seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan considera a repetição como um conceito fundamental da teoria psicanalítica e enfatiza o caráter enigmático desse mecanismo: “nada se torna maior enigma do que esse *Wiederholen* que está muito perto, no dizer dos etimólogos, do *haler* francês, do sirgar – como se faz nas trilhas de sirgagem – muito perto do sirgar do sujeito, o qual puxa sempre seu trem”(LACAN, 1964/1985, p. 53). Para dimensionar o conceito de repetição, Lacan assinala a necessidade de retomar os dois textos freudianos fundamentais, já citados: “Lembrar, repetir e perlaborar”, de 1914, e *Além do princípio de prazer*, de 1920.

No ano de 1964, Lacan, em seu seminário sobre os quatro conceitos da psicanálise, inclui a repetição entre esses pressupostos, junto com o inconsciente, a transferência e a pulsão. Referindo-se à *physis* aristotélica, extrai dessa teoria dois termos para nomear as duas dimensões da repetição: *tiquê* e *autômaton*. A elaboração do conceito de repetição, em Freud, a partir de 1920, é o que Lacan define como *tiquê*, ou seja, a dimensão da repetição como o encontro com o real que insiste em não se escrever, que está para além da repetição em seu aspecto de insistência automática da rede de significantes, que se produz em signos sob o comando do princípio do prazer, o *autômaton*.

Lacan discute a questão de como, no seio dos processos primários, assim como nos sonhos, vemos a insistência do trauma a nos fazer lembrar aquilo que reaparece, muitas vezes, com o rosto desvelado. E, ao perguntar como pode o sonho portar o desejo do sujeito e ao mesmo tempo produzir o que faz surgir em repetição - o trauma -, conclui que, por mais que o

sistema de realidade se desenvolva, deixa uma parte essencial, que é da ordem do real, prisioneira nas redes do princípio do prazer.

Para Lacan, a realidade está sempre em *souffrance*, em espera por esses encontros comandados pela repetição (*Wiederholung*). E a psicanálise, ele adverte, não nos dirige a um idealismo, à “terra prometida” onde se estabeleceria uma harmonia, a um apaziguamento pulsional, mas, sim, para uma práxis que no coração de sua experiência tem como o núcleo o real - pensamento em consonância com Freud em *Traumdeutung*, que ressalta que a realidade faltosa revelada nas manifestações inconscientes é uma realidade que não pode mais se dar senão repetindo-se.

A repetição está intimamente relacionada com o que é da ordem do recalcado, logo, repete-se porque o que foi recalcado retorna. A repetição de uma cadeia de significantes, ou seja, um contingente simbólico que dá sustentação a um imaginário consistente, é aquela provocada pelo retorno do que foi recalcado pelo processo do recalque secundário, o qual Freud designou de recalque propriamente dito (*die Verdrängung*). Por outro lado, a repetição que irrompe como pura angústia, como aquilo que nos deparamos e não temos palavras para dizê-lo, que é da ordem do recalque primário (*Urverdrängung*), é o que retorna como indizível, como inapreensível, advindo do real. Dessa forma, podemos concluir que a repetição é para o sujeito a articulação indissociável entre simbólico e real, entre inconsciente e pulsão.

O fenômeno da repetição demanda o novo, mas tudo que varia é apenas alienação de sentido. Na repetição, como para as crianças que exigem que as histórias infantis sejam contadas textualmente da mesma maneira, ou no jogo alternativo do *fort-da*, o que é visado é, essencialmente, o que não está lá enquanto representado. Sobre essa abordagem, Lacan destaca uma obra de Kierkegaard, intitulada *A Repetição*, de 1843.

Kierkegaard escreveu esse livro sob o pseudônimo de ConstantinsConstantius, que também é uma personagem da história. A história narra a dialética de um jovem diante do conflito entre manter uma paixão como fonte de inspiração para se tornar escritor ou, cumprindo sua palavra, casar-se, mantendo seu compromisso, e, desse modo, abrindo mão do que o move a escrever. Na tentativa de encontrar uma resposta, procura Constantin para aconselhá-lo e aplacar sua angústia. Em reflexões sobre ética, estética e religião, Kierkegaard dimensiona a repetição como a condição à qual estamos destinados, pois o desejado, o que nos causa, sempre escapa:

Aquele que apenas quer ter esperança é covarde, aquele que apenas quer recordar é voluptuoso, mas aquele que quer a repetição é um homem, e quanto mais energicamente for capaz de torná-la clara para si próprio, tanto maior será sua profundidade como criatura humana [...]. Se um indivíduo circum-navegou a existência, tornar-se-á evidente que tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar [...]. Sim, se não houvesse repetição, o que seria a vida? Quem poderia desejar ser uma ardósia na qual o tempo inscrevesse a cada instante um novo texto? Ou ser um memorial de coisas passadas? [...] Se o próprio Deus não tivesse querido a repetição, o mundo nunca teria surgido [...] A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência (KIERKEGAARD, 1843/2009, p. 58).

Portanto, ao analisarmos as dimensões da repetição em Lacan, somos levados a supor que a *tique* lacaniana é sustentada pela *Drang* da pulsão de morte e o *automaton* pela pressão de *Eros*. “A repetição é antes de tudo, sugerida como clivagem entre *automaton* e *tique*, entre significante e real” (MILLER, 2005, p. 170). Lacan conserva a ideia freudiana da pulsão como um retorno em direção à morte, porém é o conceito de morte que se transforma. No lugar de um retorno à origem inorgânica, Lacan sustenta esse vetoramento pulsional como efeito de uma morte simbólica, a castração. Para Lacan, essa morte é o operador fenomenológico que nomeia a suspensão do regime simbólico e fantasístico de produção de identidades. Ela marca a dissolução do poder organizador do imaginário levando a uma ruptura do eu.

Se para Freud a força desintegradora da pulsão de morte é direcionada para a integridade do organismo vivo, para Lacan essa força é direcionada para a coerência imaginária do eu. Em Lacan, o dualismo constante na obra freudiana é substituído pela trilogia R.S.I, que tem por função criar uma nodulação a três, apresentando o terceiro elemento – o Real - e “a pulsão de morte é o Real enquanto aquilo que só pode ser pensado como impossível”(LACAN, 1975/1976, p. 123), é o que se repete retornando sempre ao mesmo lugar, na dimensão de uma ex-sistência impossível de se inscrever.

O desenvolvimento teórico que traçamos neste primeiro capítulo, abordando conceitos fundamentais como a repetição e outros de grande importância na construção dessa tese, assim como todo o panorama que apresentamos sobre a teoria pulsional, tanto em Freud quanto em Lacan, nos possibilitará, agora, adentrarmos o segundo capítulo, onde abordaremos o conceito de sublimação, conceito basal desta pesquisa.

2 FREUD, LACAN E O PROBLEMA DA SUBLIMAÇÃO

A sublimação é um conceito imprescindível da teoria psicanalítica, nos adverte Jorge (2000/2008). O autor enfatiza que “o próprio advento do funcionamento pulsional, na espécie humana, é correlato do advento de uma plasticidade sexual que é inerente à sublimação” (p. 152). É no funcionamento dessa vicissitude específica que ocorrerá um desvio de meta, a partir da inibição de uma satisfação direta, onde a satisfação será não-sexual.

Freud propõe o termo *Sublimierung*, deixando *Sublimation* para a química. Ao insistir na manutenção do sufixo *ierung*, Freud estaria acentuando que se trata de um processo e não de um resultado. Apesar de não haver na obra freudiana um artigo exclusivo em que ele sistematize o conceito, essa noção atravessa toda sua teoria. Desde o começo de seus escritos, Freud já supõe a sublimação como um destino de representações ligadas à sexualidade, como na carta a Fliess em 2 de maio de 1897, na qual liga a noção de sublimação à construção de fantasias históricas, com a função de proteger fragmentos recalcados de lembranças. No caso Dora, assim como nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a sublimação aparece como um destino pulsional que leva a satisfações “mais elevadas”, que parte da energia libidinal é destinada para as realizações culturais.

São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos sexuais mais elevados - sua “sublimação” – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais (FREUD, 1905/1974, p.212).

Nesses textos, Freud já deixa claro o que atribui à sublimação, o caminho através do qual as tendências sexuais infantis (perversão polimorfa) se desligam do sexual e são canalizadas para a realização de obras culturais.

Conforme já discutido anteriormente, a sublimação é um dos quatro principais avatares elencados por Freud no seu ensaio metapsicológico *As pulsões e seus destinos* (1915). Esses se dão pelo fato de que a satisfação direta de uma moção pulsional é intolerável ao Eu, a essa instância psíquica que se constitui a partir de uma diferenciação do Isso. Essa diferenciação se estabelece a partir das exigências da realidade externa, exigências estas que incorporadas ao Eu, notadamente as referentes às figuras parentais no declínio edípico, são responsáveis pela formação do Supereu. Nessa perspectiva, portanto, os imperativos superegóticos entram em conflito com as reivindicações pulsionais, as reivindicações do Isso,

gerando no Eu mecanismos inteditórios à uma satisfação pulsional absoluta e ameaçadora. Ou seja, para haver uma descarga de um representante pulsional intolerável ao Eu, Freud elenca quatro destinos fundamentais, que em consonância com os princípios que operam psíquicamente – princípio de prazer-desprazer e princípio de realidade – permitem que haja uma descarga, proporcionando uma satisfação parcial: a reversão pulsional, o retorno à própria pessoa, o recalque ou a sublimação. Devemos destacar aqui que, nessa época, Freud ainda mantinha o seu primeiro dualismo, no qual a ideia de conflito no interior da esfera pulsional ocorria entre pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação.

Destaca-se como uma das características da sublimação seu desvio quanto ao alvo. Freud já ressalta desde 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que, apesar da origem da pulsão ser sempre sexual, na sublimação seu alvo é desviado de um alvo sexual para um não-sexual.

[...] a atividade destes impulsos não cessa mesmo durante esse período de latência, embora sua energia seja desviada [...] poderosos componentes são adquiridos, para toda espécie de realização cultural, por este desvio das forças pulsionais sexuais dos objetivos sexuais e sua orientação para objetivos novos – processo que merece o nome de ‘sublimação’ (FREUD, 1905/1974, p. 182).

Como uma manifestação desse desvio, Freud destaca a pulsão de saber (*Wisstrieb*) - tão comum na criança - identificando aí o processo sublimatório, “o fato de que o simbolismo sexual – representação do que é sexual por objetos e relações não sexuais – remonta aos primeiros anos da posse do poder de falar” (FREUD, 1905/1974, p. 199). Assim, a sublimação é um destino pulsional que não encontra no corpo sua satisfação sexual, sua satisfação vai ser desviada. Ao contrário do recalque, o mecanismo da neurose por excelência, ao sublimar não se fazem sintomas, não há inibições, nem formações reativas, de forma que nos afastamos do que é da ordem da idealização e encontramos, de uma certa maneira, uma liberdade nesse novo modo de satisfação que tem por fio condutor o desejo e a marca do que é da ordem da singularidade.

Como já mencionamos, não há na obra de Freud um artigo dedicado à sublimação, mas, apesar disso, a referência a esse conceito está presente em vários de seus textos. E é em 1910, no seu ensaio *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, que Freud encontra o paradigma, não somente da constância da força pulsional, mas também um modelo ideal de sublimação. Nesse texto, tanto o recalque quanto a sublimação são abordados sob o ponto de vista econômico. Freud, a partir do que ele denominou de pesquisas sexuais infantis que

ocorrem na fase pré-edípica, supõe que para tais pesquisas há dois destinos diferentes tomados pelas pulsões sexuais: o recalque e a sublimação. Enquanto o primeiro leva a inibições, sintomas e compulsões, o segundo leva a atividades criativas. Sobre isso, Freud (1910/2015, p. 88) destaca que em Leonardo, “devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de sua pulsão sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim ao recalque”.

Sublimar também é uma maneira do Eu não se confrontar com a satisfação direta de uma moção pulsional indesejável, mas sem sofrer as duras penas do recalque. Portanto, não atende a severidade de um Supereu tirânico ou às exigências inalcançáveis de uma idealização; inventa-se, cria-se uma saída. No ensaio *O mal-estar na cultura*, entre tantas reflexões, ressalta que:

Outra técnica de defesa contra o sofrimento serve-se dos deslocamentos da libido, os quais nosso aparelho anímico autoriza, e através dos quais sua função ganha tanto de flexibilidade. [...] A sublimação das pulsões presta aqui sua ajuda. Estaremos obtendo o máximo se soubermos elevar suficientemente o ganho de prazer que provém das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Nesse caso, o destino pouco nos fará mal. As satisfações dessa espécie, tal como a alegria do artista com a criação, com a encarnação da figura de sua fantasia, a do pesquisador com a solução de problemas e com o reconhecimento da verdade, possuem uma qualidade particular, que certamente um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente (FREUD, 1930/2020, p. 325).

Nos capítulos posteriores, faremos a articulação da sublimação com conceitos de extrema importância, para tentarmos compreender um pouco mais o que Freud nos diz a respeito desse avatar pulsional, que pontua sua obra ora de modo enigmático ora de maneira tão clara que nos ajuda a entender melhor outros conceitos. Como já citamos anteriormente, o psicanalista Michel Silvestre, em seu artigo de 1979, discute o status do termo sublimação no escopo teórico da psicanálise, esclarecendo que para um termo alcançar o status de conceito deve ter ligação com toda a teoria da qual faz parte, sem contradições e sem duplo sentido ao ser empregado. E, sobretudo em se tratando de um conceito psicanalítico, se ele pode ser observado na clínica, ou seja, de que maneira ele estaria implicado na prática analítica, “em que o uso desse termo está implicado – em parte ou totalmente – pela prática psicanalítica” (SILVESTRE, 1979, p. 36, tradução nossa⁴). O autor conclui que a sublimação não se limita a ser tributária de produções que incidem em um contexto social, não é um resultado, e sim um processo que está para além disso. “Que o ser falante se reproduza é um fato, mas que ele

⁴No original francês: “*en quoi l’usage de ce terme est-il impliqué – en partie ou totalement - par la pratique psychanalytique*”.

persista em procurar o que ele não pode encontrar, é um enigma. Talvez a sublimação, até porque ela surge desse enigma, permita explicar em parte essa obstinação” (SILVESTRE, 1979, p. 39, tradução nossa⁵).

2.1 A vicissitude que é o avesso do recalque

Em sua publicação intitulada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, Freud indica mecanismos psíquicos que operam diante da impossibilidade de uma satisfação direta, no que diz respeito à sexualidade perversa-polimorfa infantil: a formação reativa, o recalque, a sublimação e a constituição daquilo designado por Freud como perversão positiva. Na primeira possibilidade são diques como a vergonha, o asco e a moralidade que se constituem, sendo esses fatores que auxiliam no processo de recalque. As pulsões sexuais, portanto, seriam recalçadas e este processo estaria diretamente ligado à idealização do objeto. Já na sublimação, essas pulsões seriam desviadas quanto ao alvo, um processo que não incide sobre o objeto, mas, sim, sobre a tendência pulsional, e, no caso da constituição de uma perversão, seria por meio de uma regressão a pontos de fixação da organização libidinal.

No pensamento freudiano, a sublimação desvia a pulsão para um alvo não-sexual, resgatando uma maior plasticidade e flexibilidade pulsional - ao contrário de uma adesividade libidinal ao objeto levada pelo recalque, que dá ao objeto simbolicamente contingente o estatuto de imaginariamente necessário. Assim sendo, a sublimação resgata a dimensão concebida por Freud do objeto pulsional, ou seja, um *objekt* totalmente indiferente: “O objeto [*objekt*] de uma pulsão é o que há de mais variável numa pulsão e originalmente não está ligado a ela, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação” (FREUD, 1915/1974, p. 143). Portanto, Freud indica que quando há sublimação de uma moção pulsional não há a incidência do recalque.

⁵No original francês: “*Que l'être parlant se reproduise est un fait, mais qu'il persiste à chercher ce qu'il ne peut trouver, c'est une énigme. Peut-être la sublimation, pour autant qu'elle surgit de cette énigme, permet d'expliquer en partie cette obstination*”.

2.1.1O recalque

Em 1914, na *História do Movimento Psicanalítico*, Freud (1914/1974, p. 26) afirma que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”. Para Freud, o recalque (*die Verdrängung*) é um mecanismo intrapsíquico que tende a manter no inconsciente ideias e representações ligadas a moções pulsionais, que, se realizadas, causariam desprazer ao sistema pcs-cs⁶. Porém, não se atribui a Freud a invenção desse termo, no século XIX já ele aparecia na filosofia alemã e também em psicologia, como em trabalhos de Herbart e em textos de um dos mestres de Freud, Meynert. Mas a concepção desse termo não era a mesma de Freud, o recalque não era apenas um mecanismo psíquico de rechaço, o recalque no pensamento freudiano assume um outro estatuto.

A ideia de recalque aparece desde muito cedo na teoria freudiana. Mas, se no início de sua concepção teórica o termo aparece apenas como um dos mecanismos de defesa, posteriormente, quando Freud constata a universalidade da presença do recalque nas diversas afecções, passa a concebê-lo como constitutivo do inconsciente, como um mecanismo estruturante do psiquismo humano, responsável pela produção da clivagem entre consciente e inconsciente.

É importante ressaltar que assim como o recalque não diz respeito ao que até então se concebia sobre esse termo, um rechaço ou mesmo a um simples esquecimento, o inconsciente freudiano, como ressalta Lacan em seu seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), nada tem a ver com as formas ditas do inconsciente que o precederam, e mesmo as que eram contemporâneas a ele. O que Freud revela ao nível do inconsciente (*Unbewusste*) é que “há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito – isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, que perde assim o que parecia seu privilégio” (LACAN, 1964/1985, p.31). Lacan enfatiza que o funcionamento dos fenômenos inconscientes, sonhos, chistes, atos falhos, aparecem como tropeços, como desfalecimentos, como rachaduras e é por esses fenômenos que Freud ficou siderado e foi neles que ele foi procurar o inconsciente. O aparecimento explícito do que Freud concebia como o inconsciente vai aparecer numa carta a Fliess em 1896, na qual evocou pela primeira vez o que iria apresentar como sua primeira tópica em 1900, no capítulo 7 de *A interpretação*

⁶Pré-consciente/Consciente.

dos sonhos- o aparelho psíquico com suas instâncias constitutivas: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente

Em 1915, Freud dedica um texto ao conceito de recalque, sendo um dos artigos metapsicológicos em que o conceito é sistematizado dentro das esferas: dinâmica, tópica e econômica. Nesse texto, Freud supõe três tempos para o recalque, sustentando a hipótese de um recalque originário, com o argumento de que apenas a força da repulsa a uma ideia indesejada pelo *cs*⁷ não seria suficiente para que esse processo se desse, devendo haver, portanto, uma força de atração, exercida por algo primordialmente recalcado, quando se produziria uma fixação. Dessa forma, se estabelece que o recalque originário seria o primeiro tempo desse processo; o recalque propriamente dito, o segundo e o terceiro tempo seria o retorno do recalcado, que retorna como formações substitutivas e formação de sintomas. Lacan, em seu seminário sobre as psicoses (1955-56), enfatiza a ideia freudiana afirmando que o recalque e o retorno do recalcado são a mesma coisa:

O que cai sob o golpe do recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa, O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos (LACAN, 1985/1955-56, p. 21).

Freud atribui ao tratamento analítico um processo de desrecalcamento de desejos inconscientes que foram interditos. Indica, como decorrência do desrecalcamento de uma representação pulsional, três possibilidades de destino para essa pulsão: a satisfação direta, o juízo de condenação e a sublimação. No caso da sublimação, que é o que mais nos interessa, a suposição freudiana nos impõe um aprofundamento da distinção que se estabelece entre o recalque originário e o recalque propriamente dito.

2.1.2 Urverdrängung, Verdrängung e a sublimação

Como já descrito acima, o recalque é um processo ao qual Freud atribui três tempos: recalque originário (*Urverdrängung*), recalque propriamente dito (*Verdrängung*) e o retorno do recalcado (*WiederkehrdesVerdrängten*). Esses três tempos se engendram de tal modo que só

⁷Consciente.

foi possível a Freud formulá-los de maneira retroativa, ou seja, a partir da escuta clínica dos sintomas neuróticos, que são formações psíquicas que provém de derivados que retornaram do que foi recalçado, portanto, é a partir do retorno do recalçado que Freud supõe o recalque propriamente dito. Da mesma forma, conjecturando não ser suficiente apenas uma força de repulsa para manter uma ideia indesejada no ics⁸, Freud lança a hipótese de haver uma força de atração que incide também sobre a ideia indesejada. Essa força de atração seria proveniente de uma operação psíquica primária, que será chamada de recalque originário, operação esta que produziria pontos de fixação libidinal.

Dessa forma, partindo dos conceitos freudianos de recalque e recalque originário, em consonância com o pensamento de Jorge (2000), quando explora o conceito de sublimação, destrincharemos a relação entre recalque e sublimação a partir de duas categorias: o proibido e o impossível. Essas duas categorias dizem respeito à interdição de uma satisfação completa da pulsão sexual, referida ao mítico de uma primeira experiência de satisfação, na constituição psíquica do sujeito. Essas duas dimensões de interdição se estabelecem em patamares distintos.

Desse modo, segundo Jorge (2000), o recalque lida com essa interdição no nível do proibido, enquanto a sublimação no nível do impossível, sendo esses dois níveis de interdição correlatos a diferença entre o recalque originário (*Urverdrängung*) e o recalque propriamente dito (*Verdrängung*). O primeiro diz respeito à castração, no pensamento lacaniano se refere à inscrição do significante Nome-do-Pai, ou seja, à inscrição subjetiva da Lei da impossibilidade da relação sexual, diz respeito “aquilo que do inconsciente não será jamais interpretado” (LACAN, 1974/2002, p. 17). O segundo é o mecanismo intrapsíquico através do qual as interdições incidem como proibições referentes às demandas de moções pulsionais que entram em conflito com as exigências do Eu, do Supereu e do mundo externo. Mas é importante sublinhar que o impossível está subjacente ao proibido, podendo-se mesmo chegar à conclusão de que o proibido apresenta uma função denegatória em relação ao impossível.

Dessa forma, podemos supor que a sublimação - sendo um destino possível para a pulsão não recalçada ou quando ele é desrecalçada - ainda sofre a ação de uma interdição que incide sobre sua satisfação plena, pois, apesar dessa moção pulsional não estar mais sob o regime do proibido, do recalque propriamente dito, ainda permanece sob o interdito do impossível, assim, como Freud nos adverte no seu ensaio de 1920: “A pulsão recalçada não

⁸Inconsciente.

desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação; todas as formações substitutivas ou reativas e sublimações são insuficientes para remover sua tensão contínua”(1920/2020, p.147). Tal interdito diz respeito ao recalque originário, ou seja, ao impossível do gozo absoluto, à impossibilidade de haver um objeto que locuplete o que é da ordem de uma falta ôntica, de uma falta-a-ser. Assim sendo, o que está em cena na sublimação não é mais o objeto imaginarizado, narcisicamente investido, mas o vazio causado pela falta de objeto. Dito de outro modo, o processo de sublimação se produz pelo esvaziamento da imaginarização fálica do objeto, ressitando o sujeito em relação ao vazio, antes velado pelo objeto.

Quando falamos sobre imaginarização fálica do objeto, nos referimos ao objeto que está inscrito em uma lógica narcísica, pois, segundo Lacan (1954-55/1985, p. 306) “a relação objetual deve sempre submeter-se à estrutura narcísica”. O termo falo raramente aparece na escrita freudiana, porém, é possível observá-lo em algumas expressões em sua forma adjetiva, como quando Lacan se refere à “fase fálica” – estágio da organização libidinal subjetiva. Em contrapartida, ele faz do falo o significante do desejo, o significante que vem em suplência de uma falta ôntica, fazendo limite entre o registro pulsional e o objeto que o sujeito se esforça para fazer representante do sexual. Voltando ao artigo sobre a sublimação, do psicanalista Michel Silvestre, a respeito das questões da criança em relação à sexualidade, o autor faz a seguinte observação sobre o falo: “Toda curiosidade é sexual, e a questão que a criança coloca nessa ocasião, certamente, não é deixada sem resposta. Somente essa resposta é única e unívoca: a significação do falo” (SILVESTRE, 1979, p. 43, tradução nossa⁹).

Portanto, na sublimação, o falo não comparece na sua dimensão imaginária, mas predomina na sua dimensão simbólica, onde ele “é o significante dessa própria *Aufhebung* [suspensão] que ele inaugura por seu desaparecimento” (LACAN, 1998, p. 699).

2.2 A distinção entre sublimação, formação reativa e idealização

⁹No original francês: “*Toute curiosité est sexuelle, et la question que pose l'enfant à cette occasion n'est certainement pas laissée sans réponse: seulement cette réponse est unique et univoque: c'est la signification du phallus*”.

Tanto a formação reativa quanto a idealização são termos que facilmente se confundem com a noção de sublimação, mas Freud, apesar de, inicialmente, não enfatizar a distinção entre os dois, ao longo da construção de seu pensamento as torna cada vez mais nítidas. Enquanto as formações reativas e a idealização são fatores que dizem respeito ao recalque, a sublimação é uma vicissitude pulsional em que não há incidência do recalque.

A formação reativa pode ser definida como uma reação do Eu à oposição inerente à ambivalência pulsional. Sob o ponto de vista econômico, a formação reativa é um mecanismo de contra-investimento, ou seja, a expressão do conflito entre duas moções pulsionais opostas. Apesar de não ser exclusiva da neurose obsessiva, são predominantes nesse quadro clínico tomando a forma de traços de caráter. Porém, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde Freud introduz essa noção, ele a ressalta como um fator presente na organização libidinal subjetiva de todo ser humano, na medida em que são diques que se estabelecem, como a repugnância, o pudor e a moralidade, recalçando, de modo eficaz, as moções sexuais desprazerosas ao Eu, no período de latência. Apesar desses termos aparentemente se aproximarem, quanto mais os depuramos mais difícil é pensar em uma aproximação entre sublimação e formação reativa, tendo em vista que a primeira se caracteriza por um processo em que não há recalque enquanto a segunda trabalha no sentido oposto. Entretanto, se inicialmente Freud faz uma aproximação entre essas duas noções, considerando que uma subespécie de sublimação pode se dar pela supressão efetuada pela formação reativa, mais adiante ressalta certa impropriedade nessa aproximação e passa a fazer a diferenciação entre os dois processos:

[...] a sublimação das forças pulsionais sexuais ocorre ao longo do caminho da formação reativa. Mas, em geral, é possível distinguir um do outro os conceitos de sublimação e formação reativa como dois processos diferentes. A sublimação também pode ocorrer por outros mecanismos mais simples (FREUD, 1905/1974, p. 183).

Em 1923, Freud irá aproximar a formação reativa do ideal do eu, afirmando que essa categoria “em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos pulsionais do Isso [*sic*]” (FREUD, 1923/1974, p. 73). O desvio das pulsões sexuais, promovido pela sublimação da sexualidade, segundo Freud, se dirige para as realizações culturais, em vez de terem como destino o recalque e produzirem inibições ou substituições, como formações reativas e sintomas.

Da mesma forma, no que diz respeito à idealização, constatamos que em vários momentos da obra de Freud parece haver uma aproximação entre essa noção e a sublimação, mas, em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914/1974) ressalta uma distinção definitiva entre ambos: “a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo” (p. 112). Freud sublinha que, em relação aos quadros neuróticos, a formação de um ideal do Eu e a sublimação são bastante distintas. Enquanto o ideal aumenta as exigências do Eu e constitui um poderoso aliado do recalque - pois para o Eu a formação de um ideal é o fator condicionante do recalque - a sublimação encontra uma saída pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver o recalque.

Um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do Eu, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais.[...] É precisamente nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do Eu e a dose de sublimação de suas pulsões libidinais primitivas; [...]a formação de um ideal aumenta as exigências do Eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalque (FREUD, 1914/1974, p. 112).

Essa oposição está fundada sobre o suporte narcísico, isto é, o suporte libidinal da idealização, afastando ao máximo a sublimação do sexual. Mas essa diferença só se torna mais clara ao dissociarmos a pulsão do objeto. O Eu ideal é formado, destaca Freud, por um investimento narcísico no objeto: “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1974, p.108). É um processo de engrandecimento do objeto, sendo que este pode ser o próprio Eu (libido do Eu) ou um outro (libido objetual). Já a sublimação é um processo que diz respeito à libido: “Na medida em que a sublimação descreve algo que tem a ver com a pulsão, e a idealização, algo que tem a ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro” (p. 111).

Michel Silvestre destaca que o narcisismo é o fundamento corporal do amor. O ideal vai se constituir a partir do ideal de um corpo unificado e recalado, de modo que o objeto do amor é um reflexo dele. Esse objeto, segundo Silvestre, encarna uma dupla atração que é apenas uma miragem redobrada: ele é o corpo que detém o que me faz desejar e, por consequência, é aquele em que eu suponho um saber sobre meu desejo sexual, cujo acesso me é radicalmente barrado. Já a sublimação é um processo pelo qual a *Drang* pulsional limita sua

ação ao deslocamento do investimento, implicando uma inibição do corpo como pólo de uma satisfação libidinal.

Portanto, o ideal é um ponto fixo, mesmo que seja somente a esperança que ele alcança. A sublimação é um circuito, sempre a se refazer, mesmo se a satisfação pulsional (*Befriedigung*) for visada aí, pois essa última é, melhor dizendo, apenas o meio pelo qual o sujeito conta as voltas no circuito que ele percorre. A sublimação é uma via particular que encontra sua rota pela evitação de certos obstáculos, sendo a condição dessa evitação, indubitavelmente, o prolongamento indefinido do trajeto.

2.3 A sublimação em Lacan

Tal como Freud, Lacan situa a sublimação como uma forma particular de satisfação pulsional, na qual não há incidência do recalque, desviada de seu alvo e objeto sexuais. Enfatiza a plasticidade pulsional resgatada por essa vicissitude, diferente do recalque, que provoca fixações e que em muitos casos leva ao que Freud denominou adesividade libidinal a certos objetos. Ressalta também, de acordo com o pensamento freudiano, a impossibilidade de sublimarmos tudo, sempre restando a exigência de uma satisfação direta concomitante ao processo de sublimar, como ele enfatiza em seu seminário 7: “Alguma coisa não pode ser sublimada, há uma exigência libidinal. A exigência de uma certa dose, de uma certa taxa de satisfação direta, sem o que resultam danos e perturbações graves” (LACAN, 1959-60/1988, p. 116).

No entanto, o ponto de ênfase do pensamento lacaniano sobre a sublimação é como ele estabelece a relação do objeto com *das Ding*, pois é na diferença entre esses dois termos, objeto e *das Ding*, que se desenvolve o que Lacan chamou do “problema da sublimação”:

É na relação de miragem que a noção de objeto é introduzida. Mas esse objeto não é a mesma coisa que aquele visado no horizonte da tendência. Entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e *das Ding* há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação (LACAN, 1960/1988, p. 124).

Para melhor compreendermos essa reflexão lacaniana, é necessário não perdermos de vista que, na concepção psicanalítica, a sexualidade humana é estruturada a partir de uma falta de objeto irreparável. O objeto, em sua função essencial, é aquilo que se furta a qualquer nível de captação, circunscrevendo-se como uma falta ôntica, impossível de ser suturada. Na sua dimensão contingencial, o objeto funciona na constituição subjetiva como um elemento que viabiliza o circuito da pulsão na busca de uma satisfação que será sempre parcial. Desse modo, no pensamento psicanalítico, o objeto é introduzido não como aquele que satisfará plenamente uma pulsão, pois não há um objeto capaz de satisfazê-la totalmente, mas, sim, como falta deixada pela ausência de um objeto totalizante.

O objeto na pulsão não é o objetivo – que será sempre a satisfação alcançada, mesmo que parcial -, daí a ideia de que a pulsão não o atinge, mas o contorna. Como exemplo, em relação à dimensão oral da pulsão, Lacan ressalta que “o objeto não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando o objeto eternamente faltante”(LACAN, 1954-55/1985a, p. 170). Em consonância com esse pensamento, Jorge (2000/2008) destaca a premissa da qual Freud parte para a sua elaboração teórica sobre a sexualidade, de que a falta de objeto está no cerne da sexualidade humana, essa que foi resgatada por Lacan (1956-57/1995). Em seu seminário sobre a relação de objeto, ele sublinha que “jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta de objeto como central” (LACAN, 1956-57/1995, p. 35).

Quando Lacan (1959-60/1988), em seu seminário sobre a ética, teoriza sobre a sublimação, reconhece nesse destino pulsional um funcionamento que evidencia essa falta de objeto. No entanto, para o que parece ser um paradoxo, Lacan aponta que, no nível da sublimação, o objeto é inseparável de elaborações imaginárias. Nesse sentido, as sublimações exercem sua função social, pois “a sociedade encontra uma certa felicidade nas miragens que lhe fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestido ou de chapéus, os criadores de formas imaginárias” (LACAN, 1959-60/1988, p. 126). Mas, se por um lado, há um viés da sublimação que apazigua, ao engodar o que diz respeito ao que está no núcleo de qualquer criação - o vazio -, por outro, Lacan nos adverte, não é nessa vertente de função imaginária - de engodo - que um objeto criado a partir da sublimação se constitui, mas, sim, no viés do que essa vicissitude pulsional revela: o advento do que está para além do objeto, a Coisa (*das Ding*).

2.3.1 Entre o objeto e *das Ding*

Em Lacan, é no seminário sobre a ética da psicanálise (1959-60) que iremos encontrar a maior parte da teorização sobre a sublimação, onde ele vai aproximar a vicissitude em questão da pulsão de morte. Essa aproximação se deve à suposição de que *das Ding* é o lugar eleito em que se produz a sublimação, “onde se projeta algo para além, na origem da cadeia significante, lugar onde tudo que é lugar do ser é posto em causa” (LACAN, 1959-60/1988, p. 262) e a pulsão de morte é esse “para além” ao qual *das Ding* está referido. Lacan extrai o termo *das Ding* de um manuscrito freudiano que, posteriormente, foi incorporado às Obras Completas - o *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Nesse escrito, Freud introduz a noção de *das Ding*, já indicando um para além do princípio de prazer, identificado como o que funda a compulsão à repetição, do reencontro do objeto outrora perdido, referido à primeira experiência da busca de satisfação. Experiência essa que tem uma dimensão mítica, por estar referida ao encontro do objeto que proporcionaria a satisfação completa, o que é impossível, visto que tal objeto não há.

No Projeto de 1895, é ressaltado que *das Ding* é justamente o que há em comum entre a representação-lembrança e a representação-percepção, sem que, no entanto, seja redutível a uma ou a outra. É uma estrutura constante, porém não assimilável. É o resíduo que escapa ao juízo, estando, desse modo, fora daquilo que é regulado pelo princípio de prazer, o que faz Lacan afirmar em 1960 que “o campo de *das Ding* é o campo onde o princípio do prazer gravita” (LACAN, 1959-60/1988, p. 68).

Desse modo, a partir de reflexões sobre o pensamento heideggeriano, François Regnault nos indica que Lacan nos faz supor que “no campo freudiano aquilo que recebe o nome de vazio é a Coisa” (REGNAULT, 2000/2007, p. 73). Lacan se reporta a um artigo de Martin Heidegger intitulado A Coisa (*das Ding*), que faz parte da coletânea de *Ensaio e conferências*, publicada em 1954. Essa coletânea reúne ensaios críticos e conferências proferidas pelo filósofo alemão nos primeiros anos da década de 50. Nesse ensaio, para analisar a Coisa, o autor utiliza o vaso como recipiente para chegar ao vazio:

O que é o vaso? O vaso é uma Coisa, um recipiente, algo que acolhe em si algo distinto dele, o vazio que sua essência porta. Mas, encontrar a essência da Coisa não é encontrar o que é a Coisa. Correr no encontro dessa essência é perder-se no mundo revelado por ela (HEIDEGGER, 1958/2002, p. 195).

Lacan usa a metáfora do vaso, partindo da distinção elementar entre seu emprego de utensílio e a sua função de significante. O vaso, como primeiro significante modelado pela mão do homem, é puro significante e em nada significado, por não haver nada que o particularize em sua função. O vaso é o vazio que ele cria e, como tal, cria o vazio a partir da perspectiva de preenchê-lo:

O vazio e o pleno são introduzidos pelo vaso num mundo, que por si mesmo, não conhece semelhante. É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno, entram como tais no mundo com o mesmo sentido [...] (LACAN, 1959-60/1988, p. 152).

O vaso só pode estar pleno na medida em que, em sua essência, ele é vazio. Partindo dessa metáfora, o vaso é o objeto que vem representar a existência do vazio no centro do real, que se chama a Coisa, esse vazio que se apresenta como o nada (*nihil*). Cria-se o vaso em torno do nada, portanto, o criador cria a partir do furo. A modelagem do significante é, desse modo, a introdução no real de uma hiância, de um furo: “A introdução desse significante modelado que é o vaso já constitui a noção inteira da criação *exnihilo*. E ocorre que a criação *exnihilo* é coextensiva da exata situação da Coisa como tal” (LACAN, 1959-60/1988, p. 154).

Ao implicar *das Ding* na sublimação, Lacan radicaliza o conceito dessa vicissitude pulsional, ressaltando, como já indicamos acima, que a moção pulsional sublimada se dirige ao que está para além do objeto. Com isso, ele esclarece que, diferentemente do que acontece na economia de outros destinos pulsionais, o circuito da pulsão se dará, não em torno de um objeto libidinalmente investido, mas, sim, do vazio. Assim, como sublinha Jorge, Lacan destaca que a sublimação é a vicissitude pulsional que revela a natureza própria da pulsão de forma precisa, por indicar a Coisa para além do objeto e evidenciar o impossível de haver um objeto que satisfaça por completo a pulsão. No vetor desse pensamento, Lacan conclui que tudo que é criado pelo homem é do registro da sublimação, e quanto a esse destino pulsional, mais uma vez ele reitera que não há evitação do vazio, pois em toda forma de sublimação o vazio é determinante.

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada senão por outra coisa – ou mais exatamente, de ela não

poder ser representada senão por outra coisa. Mas, em toda forma de sublimação o vazio é determinante (LACAN, 1959-60/1988, p. 162).

Ainda no seminário citado acima, Lacan chama atenção para uma nota nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* em que Freud salienta que, para o homem moderno, o relevo da libido está no objeto, enquanto para o homem da antiguidade está na tendência. É nessa diferença que Lacan ressalta a importância de situar a sublimação, enfatizando que o que está em jogo é um certo ultrapassamento pulsional. Toda a teoria sobre o amor cortês, à qual Lacan recorre em sua elaboração teórica sobre a sublimação, revela essa dimensão de ultrapassamento, em que a ênfase está na tendência e não no objeto que é demonstrado na figura da Dama, pois todas têm as mesmas características: “Todos os poetas parecem dirigir-se à mesma pessoa” (LACAN, 1959-60/1988, p. 179). Ou seja, a imagem da Dama é, na verdade, o que resta de um objeto esvaziado de todo traço imaginário que lhe determine qualquer atributo ou qualidade que a individualize. Ao contrário do que se possa pensar, a Dama no amor cortês, enquanto paradigma da sublimação, está despojada de qualquer traço idealizatório; desse modo, ela não ocupa o lugar de *Sachvorstellung*¹⁰, mas de *das Ding*.

Reiteramos, em consonância com o pensamento freudiano, essa diferença entre idealização e sublimação, considerando sua extrema importância, tendo em vista que, por muitas vezes, os dois conceitos se confundem, dando margem a ideias equivocadas. No texto de 1914, já citado, Freud adverte que a idealização aumenta as exigências do eu, o que favorece o recalque enquanto a sublimação representa a saída que atende a essa exigência, mas sem ocasionar recalçamento.

No livro *Tratado do Amor Cortês*, André Capelão trata dessa temática, em consonância com o que Lacan nos apresenta. O amor cortês, segundo o escritor medieval, é feito da tensão perpétua do desejo sempre exacerbado que é fonte de aperfeiçoamento. Ele cita o que cantam os trovadores: “A separação, a ausência da senhora, a recompensa que se faz esperar, essa é a atmosfera em que se desenvolve esse sofrimento delicioso. A separação torna mais intenso o desejo amoroso e o eleva. O objeto desse desejo parece inacessível” (CAPELÃO, 2019, p. XLI). Assim, Lacan encontra expresso na literatura medieval cortesã o

¹⁰*Sachvorstellung* significa representação de coisa. Apesar dos dois vocábulos da língua alemã *die Sache* e *das Ding* significarem coisa, eles têm uma distinção: enquanto o primeiro pode significar coisas e eventos o segundo só tem o significado de coisa. Lacan, ao articular esses dois termos, a partir dos textos freudianos, destaca a diferença entre eles e a relevância dessa diferença em psicanálise, enfatizando que *die Sache* é referente às coisas que podem ser nomeadas “produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem” (LACAN, 1960/1885, p. 61), enquanto *das Ding* se trata da Coisa como irrepresentável, inapreensível.

que seu axioma sobre a sublimação indica, destacando que este destino pulsional incide na diferença entre objeto e *das Ding*, pois esse objeto não é o visado no horizonte da pulsão. E a sublimação, conclui Lacan, se situará sempre na diferença entre o objeto estruturado pela relação narcísica e *das Ding* que é da ordem do irrepresentável.

A Coisa (*das Ding*), como reitera Lacan, se apresenta como unidade velada, ocupando, sobre a temática do princípio do prazer, um lugar na constituição psíquica. Ou seja, a ideia do princípio de prazer freudiano só foi possível diante da hipótese de haver um campo do irrepresentável, do impossível de ser apreendido, que tem seu lugar no psiquismo, campo esse nomeado por Lacan como *das Ding* nos seus ensinamentos de 1960. Posteriormente, no pensamento lacaniano, de maneira mais enfática, esse é o campo que se apresenta como o Real - o que é impossível de ser simbolizado.

Assim, a Coisa só pode ser representada pelo que Lacan chama de a Outra coisa, ou seja, pelo objeto reencontrado, que, na verdade, é aquele que traz na sua essência a condição de objeto desde sempre perdido, o que só pode se dar a partir de re-achados, de reencontros, num só-depois. Dessa forma, na sublimação, o “objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar” (LACAN, 1959-60/1988, p. 176), é o objeto criado que será sempre não-idêntico ao Eu e guardará a dimensão da impossibilidade de completude.

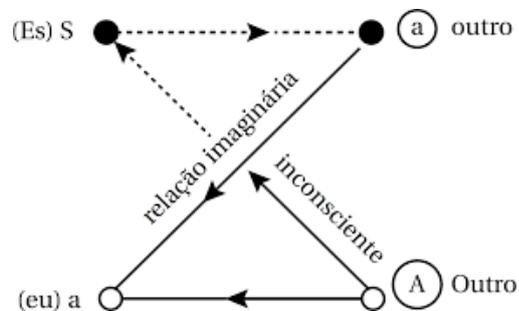
2.3.2 Dos objetos de desejo ao objeto causa do desejo

Os objetos que se perfilam como parciais na esfera pulsional são o seio e as fezes - destacados por Freud -, a voz e o olhar - acrescentados por Lacan. Estes se aproximam do que posteriormente o psicanalista francês vai conceber como o objeto *a*, sua única invenção teórica, como ele próprio sublinha. Em “A Terceira”, Lacan ressalta que o fato de ter escrito o objeto *a* o aparenta à lógica, ou seja, o torna operante no real, “a título do objeto do qual justamente não há ideia, o que, é preciso dizê-lo, era um buraco até agora em qualquer teoria que seja, o objeto do qual não há ideia” (LACAN, 1974/1980, p. 5).

Apesar de ter sido introduzido como conceito somente em 1963, durante o seminário lacaniano sobre a angústia, a criação do objeto *a* provém de reflexões feitas desde a

formulação do estágio do espelho, temática apresentada 27 anos antes no XIV Congresso da IPA, em Marienbad (1936) Apesar de não termos o texto proferido nessa conferência, seu conteúdo vai aparecer em artigos posteriores, como “O estágio do espelho como formador da função do eu”, de 1949, sendo este um dos textos que posteriormente virá a fazer parte dos *Escritos* de Lacan. Nessa época, ele acreditava na relação com o objeto como predominantemente imaginária e que se estabelecia no eixo especular, demonstrado em seu esquema L (apresentado abaixo) onde Lacan destaca o Eu como “uma forma absolutamente fundamental para a constituição dos objetos” (LACAN, 1954-55/1985, p. 307).

Figura 3 – Esquema L



Fonte: LACAN, 1954-55/1985, p. 307.

No início de seu ensino, portanto, consonante com a ideia freudiana, Lacan pensa o objeto como perdido. É aquele a ser redescoberto, pensamento em oposição à ideia de um sujeito autônomo que pressuporia um objeto determinado: “Toda apreensão humana da realidade está submetida a essa condição primordial – o sujeito está na busca do objeto de seu desejo, mas nada o conduz a ele” (LACAN, 1954-55/1985, p. 101).

Seguindo a concepção freudiana, Lacan inicialmente supõe o objeto em uma dimensão de reciprocidade imaginária, em que a identificação estaria no fundo de toda a relação sujeito-objeto. Mas é em seu seminário *A relação de objeto* (1956-57), ao abordar a trilogia privação, frustração e castração, que ele avança nesse pensamento, ao estabelecer três dimensões distintas do objeto. Lacan postula que na privação, na qual a falta é real, o objeto é simbólico; na frustração, quando a falta se manifesta como imaginária, o objeto é real, e na castração, quando a falta incide no simbólico, o objeto é imaginário. Essas três categorias são articuladas como operações que ocorrem no processo de constituição subjetiva, no qual o objeto está sempre em uma relação de falta no que diz respeito ao sujeito.

O que é essencial, nesse momento, é que Lacan demonstra que é a partir dessas experiências psíquicas pelas quais o sujeito estabelece uma relação de presença/ausência com o objeto, que ele se engendra na ordem simbólica. É importante ressaltar que, apesar da frustração e da privação serem experiências psíquicas com uma anterioridade lógica em relação à castração, seus efeitos só se inscrevem subjetivamente, a partir do advento desta última, *aposteriori*, é o *Nachträglich* freudiano. A noção de castração, como Lacan nos adverte, está em toda obra de Freud, sendo o signo do drama edípico. Mas, é somente em 1908, na análise do pequeno Hans, que o complexo de castração é descrito pela primeira vez, referido à teoria sexual infantil. O complexo é centrado na fantasia de castração que aparece com a função de interdição. Segundo o pensamento freudiano, a gênese do complexo de castração se deve à verificação pela criança da diferença anatômica dos sexos, o que autentica uma ameaça de castração real ou fantasística.

Posteriormente, em 1961, no seminário sobre a transferência, Lacan discorre sobre o *Banquete*, de Platão, para falar sobre o amor em um diálogo que gira em torno da questão do *Ágalma*, trazendo, então, uma nova versão do objeto: a agalmática. Nessa dimensão, o objeto é correlato ao objeto do desejo, não o do transitivismo ou da equivalência, mas alguma coisa que é visada pelo desejo como tal, “que acentua um objeto entre todos, por não ter comparação com os outros” (LACAN, 1960-61/1992, p. 149). Portanto, é nesse momento de seu ensino que Lacan já prenuncia o que irá conceituar dois anos mais tarde - o objeto *a* – pois o *ágalma* é aquilo que “representa o caráter sumamente enigmático do objeto do desejo e sua relação com o real da falta” (JORGE, 2000/2008, p. 139).

Dessa forma, desde seus seminários mais iniciais, Lacan já traz a relevância da relação do sujeito com o objeto como fator constitutivo da estrutura psíquica, mas, como já assinalamos, é somente em suas lições sobre a angústia que introduz o objeto *a* como um conceito, que vai trazer em sua essência a diferença entre objeto de desejo (causa) e objeto do desejo (fim). O objeto *a* lacaniano - objeto causa de desejo - diz respeito à falta estrutural que constitui o sujeito, como causa de sua divisão.

Não podemos deixar de destacar que o conceito de objeto em Lacan sofreu influências tanto da ideia kleiniana de objeto bom e mau, que diz respeito a como o objeto comparece na fantasia da criança “e que remete a uma clivagem do objeto em bom e mau (por exemplo, mãe boa, mãe má), conforme esse objeto seja sentido como frustrante ou gratificante” (ROUDINESCO; PLON, 1997/1998, p. 550), e principalmente da concepção de Winnicott de

objeto transicional. O analista inglês situou o objeto transicional como a primeira propriedade não-Eu na constituição subjetiva da criança. Esse tem a função de proteger a criança da angústia de separação do corpo da mãe, possibilitando um processo de diferenciação psíquica entre o Eu e o não-Eu. Desse modo, as concepções de objeto desses dois autores contribuíram muito para a criação lacaniana do objeto *a* (JORGE, 2022).

Nos seminários posteriores, principalmente a partir do seminário16: *De um Outro ao outro*, quando traz para o centro reflexivo de seu pensamento a teoria do gozo, é aludindo ao conceito de mais-valia em Marx que Lacan dimensiona o objeto *a* como mais-gozar, ou seja, o que se perde de gozo, impossível de ser recuperado, é um resto resultante da impossibilidade de um gozo absoluto. Nesse seminário, Lacan aborda a teoria marxista a propósito do objeto *a* e, para isso, toma um dos conceitos fundamentais dessa área de estudo: a mais-valia.

Marx parte da função do mercado. Não se trata de um trabalho ser novo, mas de ele ser comprado, de haver um mercado de trabalho. É isso que permite a Marx demonstrar o que há de inaugural em seu discurso, e que se chama mais-valia (LACAN, 1968-69/2008, p. 17).

A mais-valia se obtém pelo cálculo da diferença entre o valor da mercadoria e o do trabalho, sendo o que se perde o que Lacan vai dimensionar como mais-gozar, e é nessa função que o objeto *a* é produzido como objeto causa do desejo: “O mais-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a*” (LACAN, 1968-69/2008, p. 19).

Em 1969, a partir dos elementos matemáticos S1, S2, \$ e *a*, Lacan formula, em seu seminário *O avesso da psicanálise*, o que chamou de relação fundamental, demonstrando que é somente a partir da intervenção do significante que diz respeito à singularidade subjetiva (S1) no campo já constituído dos significantes (S2) que o sujeito surge como dividido (\$), pois ele é efeito da hiância que se estabelece entre significantes e que se define como falta, em uma operação lógica que implica uma perda, um resto “e é a isto que designa *a*, letra que se lê como objeto *a*” (LACAN, 1969-70/1992, p. 13).

Chama a atenção que o estudo feito por Lacan sobre a sublimação em 1960, onde estabelece uma relação entre o objeto e *das Ding*, tenha sido abordado durante seus ensinamentos sobre a ética psicanalítica, mas ele aponta o motivo dessa aproximação, essa interseção diz respeito a criação: “A noção de criação deve ser promovida agora por nós pois ela é central não apenas em nosso tema, o motivo da sublimação, mas no da ética no sentido

mais amplo”(LACAN, 1960/1986, p.150). A ética expressa por Lacan é a ética do não ceder sobre seu desejo, ou seja, a ética que aponta não para uma universalidade de uma moral aristotélica, para atingir um bem supremo, mas, sim, que diz respeito à singularidade subjetiva. Assim, a sublimação, por ser o destino pulsional que possibilita a assunção do vazio que está para além do objeto, implica também a emergência do sujeito singular, desejante, em seu ato de criação.

O que podemos supor através dessas reflexões, acompanhando a evolução do pensamento lacaniano, é que a abordagem feita da sublimação em 1960, como o destino pulsional que incide entre o objeto e *das Ding*, foi um fator que muito contribuiu para que, três anos depois, Lacan concebesse o objeto *a*, enfatizando que sua única tradução subjetiva é a angústia:

O objeto *a*, este ano, está no centro de nosso discurso. Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei ‘a angústia’, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também é dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva (LACAN, 1962-63/2004, p. 113).

Diante do vazio, que é da ordem do Real, se, por um lado, a angústia entra em cena, por outro, a sublimação e a possibilidade de criação entram em jogo como saída: a formação de um ideal aumenta as exigências do Eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalçamento; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalçamento (FREUD, 1914/1974, p. 112).

Tendo definido o conceito de sublimação, discorreremos no próximo capítulo sobre um tema que na literatura psicanalítica, podemos dizer, se apresenta indissociável do conceito fundamental de nossa pesquisa – a arte. Ao longo de toda sua obra, Freud atribui à sublimação as produções artísticas, tendo como estudo paradigmático no que diz respeito a esse destino pulsional o ensaio sobre Leonardo da Vinci, de 1910, tema que iremos desenvolver mais profundamente no próximo capítulo.

3 A SUBLIMAÇÃO E A ARTE

Parafraçando Miller, quando dá como título a um de seus textos “Nada é mais humano do que o crime” (conferência que ele proferiu em 2008), suscitados pelo estudo da capacidade humana de sublimar, podemos afirmar que: nada é mais humano do que a criação! E a sublimação se revela, no pensamento psicanalítico, como um processo psíquico que leva à criação. Mesmo considerando a advertência de Lacan em seu seminário *A lógica do fantasma*, 1967, que “a obra de sublimação não é necessariamente a obra de arte, ela pode ser muitas outras coisas” (p. 207), notadamente é o campo da arte que mais a evidencia.

Marcel Duchamp, em seu texto “O ato criador” (1957), em que discorre sobre o artista e o ato de criar, nos brinda com pérolas para falar sobre a criação, como: “Aparentemente, o artista funciona como um ser mediúnico que, de um labirinto situado além do tempo e do espaço, procura caminhar até uma clareira” (p.72), ou ainda quando expressa que “no ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas” (p.73). Segundo Duchamp, sempre haverá um conflito entre esses dois aspectos, pois sempre haverá uma diferença entre a intenção e a realização do artista, “uma diferença da qual o artista não tem consciência”. Essa falha, isto é, essa diferença entre o que o artista intenciona realizar e o que ele realmente realizou, Duchamp (1957, p. 73) chama de “coeficiente artístico pessoal” contido na obra de arte, ou seja, é o que está entre “o que permanece ‘inexpresso’ embora intencionado, e o que é expresso não-intencionalmente”. Essa passagem nos sugere que esse *gap*, essa diferença à qual Duchamp se refere, é da ordem do inassimilável, é o que escapa a qualquer representação, é o campo de *das Ding*, o qual Lacan se refere em seu seminário 7.

A arte se entrelaça à psicanálise desde sua criação por Sigmund Freud. O professor e pesquisador Ernani Chaves (2015) recupera o testemunho de um dos frequentadores das “reuniões de quartas-feiras”, Max Graf, crítico musical vienense e pai do “Pequeno Hans”, que afirmava que Freud era uma das pessoas mais cultas que havia conhecido. Dizia que o pai da psicanálise conhecia, com profundidade, todas as obras de maior importância de escritores, a grandes pintores. Apesar de Freud ser cauteloso ao submeter uma obra de arte à investigação psicanalítica, sempre buscou nas produções artísticas um abrigo para suas hipóteses sobre os bastidores obscuros do psiquismo humano.

A admiração frequente que Freud manifesta em relação à arte e aos artistas encerra uma ambivalência, assinala a filósofa francesa Sarah Koffman em seu livro *A infância da arte*, (1985/1995, p.19). Segundo Koffman, constata-se essa ambivalência pelo fato de que, se, por um lado Freud reconhece uma certa superioridade no poder dos artistas de “conhecer” o que diz respeito à subjetividade humana, por outro, a obra de arte tem um efeito perturbador para quem a observa, pois implica numa relação com o que foi recalcado. Desse modo, Freud salvaguarda a imagem ideológica do artista, mas, ao mesmo tempo, denuncia que o que é recalcado por este aparece em sua obra produzindo um efeito enigmático em quem a observa.

Os vários ensaios de Freud que abordam esse tema e fazem parte de sua obra mostram a importância que o fenômeno da criação e da invenção humanas assumiam para ele. Como em seu artigo “O poeta e o fantasiar”, quando Freud (1908/2015) compara o brincar da criança à criação poética: “toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo” (p.56). Assim, Freud ressalta que em cada um existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem.

Desse modo, podemos constatar que a vertente da sublimação mais abordada, na literatura psicanalítica, é de sua relação com as produções artísticas e seus processos de criação. Este destino pulsional, postulado por Freud, tenta explicar atividades humanas que aparentemente não têm relação com a sexualidade, mas que encontram na força da pulsão sexual o seu elemento propulsor. Portanto, atividades artísticas e intelectuais, e a própria ideia de civilização são tributárias, segundo o criador da psicanálise, da sublimação.

Por sua vez, Lacan estabelece bases para uma nova abordagem da sublimação quando, no fim de seu seminário *O desejo e sua interpretação*, a situa no nível do sujeito lógico, “onde se instaura e se desenrola tudo que é propriamente falando, trabalho criador na ordem do *logos*” (LACAN, 1958-59/2013, p. 518). Ou seja, a sublimação é aquilo que possibilita que desejo e letra se equivalham, ela marca um lugar vazio, em que o sujeito, efeito da falta-a-ser, se engendra no processo de criação, ideia que Lacan irá desenvolver no ano seguinte, em seu seminário sobre a ética. Como adverte Erik Porge, em seu livro *A sublimação uma erótica para a psicanálise*, de 2018, Lacan apresenta essa reflexão antes mesmo de sua definição de sujeito de 1962, quando estabelece que o significante é o que representa um sujeito para outro significante.

Ainda no seminário de 1959, prosseguindo nesse pensamento da ordem do *logos*, Lacan ressalta que a sublimação pode ser definida como o puro jogo de significantes ao qual a

pulsão é reduzida a partir da ideia freudiana de dessexualização, isto é, a ideia de Freud de que esse destino pulsional pode se esvaziar da pulsão sexual. No entanto, Lacan (1958-59/2013, p. 517), diante do paradoxo que se produz a partir dessa concepção freudiana, questiona como é possível definirmos “uma atividade sexual na medida em que é dessexualizada”. Nas suas considerações, quanto a isso, o psicanalista francês conclui que em Freud esse esvaziamento da pulsão sexual que ocorre na sublimação evidencia o que é próprio da pulsão, ou seja, a partir do momento que essa dessexualização ocorre, ela não se confunde com o que é da ordem da relação sexual.

(...) a menos que se defina a sublimação como a forma mesma que se cunha o desejo. O que lhes indicam, de fato, em Freud é justamente que essa forma pode se esvaziar da pulsão sexual – ou mais exatamente, que a própria pulsão, longe de se confundir com a substância da relação sexual, é essa própria forma. Em outras palavras, fundamentalmente, a pulsão pode se reduzir ao puro jogo do significante. E é assim também que podemos definir a sublimação. (IBID, p.517)

Nessa reflexão de Lacan, entendemos a relação sexual na sua dimensão imaginária, em que haveria a suposição de uma relação simétrica, biunívoca, entre sujeito e objeto, o que é da ordem da impossibilidade, pois, ao contrário, o que haverá, sempre, é um descentramento, uma dissimetria entre o sujeito e o objeto.

Desse modo, Lacan enfatiza que a sublimação é a forma pulsional na qual se cunha o desejo, por marcar esse vazio, lugar de *das Ding*, a Coisa. É importante reiterarmos aqui o que já ressaltamos anteriormente, que essa indicação de Lacan quando estabelece a relação entre o vazio e o desejo, representado pela inapreensibilidade de *das Ding*, já prefigura o que três anos depois o psicanalista vai conceber como o objeto *a*. E é em relação à Coisa, como já indicamos anteriormente, que Lacan irá definir a sublimação em seu seminário sobre a ética: “A fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta: ela eleva um objeto – e aqui não fugirei as ressonâncias de trocadilho que pode haver no emprego do termo que vou introduzir - à dignidade da Coisa” (LACAN, 1959-60/1988, p. 140).

Assim, a arte como manifestação subjetiva do processo sublimatório, segundo Lacan, se caracteriza por certo modo de organização em torno do vazio da Coisa, ou seja, a arte não consiste em evitar o vazio, mas, ao contrário, este permanece no centro de toda criação: “Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio” (LACAN, 1960/1988, p.162). E, em consonância com o pensamento lacaniano sobre a arte, encontramos na escrita de Maurice Blanchot, romancista,

jornalista e crítico literário francês muito citado por Lacan, sobretudo em seu seminário 7, a seguinte reflexão:

[...] a arte descreve a situação daquele que se perdeu, que já não pode dizer “eu”, que no mesmo movimento perdeu o mundo, a verdade do mundo, que pertence ao exílio, a esse tempo de desamparo em que os deuses já partiram ou ainda não chegaram (BLANCHOT, 1955/2011, p.75).

Desse modo, neste capítulo vamos abordar a relação da arte com a sublimação, em Freud e Lacan, marcando as diferenças e consonâncias no pensamento dos dois autores a esse respeito, o que também nos permitirá discorrer sobre o sublime e a obra de arte na concepção de Walter Benjamin, autor de um dos mais importantes ensaios do século XX sobre a arte. E no último subcapítulo de sublimação e arte, abordaremos a relação do surrealismo com a psicanálise: é “legítimo” identificarmos como um processo de sublimação a arte que manifesta, intencionalmente, o que seriam “fenômenos inconscientes”? Questão suscitada a partir da reação de Freud diante do quadro do pintor catalão Salvador Dalí em 1938, *Metamorfose de Narciso*, quando o psicanalista põe em dúvida a legitimidade de considerar como arte obras que não respeitam certos limites entre o material consciente e inconsciente.

3.1 Arte e sublimação em Freud: do sexual ao sublime

Em 1912, em seu artigo “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”, Freud atesta que existe uma impossibilidade de satisfação completa das pulsões sexuais, a partir do momento em que elas estão submetidas às exigências da civilização, dessa forma através do processo sublimatório essas pulsões passam a ser a fonte das mais nobres obras culturais:

A mesma incapacidade de a pulsão sexual produzir satisfação tão logo for submetida aos primeiros requisitos da cultura, torna-se, no entanto, a fonte das mais grandiosas realizações culturais, que são obtidas através de uma sublimação sempre contínua de seus componentes pulsionais. (FREUD, 1912/2018, p.151).

Para Freud, portanto, as realizações culturais resultantes de um processo sublimatório estão ligadas a uma exigência civilizatória. Porém, devemos distinguir que essa exigência e esse reconhecimento, sublinhado por Freud, é distinto do que ocorre no recalque e na idealização. Diferente do que ocorre nesses dois processos, na sublimação a falta é

incorporada, como ressalta Paul-Laurent Assoun, a sublimação vai se fundar sobre o luto do objeto que falta: “*La sublimation vadonc se fonder sur ce deuil – c’est son fond mélancolique*”¹¹(ASSOUN, 2017, p.72).

Assoun destaca também que a sublimação cultural tem sua pré-história no mito científico freudiano *Totem e tabu*. Diante da onipotência do Pai da Horda como detentor do gozo absoluto, gozo esse, proibido aos filhos, uma revolta se dá, resultando no assassinato do Pai Originário pelos filhos, num ato que denuncia a radicalidade da impossibilidade de sublimar. Somente após o assassinato do Pai a lógica da renúncia pulsional passa a operar e a exigir outros destinos à pulsão, e um desses destinos é a sublimação, pois a partir desse ato o que se inscreve psiquicamente é a impossibilidade da satisfação plena. Dessa forma, Assoun continua sua reflexão fazendo uma observação extremamente pertinente, quando assinala que a figura do criminoso desafia a cultura, ao ser feito de tema de obras literárias, que vão de Édipo a Hamlet, passando pelos Irmãos Karamazov, onde o criminoso, inimigo público da cultura, seu antônimo e seu inverso, encontra um lugar, e isso se dá, ressalta o autor, através do processo sublimatório.

Desse modo, observamos que Freud, a partir do aspecto econômico do psiquismo, ou seja, dos investimentos da energia psíquica, situa a arte do lado do princípio de prazer, ele vê nela uma forma de reconciliação feliz entre princípio de prazer e princípio de realidade, onde haverá uma harmonia entre o artista e sua fantasia. Assim, o autor situa a arte em ensaios como *Gradiva de Jensen* e em *O poeta e o fantasiar*, como uma via que traz à luz as fantasias e os desejos mais íntimos e recalcados do artista.

A luz da compreensão interna (*insight*) de tais fantasias, podemos encarar a situação como se segue. Uma poderosa lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga (FREUD, 1910/1974, p.90).

Em 1909, por ocasião do vigésimo aniversário da Clark University, em Worcester nos EUA, Freud foi convidado, pelo presidente dessa instituição, Stanley Hall, para proferir conferências sobre a teoria psicanalítica. Foram, ao todo, cinco lições que constituem a primeira exposição sistemática que Freud fez sobre sua teoria. Nessa época, a psicanálise ainda não tinha assumido a importância que conquistou anos mais tarde. Apesar de no ano de

¹¹ A sublimação vai se fundar sobre o luto – é o seu fundo melancólico.

1908 já ter havido o primeiro congresso internacional de psicanálise em Salisburgo, as novas ideias, como o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, não eram bem recebidas nas rodas científicas. Diferentemente do que acontecia na Europa, nessa época, em Worcester Freud se sentiu acolhido, chegando mesmo a dizer: “A psicanálise não era mais, portanto, uma concepção delirante, mas se tornara uma parte preciosa da realidade” (FREUD, 1925/1974, p.4). E é no final da quinta lição, como já ressaltamos anteriormente, discorrendo sobre a incidência do recalque na constituição da neurose, que Freud ressalta que nesse processo há a “extirpação radical dos desejos infantis”(FREUD, 1925/1974, p.49), levando o neurótico a perder muitas fontes de energia psíquica que lhe “teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida” (p. 49). A partir dessas observações, ele destaca o que ocorre no tratamento analítico, relatando o que geralmente acontece com os desejos inconscientes libertados pela psicanálise e por quais meios eles podem se tornar inofensivos para o sujeito.

Dessa forma, Freud elencou as três possibilidades para a moção pulsional que foi desrecalcada: o juízo de condenação - um destino que Jorge explicita como a capacidade que o sujeito adquire, pelo processo analítico, de poder deliberar diante de uma moção pulsional antes ameaçadora -; a sublimação, pela qual “a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual” (FREUD, 1974/1909, p.50); e como o terceiro dos possíveis desenlaces, a satisfação direta, que Freud enfatiza sublinhando que parte dos desejos libidinais recalcados faz jus a ela e deve alcançá-la na vida. Sendo assim, mais uma vez assinalamos o que Freud deixa claro - que se o destino tomado por uma moção pulsional é a sublimação, isso implica a não incidência do recalque.

No entanto, na obra freudiana o ensaio mais emblemático sobre sublimação é o ensaio sobre Leonardo Da Vinci, de 1910. As hipóteses de Freud em relação a Leonardo, revelam que devido a tendência muito precoce do artista para a curiosidade sexual, a maior parte das moções de sua pulsão sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim ao recalque. Freud destaca que a *Wisstrieb*, pulsão de conhecimento, em Leonardo foi ativa desde sua primeira infância.

3.1.1 Leonardo e a sublimação: o cerne e o segredo de sua essência

Freud já mostrava particular interesse por Leonardo da Vinci desde muito cedo, como atesta numa carta endereçada a Fliess em outubro de 1898, na qual comentou: “Leonardo, que talvez fosse o mais famoso canhoto da história, jamais tivera um caso de amor”. Esse interesse por Leonardo reaparece em 1909 quando ao retornar dos EUA Freud escreve a Jung comunicando-lhe que o enigma do caráter de Leonardo se tornou transparente para ele. Levanta a hipótese de que a grande capacidade intelectual de Leonardo teria relação com sua inatividade sexual ou homossexualidade, supondo que isso era devido à conversão, muito precoce, de sua sexualidade infantil em pulsão de saber, der *Sexualtrieb wandelte sich in den Wisstrieb*. Entretanto, mais adiante, contradizendo o que havia suposto, admite que “acabara de encontrar a mesma problemática num neurótico desprovido de qualquer talento” (ROUDINESCO, 1997, p.467).

No ano seguinte à viagem aos EUA, em 1910, Freud publica seu livro: *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. O historiador e biógrafo de Freud Peter Gay observa que Freud nunca teve a pretensão de explicar a genialidade de Leonardo, mas seu estudo pode contribuir para esclarecer melhor o processo de sublimação. Em seu livro *Freud, uma vida para o nosso tempo*, Gay destaca o que disse Freud a Lou-Salomé, quase dez anos após publicar seu livro sobre Leonardo: “Foi a única coisa bela que jamais escrevi” (GAY, 2010, p. 253).

Se a vida de Leonardo, como Freud observou, foi pobre em amor, não é que haja uma incompatibilidade entre amor, atividade artística e ciência, mas no caso de Leonardo, como aponta o psicanalista, havia essa separação por motivos ligados à economia particular de sua libido. Em Leonardo, a libido de sua pulsão sexual não foi inteiramente sublimada, nem se dirigiu em sua totalidade a reforçar a pulsão de pesquisa. Uma porção menor continuou a ter objetivos sexuais, mas por ser uma parcela quantitativamente menor de libido para esses fins, Leonardo foi levado a ter uma vida sexual adulta atrofiada.

Freud nunca considerou seu livro sobre Leonardo como um caso clínico. Mas confessava sua grande admiração pelo artista e que havia sucumbido à atração que emanava desse grande e misterioso homem. Através de suas pesquisas sobre Leonardo, Freud o descreve como um homem belo, com extrema força física, um homem que amava a beleza e a

sofisticação. Era também delicado e bondoso para com todos, recusava-se a comer carne por não achar justo tirar a vida de animais, comprava pássaros no mercado com a finalidade de libertá-los e condenava as guerras e o derramamento de sangue. Uma personalidade que reunia inúmeras habilidades, sendo a mais brilhante da época renascentista.

Freud dispunha de algumas leituras sobre Leonardo, sendo que a mais importante, segundo Roudinesco (1997, p.468) foi o romance histórico do escritor russo Dimitri Sergueievitch Merejkovski (1865-1941). Mas, o que chamou atenção de Freud foi que em todos esses textos havia uma lacuna relacionada a sexualidade do artista. Foi somente nos *Cadernos de Leonardo da Vinci* que Freud parece encontrar o que procurava. Ali, o psicanalista encontra a descrição de Leonardo de uma recordação, que o artista descreve como uma primeiríssima lembrança: quando ainda estava no berço um abutre desceu até ele, e com a cauda abriu-lhe a boca e bateu em seus lábios várias vezes. A partir disso, Freud passa a fazer uma leitura psicanalítica dessa “fantasia do abutre, em Leonardo”.

Essa lembrança de Leonardo que afirma que um abutre, com sua cauda, abriu a boca da criança, soa tão improvável, soa como um conto de fadas [*märchenhaft*], que uma outra interpretação, mais bem recomendada por nosso juízo, resolveria ambas as dificuldades de uma vez só. Esta cena com o abutre não é uma lembrança de Leonardo, mas uma fantasia [*eine Phantasie*], formada posteriormente e que ele transportou para sua infância (FREUD, 1910/2015, p.95).

O nome da ave de rapina, que visita Leonardo em sua lembrança, foi anotada por ele como *nibio* que em italiano significa milharfe, mas Freud no decorrer de seu estudo usou a palavra alemã *Geier*, que significa abutre. Para Freud, a fantasia do abutre sugere a constituição de uma lembrança encobridora, que diz respeito à intensa relação amorosa de Leonardo com sua mãe, onde a cauda da ave seria a representação de um pênis e a fantasia corresponderia a uma felação. Essa suposição parte, segundo Freud, de duas evidências na compreensão da pesquisa psicanalítica sobre a homossexualidade: a ideia de uma intensidade da relação erótica entre mãe e filho, sendo esta a fixação às necessidades amorosas ligadas a mãe. A segunda “expressa na afirmação de que todos, incluindo o mais normal, é capaz da escolha de um objeto homossexual, seja a tendo realizado alguma vez na vida e mantendo-a em seu inconsciente, seja se assegurando contra ela, por meio de uma enérgica oposição” (FREUD, 1910/2015, p.116). A partir disso, Freud prossegue numa descrição do que ocorre na organização psíquica no caso da homossexualidade e mais especificamente no caso de Leonardo a quem ele atribui uma homossexualidade “ideal”. Diante da interdição que ocorre em relação ao amor pela mãe, incidindo aí o recalque desse amor, e com a ausência do pai

que, segundo Freud, asseguraria ao filho a escolha do objeto para o sexo oposto, a criança identifica-se com a mãe colocando-se em seu lugar.

Desse modo ele se tornou homossexual; na verdade ele recaiu no autoerotismo, na medida em que os garotos, que o adulto agora ama, são apenas substitutos e renovadores de sua própria pessoa, quando criança, a quem ele ama tanto quanto a sua própria mãe o amou quando criança (FREUD, 1910/2015, p.116).

Nessa reflexão, Freud introduz pela primeira vez em sua obra o termo narcisismo, assinalando que, desse modo, é encontrado o amor pelos caminhos do narcisismo referindo-se ao mito grego, “a quem nada mais compraz do que a própria imagem no espelho” (FREUD, 1910/2015, p. 116). Mas Freud adverte que essa interpretação não é suficiente nem definitiva para esclarecer a gênese da homossexualidade e que ela pode surgir a partir de vários outros processos psíquicos, observando ainda que não se pode recusar a colaboração de fatores constitucionais.

No fim da primeira parte de seu ensaio sobre Leonardo, Freud observa que a curiosidade das crianças pequenas se manifesta no prazer incansável que sentem em fazer perguntas. A pesquisa psicanalítica mostra que a maioria das crianças atravessa um período de pesquisas sexuais infantis despertada por uma curiosidade que não é espontânea, mas sim pela impressão causada por algum acontecimento importante, como o nascimento de um irmão ou pelo temor que isso aconteça baseado em experiências externas.

Quando o recalque põe fim ao período de pesquisa sexual infantil, a moção pulsional de pesquisa terá três diferentes destinos possíveis: no primeiro, a pesquisa participa do destino da sexualidade; dessa forma, esclarece Freud, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo decorrer de sua vida. Esse é o caso da inibição do neurótico, onde haverá um enfraquecimento intelectual. Num segundo destino, o desenvolvimento intelectual é suficientemente forte para resistir ao recalque que o domina; desse modo, as atividades sexuais de pesquisa emergem do inconsciente, mas sob a forma de uma preocupação compulsiva, de forma distorcida e não-livre, sendo suficientemente forte para sexualizar o pensamento, tornando a pesquisa uma atividade sexual, muitas vezes única. Porém, essas pesquisas assumem um caráter interminável, e o sentimento intelectual de alcançar uma solução torna-se cada vez mais distante. O terceiro destino, que Freud enfatiza como sendo o mais raro e mais perfeito, é o que escapa tanto à inibição do pensamento quanto ao pensamento neurótico compulsivo. No entanto, Freud indica que aqui também incide o recalque, que podemos entender como a incidência do recalque originário. Contudo, destaca-

se neste processo uma particularidade, a libido escapa ao destino de sofrer a incidência do recalque propriamente dito sendo, a partir do recalque originário, sublimada desde o começo, se manifestando em desejo de saber e ligando-se à poderosa pulsão de pesquisa como forma de se fortalecer. Freud adverte que, nesse caso, a pesquisa também pode tornar-se compulsiva e funcionar como substitutivo para uma atividade sexual, mas ele faz a seguinte ressalva:

Também aqui a pesquisa se torna, em certa medida, coação e substituto da atividade sexual, mas como consequência da completa diferenciação dos processos psíquicos subjacentes (sublimação em vez de irrupção a partir do inconsciente) permanece o caráter de neurose, suprimindo a ligação com o complexo originário da pesquisa sexual infantil e a pulsão pode agir livre, a serviço do interesse intelectual. Ele ainda leva em conta o recalque sexual, que tornou esse interesse muito forte por meio do complemento da libido sublimada, enquanto evita ocupar-se com temas sexuais. (FREUD, 1910/2015, p.92).

Nessa reflexão, Freud é claro ao destacar que a incidência da sublimação numa determinada pulsão não significa que ela não esteja sob o regime do recalque primário – permanece o caráter de neurose – pois, apesar de haver uma supressão da pesquisa sexual infantil originária, se a incidência do processo psíquico posterior é a sublimação ao invés do recalque secundário, a pulsão pode agir livremente a serviço do interesse intelectual. Freud (1910/2015, p. 93) considera a ocorrência desse terceiro destino presente em Leonardo, levantando a seguinte hipótese: “Que ele tenha conseguido então colocar a atividade infantil do desejo de saber a serviço de interesses para sublimar a maior parte de sua libido na coação a pesquisar, isso seria o cerne e o segredo de sua essência”. Nesse processo, Freud assinala também a importância do complexo paterno na história de Leonardo, levantando a hipótese de que sua revolta contra o pai foi a condição infantil de seu extraordinário trabalho como pesquisador. Pois enquanto para a maioria das crianças é imperiosa a necessidade de uma sustentação em alguma autoridade referida à função paterna, Leonardo, por ter renunciado ao pai nos primeiros anos de sua vida, pôde conduzir, posteriormente, suas pesquisas científicas, segundo Freud, com frieza e independência.

Pressupondo que sua pesquisa sexual infantil não foi impedida pelo pai, ela “prosseguiu, às expensas do sexual” (FREUD, 1910/2015, p.145). Mas Freud (1910/2015), a respeito dessa independência de Leonardo em relação à autoridade paterna, ressalta aí uma contradição, pois o mesmo homem que recusou ser absorvido por uma autoridade “se tornou um crente”, não sendo possível para ele “afastar-se da religião dogmática” (p. 145). E, à luz da psicanálise, Freud chama atenção para essa contradição justificando que é no complexo

paterno que se encontra a raiz das necessidades religiosas, pela íntima ligação que ele tem com a crença em Deus. Segundo Freud, “o Deus justo, todo poderoso, e a bondosa natureza aparecem para nós como sublimação extraordinária do pai e da mãe [...]” (p. 145).

Sobre Leonardo, podemos concluir que a tese fundamental de Freud nesse ensaio é a relação que ele apresenta entre o recalque e a sublimação, ou seja, Freud constata que há a incidência de um recalque primevo, porém, a grande capacidade sublimatória de Leonardo, que se manifesta muito precocemente, não é inibida pela ação do recalque propriamente dito, que vai incidir, apenas em parte, sobre as moções pulsionais sexuais:

Nós tornamos Leonardo o representante de uma ideia, segundo a qual o caráter ocasional de seu nascimento ilegítimo e o carinho excessivo de sua mãe exerceram a influência mais decisiva sobre sua formação de caráter e seu destino posterior, na medida em que após essa fase da infância o recalque sexual aí introduzido possibilitou-lhe a sublimação da libido em compulsão de conhecimento, mantendo sua inatividade sexual para toda sua vida posterior (FREUD, 1910/2015, p.160).

Freud atribui a ocorrência da afirmação acima a duas particularidades de Leonardo, que o psicanalista confessa não poderem, ainda, ser esclarecidas pelo empenho da psicanálise, são elas (1) sua inclinação a recalcar em parte as pulsões sexuais e (2) sua “extraordinária capacidade de sublimar as pulsões primitivas” (FREUD, 1910/2015, p. 160) na medida em que seu enorme talento artístico e seu grande desempenho se casam intimamente com a sublimação. Dessa forma, Freud conclui que em consequência do recalque do amor pela mãe parte da libido foi impulsionada para uma posição homossexual e se deu a conhecer na forma do amor aos rapazes. Mas no inconsciente permaneceu a fixação à mãe e a feliz lembrança da relação com ela. Dessa forma, três processos psíquicos – recalque, fixação e sublimação - se dividem na disposição das contribuições que organizaram a pulsão sexual na constituição subjetiva de Leonardo. Freud indica dois momentos de sublimação na organização libidinal de Leonardo: a primeira sublimação ocorre pelos condicionamentos da mais tenra infância, que ultrapassam os desdobramentos que acontecem em sua puberdade e que o levaram a ser pesquisador, como já descrito anteriormente; e “a segunda sublimação de suas pulsões eróticas recua diante da originária, preparada pelo primeiro recalque. Ele se torna pesquisador, primeiro a serviço de sua arte, depois independentemente dela e separado dela” (FREUD, 1910/2015, p.157).

3.2 Arte e sublimação em Lacan: do sublime à pulsão de morte

A sublimação em Lacan, como já vimos anteriormente, direciona o sujeito para um mais além do objeto, para *das Ding*, ou seja, eleva o objeto para o campo do irrepresentável, e é por meio das produções artísticas que podemos constatar a existência de uma tensão entre a representação e o irrepresentável. Para ele, toda arte se organiza em torno do vazio, efeito da impossibilidade de se representar *das Ding*. Segundo Lacan, em todas as formas criadas pelo homem, o vazio permanece no centro da criação, que ele denomina de vacúolo. E é precisamente disso que se trata na sublimação, pois se na *Verdrängung* a Coisa é recalcada, na sublimação constatamos, em consonância com o que Érik Porge desenvolve no seu livro *A sublimação, uma erótica para a psicanálise*, que é a emergência da Coisa que entra em jogo: Há sincronia entre a “elevação”, o advento do objeto a e a Coisa, como tais (...) A elevação do objeto é sincrônica com a produção da Coisa (PORGE, 2019, p. 73).

Como já indicamos em capítulos anteriores, Lacan tem como paradigma da sublimação o amor cortês. Em meados do século XI, por todo o século XII até o início do século XIII, na Europa, apareceram poetas e trovadores que falavam de uma certa forma do amor – o amor cortês. Nesse tipo de literatura o objeto é o feminino, como ressalta Lacan, porém a inacessibilidade a esse objeto é colocada desde o início. A Dama, no amor cortês, é descaracterizada de qualquer traço que a singularize, de forma que os autores pareciam se dirigir à mesma pessoa, “Nesse campo poético, o objeto feminino é esvaziado de toda substância real” (LACAN, 1959-60/1988, p.186). Dessa forma, através da teoria da *Minne* ou do amor cortês, Lacan demonstra como funciona a visada pulsional na sublimação, ou seja, o que se deseja é alguma coisa real de que se é privado.

Para conhecermos um pouco mais sobre o amor cortesão da idade média, ao qual Lacan se refere como paradigma da sublimação, retornaremos ao livro que já citamos anteriormente *Tratado do amor cortês*, de André Capelão. Essa é uma obra fundamental sobre a literatura cortesã, em que o autor oferece a um amigo uma doutrina do amor. O que se sabe sobre André Capelão é muito pouco, ele pertencia ao clero e, através de pesquisas e achados de alguns documentos, como uma missiva enviada pela condessa de Champagne, que data de 1 de maio de 1174, presume-se que esse livro tenha sido escrito por volta do ano 1186.

As referências encontradas sobre André Capelão indicam que ele frequentava o universo aristocrático, mundano e refinado do século XII, um universo apaixonado pela ideologia amorosa. O autor revela, em seu prefácio, ter escrito seu *Tratado* para atender a um amigo, Gautier, que vivia uma experiência amorosa e estava ávido sobre o esclarecimento da arte de amar. No amor cortês, descreve Capelão, a mulher é equiparada a uma suserana¹², os diálogos são bem claros nesse sentido, o amante mostra submissão total a essa mulher, exprime o desejo de ser aceito como seu vassalo, oferecendo incansavelmente os seus serviços. O amor é feito da tensão perpétua de um desejo que se mostra sempre exacerbado e ao mesmo tempo como fonte de aperfeiçoamento. A separação, a ausência da dama tornam mais intenso o desejo amoroso e o eleva, descreve Capelão, tornando-se, dessa forma, o objeto de desejo inacessível: *Nada se obtém a tanto custo/ como aquilo que estou desejando/ e coisa alguma dá tanto desejo/ como aquilo que não posso obter* (trecho de uma poesia de Cercamon¹³).

Essa dimensão que Lacan dá a sublimação, em *quedas Ding* está em jogo nesse vetoramento pulsional, faz com que, inevitavelmente, o autor aproxime esse destino pulsional da pulsão de morte. Essa suposição está em consonância com o que Lacan vai afirmar em 1964, “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”, pois a presença do sexo está ligada à morte. Dessa forma, há uma conciliação, segundo o psicanalista, das duas faces da pulsão, que ao mesmo tempo que presentifica a sexualidade no inconsciente “representa em sua essência, a morte” (LACAN, 1964/1985, p.188). Como já indicamos anteriormente, a dimensão do conceito de morte em Lacan é distinta da de Freud. Enquanto para Freud, essa força direcionada à morte é a tendência pulsional de retorno ao inanimado, para Lacan a morte é simbólica e está referida à castração. É uma morte que marca a dissolução do poder organizador do simbólico, levando à ruptura do eu como formação imaginária. Em Lacan, a morte procurada pela pulsão é “o estado de diferenças livres quando elas não são submetidas à forma que lhes era dada por um Eu” (DELEUZE, 2018, p.149). Lembremos que, em Freud, o Eu é constituído por *Eros*, que através da pulsão de vida se transforma em potência unificadora. Esse processo se dá através de mecanismos narcísicos. O Eu é a imagem do

¹²Suserania ou suserania era o termo empregado na Idade Média para distinguir um nobre que doava algum bem a outro nobre. Nessa relação, suserano é quem doa o bem e quem o recebe é denominado vassalo.

¹³Cercamon, um dos primeiros trovadores, da corte de Guilherme X, duque de Aquitânia, entre 1126 e 1137. O duque Guilherme X era amante das artes e foi considerado o patrono dos trovadores.

outro, o que faz Lacan afirmar que o *Ego* é uma ilusão própria do narcisismo. (LACAN, 1955/1975, p.370).

Assim, adotando os paradigmas de Lacan, a pulsão de morte está referida a um campo específico que é o campo da Coisa, ao que é da ordem do impossível, termo que nomeia processos que não encontram lugar no universo simbólico. Essa impossibilidade é nomeada por Lacan de várias formas, como: a inexistência da relação sexual, o Real, A Mulher, o Outro-goço. E esse campo, o campo da Coisa, que está para além da cadeia significante, portanto o campo do irrepresentável, “onde tudo o que é lugar do ser é posto em causa”, segundo Lacan, é o lugar eleito onde se produz a sublimação. (LACAN, 1960/1988, p. 262). Desse modo, podemos situar uma interseção entre os dois conceitos, pois tanto a sublimação quanto a pulsão de morte estão referidas ao mesmo campo, o campo de *das Ding*.

Em consonância com a lógica da teoria pulsional freudiana, Lacan considera que a sublimação, sendo uma vicissitude da pulsão, tem sua fonte numa borda sexualizada. O erotismo, portanto, está presente na fonte de toda pulsão antes de ela ser sublimada. Na medida em que a pulsão é sublimada, distinta do modo de satisfação de toda pulsão sexual recalçada que contornando objetos libidinalmente investidos, encontra na substituição sintomática seu modo de satisfação, na sublimação ela faz seu circuito em torno do vazio: “em toda forma de sublimação o vazio é determinante” (LACAN, 1960/1988, p.162). Desse modo, a pulsão encontra satisfação não-sexual no próprio circuito, ou seja, a satisfação na sublimação não está no feito, no resultado, mas no processo, na tendência, o que faz Lacan afirmar que a sublimação evidencia que a pulsão não se confunde com a “substância da relação sexual” (LACAN, 1959/1999, p.243). Sendo assim, podemos concluir que na sublimação não comparece o objeto antes introduzido numa relação de miragem. Esse objeto ausente na sublimação é aquele que emerge da relação narcísica, de uma relação imaginária, intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem: “*Ichlibido* e *Objektlibido* são introduzidos por Freud com relação à diferença entre *Ich-Ideal* e *Ideal-Iche* entre a miragem do Eu e a formação de um ideal” (LACAN, 1960/1988, p. 124). Portanto, esse objeto que possibilita uma satisfação parcial da pulsão, não é o visado no processo sublimatório. Na sublimação o “objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar” (LACAN, 1960/1988, p.176).

Apesar da sublimação estar referida ao campo de *das Ding*, como afirma Lacan: "Esse campo que chamo de campo da Coisa, onde se projeta algo para além, é o lugar eleito onde se produz a sublimação" (LACAN, 1960/1985, p.262), ela não pode ser confundida com um processo de *Verwerfung*, ou seja, com a rejeição para fora de um real que vai contra o princípio do prazer e que não retorna subjetivado, retorna somente sob a forma de alucinação, produzindo odelírio ou a passagem ao ato. Através da sublimação, distinto do que ocorre na *Verwerfung*, é possível, pela simbolização, produzir um objetonão-especular, que sustenta o vazio da falta estrutural, ou seja sustenta o advento da Coisa em concomitância com a produção do objeto não-especular. Desse modo a sublimação se aproximaria de uma *Aufhebung* que sustenta essa dupla dimensão, da ausência e da presença, traduzida pela máxima lacaniana: "a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa" (LACAN, 1960/1988, p.133).

Reafirmando, em consonância com o pensamento lacaniano, que a pulsão sublimada está referida ao campo de *das Ding*, um campo impossível de ser apreendido, o que se apreende nesse destino pulsional é a falta irrevogável do objeto. Dito de outro modo, na sublimação a satisfação pulsional se constitui a partir de um objeto que evidencia sua falta. Desse modo, a falta do objeto, seja na dimensão pulsional, onde ele é indiferente, indeterminado, na definição freudiana, seja na dimensão do desejo, como objeto *a*, como causa de desejo, perdido desde sempre, como destaca Lacan, torna-se evidente na sublimação. Mesmo circunscritos a dois registros diferentes, a pulsão circunscrita ao registro do Real e o desejo ao registro Simbólico, constata-se que o estatuto do objeto nas duas referências - desejo e pulsão - se aproximam, no que diz respeito à inapreensibilidade de um objeto totalizante.

Já vimos anteriormente que, para haver sublimação, é condição que não haja recalque, o recalque propriamente dito, *Verdrängung*. Desse modo, não há formação de sintoma; uma pulsão sublimada não faz sintoma: "A sublimação caracteriza-se por uma mudança nos objetos, ou na libido, que não se faz por intermédio de um retorno do recalçado, que não se faz sintomaticamente, indiretamente" (LACAN, 1960/1988, p.119). Assim como Freud, Lacan constata que o sintoma é uma formação que se dá pelo retorno do recalçado num processo de evitação da angústia, é resultado da manifestação de algo que retorna de uma dimensão interdita: "os sintomas só se formam a fim de evitar a angústia: reúnem a energia psíquica que de outra forma seria descarregada em angústia" (FREUD, 1926/1974, p.168). Da

mesma forma, seguindo essa linha de pensamento, apesar de não fazer sintoma a sublimação tampouco desencadeia angústia. Lacan ressalta, quando define a sublimação, que o que está em jogo é uma satisfação sem recalque, que nesse processo “há implícito ou explícito, passagem do não-saber ao saber, reconhecimento disto, que o desejo nada mais é do que a metonímia do discurso da demanda”(LACAN, 1960/1988, p.352). A partir dessa afirmação, podemos definir a sublimação como um *savoir-faire* diante da impossibilidade de satisfação plena, que inclui o reconhecimento do desejo como o desejar, ou seja, não é o desejo de um objeto ou outro, mas “a própria mudança de objeto em si”(p. 352).

No pensamento freudiano a satisfação plena, impossível, diz respeito à pulsão de morte que, para Freud, é o limite da função terapêutica da clínica, enquanto para Lacan é o ponto reflexivo central da experiência analítica. No contexto da clínica, Freud indica fenômenos que constituem a presença da pulsão de morte, sob a forma da reação terapêutica negativa, do masoquismo, do sentimento de culpa, e reconhece a infinitude dessa força pulsional ao ressaltar seu caráter inesgotável: “O que um dia veio à vida, aferra-se tenazmente à existência. Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos” (FREUD, 1937/1974, p.261). Freud sempre se mostrou ciente das barreiras existentes ao processo analítico. Em 1933, nas *Novas conferências*, já indicava que nunca fora um terapeuta entusiasta e sempre ressaltou os interesses não terapêuticos da psicanálise. Assim também, em *Análise finita e infinita*, enumera os obstáculos para uma possível ambição terapêutica, tratando a pulsão de morte como o fator impeditivo mais poderoso desse processo. Já para Lacan, a função do desejo permanece numa relação fundamental com a morte: “o término de uma análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara o sujeito para se tornar analista, não deve essa análise em seu termo confrontar este à realidade da condição humana? [...] ao *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte [...] não deve esperar a ajuda de ninguém” (LACAN, 1960/1988, p.364).

Se nesse momento de seu ensino, Lacan (1960/1988, p. 364) faz a relação entre morte e desejo – “a função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte” – , também afirma que a sublimação é o reconhecimento do desejo como pura metonímia do discurso da demanda, ou seja, o desejo é a relação metonímica de um significante a outro. E nesse deslocamento, de um significante a outro, concomitante à emergência do sujeito sempre haverá uma perda, representada pela queda do objeto *a*. A sublimação, desse modo, é a única via pulsional pela qual se pode suportar a inevitabilidade de uma falta ôntica do sujeito,

dando ao objeto o seu estatuto real – *das Ding*. Mesmo tendo um vetoramento para o que é da ordem da pulsão de morte, ou seja, para *das Ding*, a sublimação permite um fazer diante do impossível, tendo em vista que através da capacidade de sublimar o que entra em jogo é a potência criacionista da pulsão de morte. Seguindo a lógica do pensamento lacaniano, no que concerne à sublimação na sua interseção com a pulsão de morte situa-se o objeto ao qual a sublimação dá forma, o objeto criado que será sempre um objeto estranho ao eu.

Estamos nessa barreira para além da qual está a Coisa analítica, e onde se produzem as frenagens, onde se organiza a inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo [...]. Para compensar, em suma, essa inacessibilidade, é para além dessa barreira que se encontra projetada toda sublimação individual, e também as sublimações dos sistemas de conhecimento, e por que não, do próprio conhecimento analítico. (LACAN, 1960/1988, p. 248)

Blanchot (2001), em seu livro *O espaço literário*, ao falar sobre o ato de escrever, cita o poeta Mallarmé quando este diz: “Ao sondar o verso a esse ponto, encontrei, lamentavelmente, dois abismos que me desesperam. Um deles é o nada...” (p. 31). A respeito disso, Blanchot assinala que ao sondar o verso, o poeta entra nesse tempo de desamparo que é o da ausência de deuses, já referido mais acima. A reflexão de Blanchot é consonante com a ideia de Lacan sobre a sublimação, quando o psicanalista considera o vazio como determinante nesse processo. Blanchot, continuando sua reflexão, afirma:

Quem sonda o verso escapa ao ser como certeza, reencontra os deuses ausentes, vive na intimidade dessa ausência. Torna-se responsável dela, assume-lhe o risco, e sustenta-lhe o favor. Quem sonda o verso deve renunciar a todo e qualquer ídolo [...] Quem sonda o verso morre, reencontra a sua morte como abismo” (BLANCHOT, 2001, p. 31).

Reflexão que um de nossos maiores poetas confirma:

*Eu faço versos como quem chora
De desalento, de desencanto
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto
Meu verso é sangue, volúpia ardente...
Tristeza esparsa...remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.
E nestes versos de angústia rouca´
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca
- Eu faço versos como quem morre
(Desencanto, BANDEIRA, 1917).*

Depois de discutirmos sobre o pensamento freudiano e lacaniano sobre a relação da sublimação com a arte, não podemos deixar de fazer referência a Walter Benjamin, um dos maiores pensadores e críticos da arte do século XX. O que nos despertou maior interesse foi seu conceito de “Aura”, conceito este que, numa aproximação com o pensamento psicanalítico, diz respeito ao que há de irrepresentável na constituição subjetiva. É a partir dessa dimensão que podemos simplificar essa noção benjaminiana com a sublimação. Portanto, o sublime e a dessacralização da Aura em Benjamin nos suscitam importantes reflexões em relação à teoria psicanalítica.

3.3 O sublime e a dessacralização da Aura em Walter Benjamin

Quando falamos em arte, não podemos deixar de abordar um dos ensaios de maior relevância do século XX sobre esse assunto - *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de 1936, escrito por Walter Benjamin. Este ensaio traz reflexões de extrema importância para o que estamos desenvolvendo no que diz respeito a dimensão do gozo na sublimação, já que, como foi mencionado reiteradas vezes em nosso trabalho, as produções artísticas são produções que resultam de um processo sublimatório.

Nesse ensaio Benjamin estabelece um paradoxo entre memória e repetição quando explora a noção de Aura na obra de arte, que nos possibilita uma articulação fecunda com a abordagem da sublimação, sobretudo, em relação a teoria da sublimação em Lacan em seu seminário sobre a ética. Mas, antes de entrar nesse tema, faz-se necessário que contextualizemos Walter Benjamin e sua obra.

Alemão e judeu, Benjamin nasceu em Berlim em 1892. O filósofo e ensaísta foi associado a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica, tendo sido fortemente inspirado pelo pensamento marxista. Segundo Ernani Chaves (2016), em seu artigo “A pulsão de Freud a Benjamin”, Benjamin tomou conhecimento da teoria freudiana muito precocemente:

[...] desde a época da universidade, de sua participação no Movimento de Juventude, antes da Primeira Guerra; na época de seu doutorado na Universidade de Berna, na Suíça, frequentou seminários sobre Freud e a partir de 1928 seu interesse pela psicanálise não só aumentou, como também começou a se cristalizar em alguns ensaios importantes, seja nas suas reflexões sobre Proust (*Além do princípio do*

prazer, dizia ele, era um comentário indispensável à *Recherche...* proustiana) ou ainda naquelas sobre os brinquedos e jogos infantis. Em outras palavras, Benjamin tinha plenas condições de avaliar o sentido que o *Trieb* freudiano poderia ter numa língua, a francesa, que ele conhecia muito bem (CHAVES, 2016, p.25).

Profundo conhecedor da língua e da cultura francesa, traduziu para o alemão obras importantes como por exemplo: *Quadros Parisienses* de Charles Baudelaire e *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust. Benjamin foi um grande estudioso desses dois autores. Em 1929, após ter traduzido *Em busca do tempo perdido*, Benjamin escreve um ensaio sobre Proust, *A imagem de Proust*, onde o filósofo alemão apresenta reflexões profundas sobre o processo de rememoração que aparece na escrita proustiana, tal qual, no procedimento analítico como constatado por Freud, ou seja, que o papel da fantasia na narrativa do sujeito revela que a única realidade apreendida é subjetiva – é a realidade psíquica.

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como de fato foi, e sim uma vida rememorada por quem viveu [...]. Pois o principal, para o autor que rememora, não é absolutamente o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria talvez preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? (BENJAMIN, 2012, p.38).

Nessa bela passagem sobre o livro de Proust, o pensamento de Benjamin está em consonância com o que escreve o psicanalista Néstor Braunstein em seu livro *Gozo* (2007), sobre o escrito de Proust, a partir da reflexão em que identifica que, desde Freud, a concepção do psiquismo está determinada pelo gozo. Sendo este o gozo perdido, porém “recuperável por meio de uma elaboração que passa por sistemas intermediários, e no qual a neurose é definida como impossibilidade da recuperação, enquanto a psicose é ora instalação no gozo, ora renúncia para recuperá-lo”(BRAUNSTEIN, 2007, p.198). Dessa forma, Braunstein encontra em Proust, na obra *Em busca do tempo perdido*, o paradigma de uma análise:

As duas buscas, a de Freud e a de Proust, são uma única. A mesma que a de Lacan, a do gozo que espreita por trás dos encontros “fortuitos”, como “por acaso”. E não se trata da felicidade, mas do momento em que o sujeito é transbordado pelo real, quando se quebram os marcos tranquilizadores da realidade (BRAUNSTEIN, 2007, p.204).

Voltando a Benjamin, é em seu ensaio *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* que ele traz sua primeira grande teoria, denominada a teoria materialista da arte. O eixo central desse estudo está na análise das causas e consequências da destruição do que Benjamin chamou de *Aura* que envolve as obras de arte.

O filósofo se apropria do termo Aura, extraindo-o do vocabulário místico e religioso. Mas, ao apropriar-se dessa noção, em sua teoria, subtrai a dimensão religiosa, atribuindo a Aura ao que envolve a obra de arte dando-lhe uma unicidade, uma autenticidade. Aura, no pensamento de Walter Benjamin, é o sopro criador, é a respiração do artista na sua obra. Algo transcendental que dá identidade à obra e que, dessa forma, não permite que a obra envelheça. A Aura está referida, segundo o autor, ao aqui e agora e ao caráter único da obra. Esse aspecto nos permite fazer uma conexão com o que mencionamos anteriormente que seria o “coeficiente artístico” ao qual Duchamp se refere, que é da ordem do irrepresentável, que comparece entre a intenção e a realização de uma obra e que, segundo Benjamin, diz respeito ao caráter único da obra.

A dimensão de reprodução em relação à obra de arte, segundo Benjamin, parte da ideia de que, em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível, o que as pessoas faziam sempre podia ser imitado por outras pessoas, adverte o autor. Dessa forma, estudantes copiavam para aprender e desenvolver sua arte, assim também os mestres para difundir e disseminar suas obras, e finalmente as cópias por terceiros que visavam o lucro. Mas a reproduzibilidade técnica, que ganha intensidade no final do século XIX, tributária, segundo Benjamin, do advento da imprensa e, sobretudo, da fotografia e do cinema, mesmo na reprodução mais perfeita, faz com que algo se perca, e esse elemento ausente é o aqui e agora da obra de arte, ou seja, “a sua existência única no lugar em que ela se encontra” (BENJAMIN, 2012, p.181).

Benjamin estabelece dois pólos que possibilitariam a reconstituição da história da arte, o pólo do valor do culto da obra e o pólo do valor de exposição. O valor de culto de uma obra, segundo o autor, a mantém secreta. Para esclarecer a diferença entre esses dois pólos, Benjamin se reporta à era paleolítica exemplificando que um alce copiado por um homem pré-histórico nas paredes de sua caverna tinha uma dimensão de magia e raramente era exposto aos olhos de outros homens, assim também como a existência de certas estátuas divinas acessíveis somente para o sumo sacerdote, ou como certas madonas que ficam cobertas quase o ano inteiro. Mas, “à medida que as obras de arte se emancipam do seu uso cultural, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas” (BENJAMIN, 2012, p. 187). Dessa forma, a exponibilidade de um quadro que pode ser movido de um lugar para outro é maior que a de um mosaico ou de um afresco que o precederam. E, segundo Benjamin, a

exponibilidade de uma obra de arte cresceu de forma descomunal a partir de vários métodos de reprodutibilidade técnica, como a fotografia e o cinema.

No entanto, a reflexão que o pensamento de Walter Benjaminsuscita em relação à sublimação e as produções artísticas reforça a ideia de que há dois níveis de sublimação. Pois, como ressaltamos antes, em seu seminário sobre a ética, Lacan destaca a existência de um nível da sublimação onde o objeto é inseparável de elaborações culturais, imaginárias. A sublimação possibilita um apaziguamento das forças pulsionais através de formações imaginárias que se estabelecem engodando o que é da ordem das *Ding* numa promessa de felicidade, “é nesse sentido que as sublimações coletivas, socialmente recebidas, se exercem”, afirma Lacan (1960-61/1992, p.125). Todavia, não é aí que a sublimação busca seu móbil. Lacan adverte que é a revelação da Coisa para além do objeto que está em jogo na sublimação, pois, na medida em que um objeto é criado ele possui a função de evitar a Coisa, mas de representá-la. Desse modo, como sublinhamos acima, Lacan afirma que em toda forma de sublimação o vazio será determinante, onde “toda arte vai se caracterizar por um certo modo de organização em torno desse vazio” (LACAN, 1960-61/1992, p.162).

Outro viés que nos permite aproximar o conceito de Aura, a uma dimensão psicanalítica é o conceito de *Witz*, chiste. Em 1905, Freud publicou três importantes trabalhos: a história clínica de Dora, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Como ressalta Roudinesco (1997, p.112) este último “foi a terceira grande obra de Freud dedicada à elaboração de uma nova teoria do inconsciente”. Segundo Roudinesco, “Freud tinha paixão por aforismos, trocadilhos e anedotas judaicas, e não parou de colecioná-los ao longo de toda sua vida”. A estrutura do chiste chamou a atenção do psicanalista, sobretudo em como nesse jogo de linguagem comparece a relação do aspecto infantil e polimorfo da sexualidade humana, trazendo um aspecto bastante peculiar nessa formação inconsciente. Em seu texto metapsicológico sobre o recalque, Freud (1915/1974) retoma uma característica em relação ao chiste surpreendente, que ele já havia descrito em seu artigo de 1905, que torna o chiste único num determinado aspecto - o de transformar uma ideia desprazerosa em prazerosa -, ou seja, no chiste sempre o prazer está em jogo, proporcionado pela suspensão transitória do recalque sobre determinada representação que, vindo à luz por outras vias, seria desprazerosa. Freud atribui a isso técnicas especiais que entram em ação na produção de um chiste, técnicas que dizem respeito a um processo linguístico de condensação e de substituição.

Aquilo que resulta de uma deformação maior ou menor pode também ser alcançado na outra ponta do aparelho, por assim dizer, através de uma modificação nas condições na produção de prazer-desprazer. Técnicas especiais foram desenvolvidas, com o propósito de efetuar mudanças tais no jogo das forças psíquicas, que o que normalmente produz desprazer será também portador de prazer, e sempre que tal recurso entrar em ação, será suspenso o recalque de um representante pulsional que normalmente seria rechaçado. Até agora, essas técnicas foram estudadas com maior detalhe nos chistes. Via de regra a suspensão do recalque é apenas provisória; logo é restabelecido (FREUD,1915/2010, p.89).

Lacan (1957/1998) é enfático quando nos adverte que *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1905) e *Os chistes (Witz) e sua relação com o inconsciente* são os livros de Freud que devem ser considerados canônicos em matéria de inconsciente (p. 526). É justamente o caráter de unicidade referido ao chiste que encontramos no conceito de Aura que envolve a obra de arte ediz respeito ao aqui e agora, que para Benjamin se perde na reprodutibilidade. Com efeito, assim como a Aura benjaminiana, um chiste não é passível de ser repetido, pois como Freud sublinha e Lacan (1957/1998, p. 97) confirma, o elemento surpresa tem que estar presente, “o fenômeno da surpresa tem algo de originário”. Principalmente em relação ao movimento contemporâneo na arte, essa proximidade se torna mais evidente. Assim como o chiste, muitas obras causam impacto primeiramente pelo *nonsense*, e depois nos recompensam pelo aparecimento de um sentido secreto, desse modo, “a passagem do sentido é aberta pelo *nonsense* que nesse instante nos aturde e nos sidera” (p.90).

3.4O surrealismo e a psicanálise: encontros e desencontros

Foi no contexto da efervescência do pensamento psicanalítico que o surrealismo surgiu. Considerado por muitos como a arte do *nonsense*, é um campo que, ao falarmos sobre uma vicissitude pulsional como a sublimação e sua relação com a arte, exige ser explorado.

O surrealismo foi um movimento artístico, estético, político e ético que ocorreu na Europa entre a primeira e a segunda guerra mundial. O termo foi criado por Guillaume Apollinaire em 1917. Nesse ano, na cidade de Paris, Apollinaire foi ao teatro assistir ao balé *Parade*, um espetáculo dos *Ballets Russes* de Serguei Diaghilev, seu fundador. O balé foi montado a partir do libreto do poeta francês Jean Cocteau, considerado como *ballet realiste*.

A história de *Parade* se passa em um parque de diversões com artistas de rua e de circo. Entre os personagens estão engolidores de fogo, palhaços, acrobatas e uma bailarina. A coreografia que reflete a provocadora ironia do espetáculo foi feita pelo bailarino e coreógrafo russo Leonid Massine. O compositor foi Erik Satie, pianista francês que utilizou efeitos sonoros dentro da música, o que era incomum na época, sobretudo num espetáculo de balé: os barulhos do digitar de uma máquina de escrever, de sirenes e de tiros foram alguns dos muitos sons estranhos ouvidos durante o espetáculo. Os cenários e figurinos foram criados pelo pintor Pablo Picasso que desenhou figurinos enormes usando as formas geométricas de edifícios e arranha-céus, alguns deles feitos com tubos e painéis de cartão, que chegavam a medir três metros de altura. Uma das estrelas do grupo era a bailarina Olga Kokhlova, mulher de Pablo Picasso. Os trajes eram propositalmente desconfortáveis pois se destinavam a ser desajeitados, com os dançarinos pisando no palco como robôs para expressar o mundo moderno mecanizado e desumanizado. E foi depois dessa apresentação que Apollinaire, admirado, comentou que o espetáculo, na verdade, não era o de um *Ballet Realist*, mas sim *Sur-realiste*, estava para além da realidade. E dessa forma, foi criado o termo *surrealisme*, surrealismo.

Figura 4 - Cenário do *Ballet Realist* (1917).



Fonte: <https://archive.org/stream/picasso00raynuof#page/n357/mode/2up>

Apollinaire era poeta, dramaturgo, escritor e crítico de arte francês e um dos mais importantes ativistas culturais do início do século XX. Sua peça teatral *As mães de Tirésias* (1917) é considerada precursora do movimento surrealista. Apollinaire foi também o responsável pela introdução no cenário literário francês dos “livros malditos” de Sade, que até então era um escritor pouco conhecido. Escreveu um ensaio biográfico do autor na apresentação da primeira edição, em que apresentava Sade como “o espírito mais livre que já existiu no mundo”. Apollinaire morreu vítima da gripe espanhola, em novembro de 1918, aos 38 anos.

Apropriando-se do termo cunhado por Apollinaire, o escritor francês André Breton fundou no início dos anos 20 o chamado movimento surrealista. Com formação em medicina na área da psiquiatria Breton tomou conhecimento da obra de Freud, por volta de 1915 quando trabalhava num centro neuropsiquiátrico em Nantes. Impactado, principalmente com a obra freudiana de 1900 *A interpretação dos sonhos*, e também com a ideia da associação livre – regra fundamental da psicanálise – além da noção de automatismo psíquico, reconheceu nessas dimensões as principais fontes de inspiração para o movimento surrealista. Primeiramente, Breton se aproximou do campo da literatura, da poesia e da arte dadaísta em que se destacou como grande entusiasta. Em 1917, se tornou colaborador da revista *Nord-Sud* e conheceu pessoalmente Guillaume Apollinaire.

Breton desenvolveu um amplo relacionamento com a intelectualidade artística francesa. Em 1919 fundou junto com o escritor, jornalista e um dos primeiros adeptos do dadaísmo na França Philippe Soupault a revista *Littérature*, onde eram publicados poemas e textos de grandes nomes da arte dadaísta. O poeta e líder do surrealismo também era muito próximo de Tristan Tzara, fundador do movimento dadaísta, com quem ele vem a romper pouco anos depois. A partir de 1920, Breton passa a publicar suas próprias obras literárias tornando-se um importante nome no cenário das artes na França, embora vivesse sobretudo da venda de quadros de artistas dadaístas e surrealistas em sua galeria de arte. Foi sob seu impulso que o surrealismo se tornou um movimento europeu abrangendo todos os domínios da arte. Em 1924, Breton publica o seu *Manifesto surrealista*, em que apresenta uma nova proposta estética que rompia com as convenções do que era arte, com a compreensão racional da obra, com a busca de um sentido.

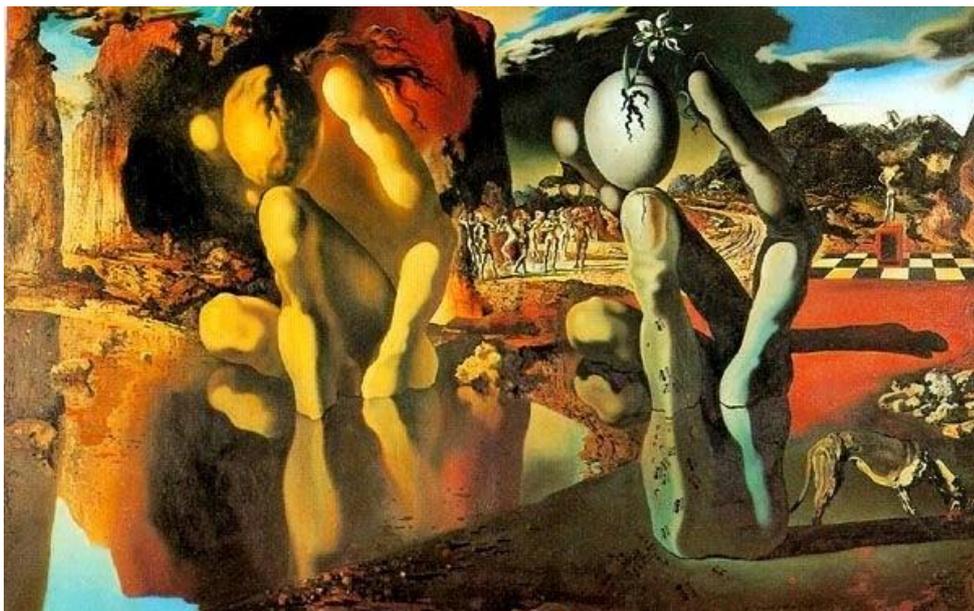
Ao contrário, a atitude realista, inspirada no positivismo, de São Tomás a Anatole France, parece-me hostil a todo impulso de liberação intelectual e moral. Tenho-lhe horror, por ser feita de mediocridade, ódio e insípida presunção. É ela a geradora hoje em dia desses livros ridículos, dessas peças insultuosas. Fortifica-se incessantemente nos jornais, e põe em xeque a ciência, a arte, ao aplicar-se em bajular a opinião nos seus critérios mais baixos; a clareza vizinha da tolice, a vida dos cães (BRETON, 1924, p.2)

A busca agora, na concepção bretoniana da “verdadeira arte”, era a da indiferenciação entre sonho e realidade, entre delírio e lucidez.

O surrealismo é o “raio invisível” que um dia nos fará vencer os nossos adversários. “Não tremes mais, carcaça”. Neste verão as rosas são azuis, a madeira é de vidro. A terra envolta em seu verdor me faz tão pouco afeito quanto um fantasma. Viver e deixar de viver é que são soluções imaginárias, a existência está em outro lugar (BRETON, 1924, p.24).

Os desencontros do surrealismo com Freud são notórios. Apesar de elementos da psicanálise terem notadamente influenciado diretamente a arte e a literatura surrealista, Freud numa carta a Breton, após receber o seu livro *Os vasos comunicantes* (1932), demonstra o quanto não tem condições de saber o que é e o que quer o surrealismo. Da mesma forma, no encontro com o pintor catalão Salvador Dalí em 1938, Freud põe em dúvida a legitimidade de considerar como arte obras que não respeitam certos limites entre o material consciente e inconsciente, declarando diante da *Metamorfose de Narciso*, de Dalí, que nas pinturas clássicas procurava o inconsciente enquanto nas surrealistas o consciente.

Figura 5 – *Metamorfose de Narciso* (1937), de Salvador Dalí.



Fonte: Catálogo da Tate Gallery, Londres.

Já a relação de Lacan com o surrealismo assumiu outra perspectiva. Segundo a historiadora Elisabeth Roudinesco, em seu livro *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento* (1993), o jovem Lacan, que já demonstrava um grande interesse pelo dadaísmo, logo descobriu o espírito novo e o primeiro surrealismo por intermédio da revista *Littérature*. Conheceu André Breton e Philippe Soupault e assistiu maravilhado à primeira leitura de *Ulisses*, de James Joyce, na livraria *Shakespeare and Co.*

No entanto, foi em 1930, quando toma conhecimento de um texto de Salvador Dalí, *O asno podre (L'âne pourri)*, publicado no primeiro número da revista, que tinha Breton como diretor, *Surréalisme au Service de la Révolution* que, segundo Roudinesco, Lacan passa a ter uma nova apreensão da linguagem no domínio das psicoses. Nesse quadro, Dalí apresenta sua famosa técnica da paranoia-crítica, em que a paranoia, para o pintor catalão, funcionava como uma interpretação delirante da realidade, que servia, na composição de seus quadros, para o aparecimento de imagens duplas, como, por exemplo, a imagem de um cavalo que podia ser, também, a imagem de uma mulher.

Foi por um processo nitidamente paranoico que se tornou possível obter uma imagem dupla: ou seja, a representação de um objeto que, sem a menor modificação figurativa ou anatômica, fosse ao mesmo tempo a representação de um outro objeto absolutamente diferente, também ela despida de qualquer tipo de deformação ou anormalidade que pudesse revelar algum arranjo (DALÍ apud ROUDINESCO, 1993, p.47).

Desse modo, o psiquiatra clínico Jacques Lacan, já imbuído da doutrina freudiana e sob a influência do surrealismo, elabora sua tese de doutorado, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, em 1932. Sua tese sobre a paranóia foi nitidamente atravessada por apropriações de posições surrealistas, mas Lacan omitiu as referências dessa influência maior, ideias como as de Dalí sobre a paranoia, que a entendia como uma interpretação delirante da realidade, ou seja, “todo delírio já era uma interpretação da realidade e toda paranoia uma atividade criadora lógica” (ROUDINESCO, 1993, p. 47). Lacan “omitia suas fontes nesse domínio, não mencionava nenhum dos grandes textos surrealistas que o haviam inspirado e guardava silêncio sobre os nomes de Dalí, de Breton e de Éluard” (ROUDINESCO, 1993, p.70). A razão dessa omissão foi o fato de que seus mestres em psiquiatria rejeitavam esses textos vanguardistas, assim também como os ortodoxos

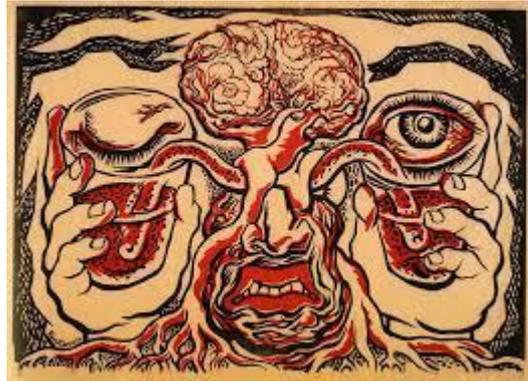
freudianos dos quais ele era aluno, de modo que evitava desagradá-los. Mas, surpreendentemente, os primeiros a lhe prestarem homenagem foram os surrealistas ao passo que aqueles a quem Lacan quis agradar foram os primeiros a execrá-lo. A tese de Lacan foi saudada por Salvador Dalí e pelo ensaísta e poeta surrealista René Crevel, como um acontecimento. Lacan passa a publicar alguns de seus artigos na revista francesa *Le Minotaure*, revista surrealista publicada entre 1933 e 1939, um periódico com edições luxuosas e a publicação de obras originais e capas ilustradas por artistas de prestígio como Pablo Picasso. Tinha como fundadores E. Tériade e Albert Skira, que formou um comitê editorial que incluía André Breton, Marcel Duchamp e Paul Éluard.

Assim como em sua tese de 1932, a influência do surrealismo aparece posteriormente em seus seminários em que Lacan faz referência a esse campo da arte, muitas vezes de modo explícito. A concepção lacaniana do Real tem a nítida influência do pensamento surrealista, a partir do momento em que Lacan concebe essa dimensão como aquilo que escapa, como o impossível de ser dito, o que é da ordem do não simbolizável, que evoca *ononsense*. A arte surrealista propõe intencionalmente esse tipo de argumento. Tanto na escrita como, mais evidente ainda, nas artes plásticas, é a representação da impossibilidade de haver um sentido que entra em jogo, trazendo, dessa forma à luz as ambiguidades e os paradoxos diante de um vazio a que estamos destinados.

Em algumas passagens de suas lições, um dos conceitos psicanalíticos em que Lacan faz referência à arte surrealista é justamente o conceito de pulsão. Se a experiência freudiana, em alguns aspectos. Faz referência a biologia no que diz respeito à teoria pulsional, Lacan radicaliza na subtração dessa possibilidade biológica, o conceito de pulsão em Lacan está circunscrito ao registro do Real. A exemplo disso, em seu seminário 7, *A ética da psicanálise*, Lacan fará um comentário sobre uma passagem da conferência XXII de Freud, de 1916, concernente às pulsões, identificando aí uma metáfora que sem dúvida se encontra na origem da obra surrealista de André Breton, *Les vases communicantes*, (*Os vasos comunicantes*), de 1932. Nesse livro, como já citamos acima, o autor se inspira na teoria freudiana da *A interpretação dos sonhos*, apresenta argumentos em que o estado de vigília e os sonhos são uma mesma unidade. A passagem que Lacan traz é aquela na qual Freud enfatiza a plasticidade e a intercambialidade entre as moções pulsionais sexuais, fazendo referência à experiência dos canais comunicantes.

Assim devemos levar em consideração que as pulsões, *Triebe*, as comoções pulsionais sexuais, são extraordinariamente plásticas. Elas podem entrar em jogo umas no lugar das outras. Uma pode pegar para si a intensidade das outras. Quando a satisfação de umas é recusada pela realidade, a satisfação de uma outra pode oferecer-lhe uma completa compensação. Elas se comportam umas em relação às outras como uma rede, como canais comunicantes preenchidos por um líquido (FREUD, 1916-17/1974, p.403).

Figura 6 – *Vasos comunicantes*, de Diego Rivera (1938), em homenagem a André Breton.



Fonte: Catálogo do Museu de Reproduções de Arte, Cidade do México.

Do mesmo modo, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, ao discorrer sobre o conceito de pulsão, Lacan compara a montagem da pulsão a uma colagem surrealista.

A montagem da pulsão é uma montagem que de saída não tem nem pé nem cabeça – no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista. Se aproximarmos os paradoxos que vimos de definir do *Drang* ao do objeto, ao do fim da pulsão, creio que a imagem que nos vem mostraria a marcha de um dínamo acoplado na tomada de gás, de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas no ventre de uma bela mulher que lá está incluída para a beleza da coisa. A coisa começa aliás a se tornar interessante pelo seguinte, que a pulsão define, segundo Freud, todas as formas pelas quais se pode inverter um tal mecanismo (LACAN, 1964/1985, p.161).

Assim como os surrealistas se apropriaram de elementos das concepções freudianas como o sonho que revela um desejo inconsciente, desejo este que através da fantasia vai constituir o que Freud chamou da única realidade a que se tem acesso, a realidade psíquica, Lacan se apropria de elementos do surrealismo na elaboração de postulados como o objeto *a*, o Real e mesmo sua concepção do psiquismo constituído moebianamente, ideia inspirada na criação do matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Moebius, em 1858, em que o

cientista demonstra que o avesso e o direito, de uma mesma faixa, podem ser dimensões contínuas, desafiando as leis da física.

Para tratar a subjetividade humana, Lacan ressalta desde o início as dimensões do real, simbólico e imaginário. Se no começo de sua transmissão pensava numa primazia simbólica onde o que protagonizava suas elaborações era o desejo articulado à cadeia de significantes, posteriormente, apesar de não abandonar essa ideia, passa a trazer para o centro de sua teoria uma equivalência entre os três registros, demonstrada topologicamente no nó borromeano. Inspirando-se na *Teoria dos anéis* de Emmy Noether, de 1921, Lacan apresenta três elos que se enodam de tal modo que, se um se soltar todos se soltam. Três registros que se engendram e se modulam de forma que um só se constitui a partir da constituição dos outros dois; ou seja, é pela existência do real que a insistência simbólica se engendra, produzindo uma consistência imaginária. Dito de outro modo, é por essa incapacidade de apreensão do real, que o simbólico se constitui como possibilidade de dar contornos e produzir, por uma dimensão imaginária, sentido para essa força constante que ressoa como impossível. O real, portanto, é o que é impossível de ser apreendido, e isso se traduz psiquicamente como a impossibilidade de que haja uma completude, ou seja, a estrutura psíquica humana será sempre marcada por um interdito que diz respeito à falta-a-ser. Aproximando esse pensamento da arte surrealista, observamos que ela anuncia intencionalmente essa impossibilidade de apreensão de uma verdade absoluta, de um único sentido.

Mesmo que haja “pretensões” egóicas de ser um, de ter consistência, de ter uma unidade, sem ambiguidades, sem dissimetrias, sem tropeços, sem furos, sabemos, com Freud, que o Eu não é senhor de sua casa. Essa é, notadamente, a tese que Freud sustenta em seu ensaio de 1930, “O mal-estar na cultura”: na inquietude causada pela divisão que é constituinte do psiquismo, “é preciso esperar que o outro dos dois ‘poderes celestiais’, o eterno Eros, faça um esforço para se afirmar na luta contra seu adversário também imortal. Mas quem pode prever o êxito e o desfecho?” (FREUD, 1930/2020, p.405). É no interior da esfera pulsional que Freud considera o conflito psíquico mais basal e concebe a ideia de um dos destinos da pulsão, a sublimação, como o que, de uma certa forma, concilia o que é da ordem do erótico e o que é da ordem da pulsão de morte, proporcionando uma forma de se obter satisfação, mesmo que não toda, ou seja, conjugando essas duas forças - a sexual e a de destruição -, sem que com isso haja inibição, sintoma e angústia, essa trilogia tão cara ao

sujeito no processo de recalque. Desse modo, a capacidade sublimatória possibilita que essa *konstante Kraft* inquietante leve o sujeito, a partir do esvaziamento de sentido, a criar o novo.

4 ASUBLIMAÇÃO E AS ESTRUTURAS CLÍNICAS

Foi notadamente a partir da clínica que a teoria psicanalítica foi sendo construída. Na clínica das histéricas tratadas por Freud no começo da invenção da psicanálise, como ressaltava Peter Gay no seu livro biográfico *Freud: Uma vida para o nosso tempo*, se apresentava um assombroso conjunto de sintomas de conversão, e mesmo Freud não estando preparado para abandonar o elemento de hereditariedade na causação desses casos, acreditava, a partir da escuta da narrativa dessas pacientes, que as fontes essenciais para a constituição da neurose eram ocultas e provinham de traumas iniciais. Desse modo, Freud vinha se convencendo, cada vez mais, que nos segredos neuróticos se tratava de conflitos sexuais ocultos. “Ouvir, para Freud, tornou-se mais do que uma arte; tornou-se um método, uma via privilegiada para o conhecimento, à qual os pacientes lhe davam acesso” (GAY, 1988, p. 80).

Foi através de sua escuta clínica e de uma profunda pesquisa— que o levaram a questionar os paradigmas de sua época que sustentavam uma certa visão etiológica, tanto dos quadros neuróticos quanto da perversão - que Freud elabora sua tese sobre a sexualidade que irá publicar em 1905, *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. É nesse importante estudo que Freud constata que, diante do conflito que se estabelece entre as pulsões sexuais infantis e o Eu, três possibilidades de destino dessas pulsões ocorrem: o recalque, a sublimação e a constituição de uma perversão. Na primeira possibilidade, o representante da representação, *Vorstellungrepräsentanz*, da moção pulsional sexual que é conflitua ao Eu, é recalcado e o objeto investido libidinalmente é elevado à posição de ideal, tornando a idealização um fator poderoso a favor do recalque. Já na sublimação essas moções pulsionais são desviadas quanto ao alvo, um processo em que a ênfase não incide no objeto libidinalmente investido, mas sim na tendência pulsional. Na terceira possibilidade, quando o recalque secundário não entra em ação por parte do Eu e a moção tampouco é sublimada, a perversão se constitui.

A sublimação referida à clínica aparece pela primeira vez no artigo de 1912, “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, em que Freud orienta que não é indicado potencializá-la como meta no tratamento, uma vez que isso motivaria uma limitação da satisfação pulsional. Dessa forma, tece a seguinte consideração em relação aos neuróticos: “Se os forçarmos demais na direção da sublimação, cortando-lhes as mais próximas e

confortáveis satisfações pulsionais tornaríamos a vida deles ainda mais difícil do que já lhes parece ser” (FREUD, 1912/2016, p.103). Já em *Esboço de psicanálise* (1938/1940), publicado após sua morte, ele afirma que, apesar de não ser recomendado que a prática analítica leve um paciente à sublimação, a capacidade do paciente de sublimar suas pulsões desempenha um grande papel no tratamento analítico.

A elaboração de um capítulo sobre a sublimação e sua relação com as estruturas clínicas, neste trabalho, tem por objetivo estabelecer a possibilidade da capacidade sublimatória diante de certos fatores psíquicos que incidem nas diferentes estruturas, tais quais Lacan nos apresenta: na neurose, na psicose e na perversão. Para construir essas conjecturas que aqui apresentamos ressaltamos a relação da sublimação com um conceito que já destacamos em nossa tese – o recalque. Em 1914, em seu ensaio sobre o narcisismo, Freud reafirma o que já havia dito em seu artigo do mesmo ano, *A história do movimento psicanalítico*, que “A teoria do recalque é a pedra angular em que se assenta todo o edifício da psicanálise”(FREUD, 1914/1974, p.26). A relação que estabelecemos, portanto, entre sublimação e recalque é a essência desse capítulo, tendo em vista, como já situamos anteriormente, duas categorias as quais tais vicissitudes pulsionais estão referidas– o proibido e o impossível.

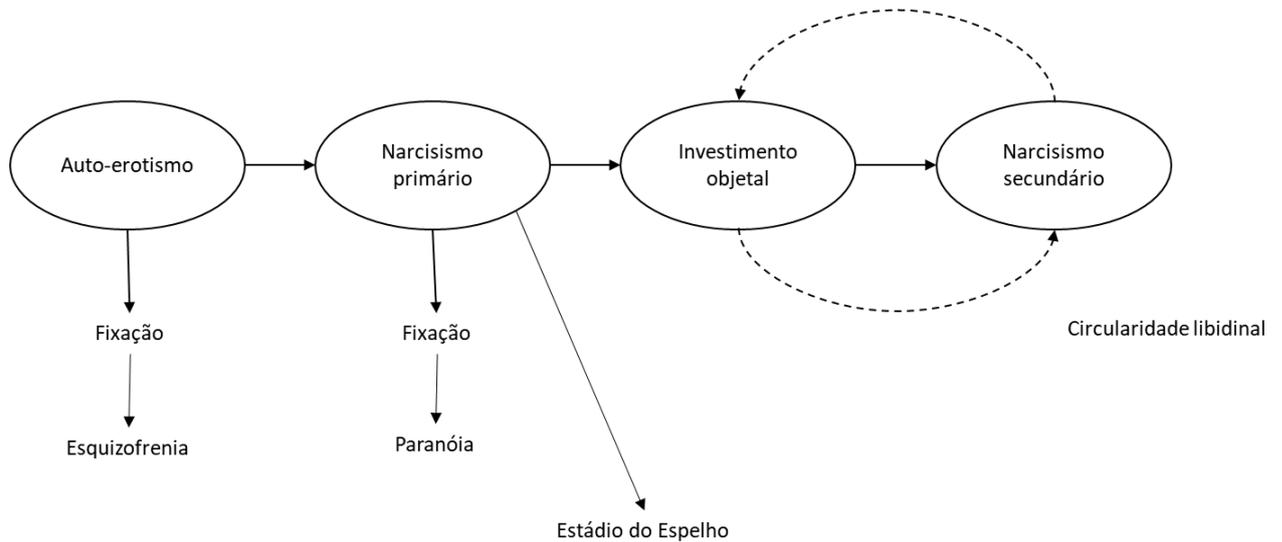
Freud adverte que em se tratando de sublimação a condição para que esse processo ocorra é que não haja recalque, ou seja, para que a sublimação incida sobre uma moção pulsional ela não está sob a égide do recalque. Mas, como já discorreremos num capítulo anterior, a exclusão em relação a esses dois processos está referida ao recalque propriamente dito. Apesar de parecer, a princípio, um paradoxo, supomos que se é condição para sublimação de uma moção pulsional que não haja o recalque propriamente dito incidindo sobre ela, é condição também para que a sublimação ocorra que tenha havido o recalque originário. Essa suposição se deve a lógica que Freud estabelece ao expor a ideia dos destinos pulsionais, que são efeitos do conflito que se estabelece entre o Eu e a *constante Kraft* pulsional, que pede uma satisfação plena, direta. Pela impossibilidade de que uma satisfação total ocorra, o Eu produz para essas moções pulsionais outros destinos que possibilitam uma satisfação, porém parcial. Desse modo, todos os destinos pulsionais estão referidos a uma interdição primeira, e essa interdição está referida ao que Freud nomeou de recalque originário (*Urverdrängung*).

Retomando o que já comentamos anteriormente, o recalque originário diz respeito à inscrição da castração na estrutura psíquica do sujeito, referida à uma falta ôntica, em torno da qual a subjetividade se constitui. Dessa forma, o modo como cada sujeito se organiza psiquicamente - a partir da incidência subjetiva do Outro, do mundo externo e das exigências libidinais- leva a três tipos de negação do recalque originário, ou seja, a negação da impossibilidade do que lhe é tão caro – a satisfação plena, ou seja, o gozo absoluto, da ordem da completude: (1) ele recalca continuamente denegando o que diz respeito ao que foi originalmente recalcado, ou(2) ele renega ou (3) eleforaclui.

Ao longo deste capítulo discorreremos sobre algumas operações psíquicas que, partindo da teoria da pulsão e especificamente da teoria do recalque em Freud, se estabelecem nas estruturas clínicas. Antes de adentrarmos em cada uma delas, apresentaremos três figuras que facilitarão a visualização de como o recalque, a sublimação e a criação estão sendo conjecturados em nosso estudo na dimensão clínica, ou seja, na dimensão das estruturas clínicas.

Abaixo, então, apresentaremos as três figuras, criadas pela autora desta tese, que indicarão a lógica que estabelecemos, a partir do pensamento de Freud e Lacan, para pensar as organizações psíquicas em relação ao recalque originário. O primeiro esquema, um esboço da organização libidinal subjetiva, auxiliará na compreensão das figuras posteriores. Cabe advertir que as “etapas” estabelecidas na organização libidinal que aqui apresentamos não são estanques, não têm uma dimensão desenvolvimentista; são, sim, efeitos da relação subjetiva com o Outro, que vão ganhando contorno num só-depois. Dito de outro modo, é a historicização pulsional à qual Lacan se refere quando as pulsões, a partir das incidências de processos psíquicos, intras e intersubjetivos, são significantizadas, capturadas pelo significante. Lacan enfatiza essa dimensão histórica da pulsão tanto na dimensão da filogênese quanto da ontogênese e essa dimensão se marca pela insistência com que a pulsão se apresenta, pela *konstante Kraft*, uma vez que ela se refere a algo memorável: “A rememoração, a historicização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama de psiquismo humano”(LACAN, 1960/1985, p.256).

Figura 7 – Esboço da organização libidinal



Fonte: A autora, 2024.

O autoerotismo, nesse esquema inicial, seria a primeira atividade libidinal onde o corpo ainda não se constitui como uma unidade imaginária, é o corpo despedaçado. Não podemos deixar de lembrar que é a incidência psíquica do Outro (primeiro Outro) que possibilita que essas etapas se constituam e que se engendrem etapas posteriores. Portanto, a partir de uma fase autoerótica ocorrerá a constituição do primeiro narcisismo, e só a partir da constituição desse narcisismo primário que há possibilidade dos investimentos objetais.

Manifestações das pulsões sexuais podem ser observadas desde o começo, mas, de saída, elas ainda não são dirigidas para qualquer objeto externo. Os componentes pulsionais separados da sexualidade atuam independentemente uns dos outros, a fim de obter prazer e encontrar satisfação no próprio corpo do sujeito. Essa é conhecida como a do autoerotismo, sendo sucedida por outra, na qual um objeto é escolhido. Estudos ulteriores demonstraram que é conveniente e verdadeiramente indispensável inserir uma terceira fase entre aquelas duas, ou, em outras palavras, dividir a primeira fase, a do autoerotismo, em duas. Nessa fase intermediária, cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, as pulsões sexuais até então isoladas já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio Eu, que se constitui aproximadamente nessa mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde demos-lhe o nome de ‘narcisismo’ (FREUD, 1913/1974, p. 111).

Nesse ponto, é importante esclarecer como construímos nosso pensamento a respeito desse tema, estabelecendo as relações entre: narcisismo primário e o estágio do espelho e a constituição do ideal-do-Eu e do Eu-ideal.

O narcisismo primário freudiano é o que entendemos como o processo subjetivo que ocorre no estágio do espelho lacaniano. Estádio em que o bebê diante do espelho entra em júbilo ao reconhecer sua imagem - uma imagem ortopédica, sublinha Lacan, que se circunscreve dentro de um registro imaginário - constituindo, assim, o que Lacan chamou do Eu-ideal.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1966/1998, p.100).

A sintagma estágio do espelho foi cunhado por Lacan em 1936, na verdade uma expressão retirada de um artigo do psicólogo belga Henri Wallon, publicado em 1932. Nessa data, Henri Wallon nomeou de 'prova do espelho' a experiência pela qual uma criança passa, diante de sua imagem refletida, em que ela vai distinguindo progressivamente seu corpo próprio dessa imagem refletida. Para Wallon, essa experiência "especifica a passagem do especular para o imaginário, depois do imaginário para o simbólico" (apud ROUDINESCO, 2001, p.41). Mas, apesar de adotar a terminologia de Wallon, a perspectiva lacaniana dessa experiência assume outra dimensão. O "estádio" ao qual Lacan se refere não diz respeito a uma concepção desenvolvimentista num processo de maturação da criança, mas esse estágio se refere a uma operação psíquica, ontológica, pelo qual o humano se constitui num processo de identificação. Lacan funda sua concepção do estágio do espelho sobre a ideia freudiana do narcisismo primário, experiência subjetiva que revela a função da imago - a de estabelecer uma relação do *Innenwelt* com *Umwelt*. O que Lacan sublinha como o mais importante nessa experiência é que a forma total do corpo obtida no processo do reconhecimento da imagem especular, forma pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência, é mais constituinte do que constituída e é o que situa a instância do Eu.

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por *[eu]-ideal*, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas, o ponto importante é que essa forma situa a

instância do *eu*, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado. (LACAN, 1966/1998, p.97).

Mas para que o Eu-ideal se constitua, Lacan nos adverte que é condição que haja, por uma anterioridade lógica, a incidência do Ideal-do-Eu, ou seja, é necessário para que essa imagem se constitua que isso se dê a partir de um campo que possibilite a emergência subjetiva – o campo simbólico. Desse modo, esses dois termos – Eu-ideal e ideal-do-Eu – assumem lugares distintos na teoria psicanalítica somente a partir de Lacan, pois apesar de Freud se referir a esses termos – Eu-ideal, *Ideal-ich*, e Ideal-do-Eu, *Ich-ideal* –, ele não faz uma distinção conceitual entre eles. Além disso, na experiência freudiana a noção de Ideal-do-Eu, em 1923, quando o psicanalista concebe sua segunda tópica do aparelho psíquico, dá lugar ao conceito de Supereu.

Para esclarecer essa noção, retomemos, mais uma vez, o artigo freudiano sobre o narcisismo, de 1914. É nesse texto que ele introduz a expressão Ideal-do-Eu para designar uma formação intrapsíquica que serve de referência ao Eu. Sobretudo, é importante destacar a noção de Ideal-do-Eu na sua relação com a sublimação. Freud adverte sobre a possibilidade de haver uma confusão entre esses dois conceitos, a sublimação e a idealização referente à constituição desse Ideal-do-Eu, que é quando esse Ideal-do-Eu toma um lugar de primazia na relação imaginária, especular, do sujeito com o outro. Mesmo admitindo que apesar de muitas vezes a formação de um Ideal-do-Eu exigir uma sublimação, ele não é capaz de mantê-la. Pois, enfatizando o que foi dito mais acima, enquanto a sublimação diz respeito à libido objetual e descreve algo que tem a ver com o afastamento da pulsão de seu alvo de satisfação sexual, a idealização tem a ver com o objeto, com o engrandecimento psíquico deste que aumenta as exigências do Eu, se tornando um fator poderoso a favor do processo de recalque. Freud, aqui, ainda faz uma distinção entre instância crítica de censura e o Ideal-do-Eu, de acordo com a qual a primeira funciona como um regulador do Eu em relação à segunda, assunto que ele trabalhará mais profundamente, em 1923, quando introduz o conceito de Supereu.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), a função do Ideal-do-Eu é colocada em primeiro plano, em que a distinção entre o Eu e o Ideal-do-Eu possibilita a explicação para a estrutura libidinal dos grupos. Freud considera que esse processo está na base da constituição do grupo humano, onde o ideal coletivo retira sua eficácia de uma convergência de ideais individuais. Assim como o fascínio que um líder exerce sobre um determinado

grupo ou povo, “o indivíduo abandona seu Ideal-de-Eu e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder” (FREUD, 1921/1974, p. 163).

Como já mencionamos acima, não há uma precisão conceitual, nos textos de Freud, quanto à expressão Ideal-do-eu. Ora encontramos Ideal-do-Eu, ora Eu-ideal indistintamente. Além dessa indistinção, o Ideal-do-Eu vai estar estreitamente ligado à elaboração da noção de Supereu. Na segunda tópica, em 1923, encontramos os dois termos apresentados praticamente como sinônimos: “a existência de uma gradação no Eu, uma diferenciação em seu interior, que pode ser chamada de ‘ideal do Eu ou Supereu’” (FREUD, 1923/2011, p.34). Assim, o Ideal-do-Eu e essa instância crítica se equivalem. Instância esta que é formada pela identificação com as figuras parentais no declínio do Édipo – o Supereu freudiano, desse modo, reúne as funções de interdição e de ideal: “A sua relação com o Eu não se exaure com o preceito ‘Você deveria ser assim (como seu pai)’. Ela compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como seu pai)’” (FREUD, 1923/1974, p.48).

Ressaltamos anteriormente que Lacan, diferentemente de Freud, traça uma nítida distinção entre Eu-ideal e Ideal-do-Eu. Desde seu seminário de 1954, sobre os escritos técnicos de Freud, essa diferença é ressaltada e apresentada no capítulo “Tópica do imaginário”. Não podemos deixar de destacar que, nessa época, Lacan ainda pensava numa precedência simbólica em relação às formações imaginárias, na qual, além de uma precedência haveria também uma primazia do simbólico sobre o imaginário: “é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário” (LACAN, 1954/1983, p.165).

Portanto, nesse contexto, Lacan nos indica que o Eu-ideal está ligado à imagem do próprio corpo, se constitui a partir do narcisismo primário, na fase que ele chamou de *estádio do espelho*, que seria o próprio nascimento do Eu, em que a criança vê sua imagem refletida no espelho e antecipa o domínio de seu corpo. Se antes vivenciava a experiência do corpo despedaçado, agora ela é cativada por uma imagem ortopédica diante da qual se rejubila e se toma pela própria imagem. Essa experiência é o que Lacan chama de identificação primordial com uma imagem ideal de si mesmo, e a relação que se estabelecerá com o outro se constituirá sob a forma de um Eu-ideal. Mas o Eu-ideal só se constitui a partir de uma ordem simbólica, a partir da linguagem, isto é, só a partir da intermediação do Ideal-do-eu, de uma intermediação simbólica (do Outro) que se pode estabelecer uma relação imaginária entre o

Eu e o Eu-ideal (outro). O Ideal-do-Eu, portanto, representa uma introjeção simbólica enquanto o Eu-ideal representa uma projeção imaginária. O simbólico prevalece sobre o imaginário, superpõe-se a ele e o organiza.

Nos ensinamentos de Lacan em 1954, ele traz a ideia do Ideal-do-Eu como uma dimensão psíquica que sustenta o narcisismo: “A distinção é feita nessa representação entre o *Ideal-Ich* e o *Ich-Ideal*, entre o Eu-ideal e o ideal-do-Eu. O Ideal-do-Eu comanda o jogo de relações de que depende toda relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária” (LACAN, 1954/1983, p.165). Já em 1958, em seu seminário *As formações do inconsciente*, situando a formação do Ideal-do-Eu na relação edípica, Lacan ressalta que as insígnias daquele com quem o sujeito se identificou “desempenham nele o papel e a função de Ideal-do-Eu” (LACAN, 1958/1999, p.308). No caso da paranoia, é essa função que rateia, ou seja, a função do Ideal-do-Eu falha por não ser atravessada pela castração, ou seja, por não ser transmitido, nas suas coordenadas simbólicas, a incidência da Lei, do significante Nome-do-Pai. Dessa forma, o Eu-ideal não se organiza sustentado por um campo simbólico, a imagem constituída fica assim restrita ao campo do imaginário, é o que Freud constata como a fixação libidinal no narcisismo primário que ocorre na paranoia. E sem a sustentação simbólica haverá uma impossibilidade, na paranoia, de investimentos objetais, a libido narcísica fica retida, não é direcionada para o mundo externo, o que impossibilita o estabelecimento de laços.

Tornou-se decisiva a introdução do conceito de narcisismo, ou seja, a visão de que o próprio Eu está investido de libido, que é até mesmo sua morada original e que também permanece, por assim dizer, o seu quartel general. Essa libido narcísica se volta para os objetos, torna-se assim libido de objeto, e pode se transformar novamente em libido narcísica. O conceito de narcisismo permite aprender analiticamente a neurose traumática, assim como muitas afecções próximas a psicose e também elas mesmas (FREUD, 1930/2020, p.370).

Voltando à sequência do esquema da primeira figura, como já dissemos, só a partir do investimento libidinal objetal que é possível a constituição do narcisismo secundário. Este se dá pelas identificações secundárias, pelas introjeções de traços dos objetos investidos libidinalmente e que foram abandonados (separação), é o retorno libidinal desses objetos para o Eu. Apesar de Freud supor o narcisismo secundário a partir da psicose, ou seja, um narcisismo que se edifica a partir da retração dos investimentos objetais, o narcisismo secundário não designa somente estados extremos de regressão libidinal, mas é também uma estrutura permanente do sujeito. O que podemos supor desta relação que Freud faz entre

narcisismo secundário e psicose é que no caso da paranoia, o que entra em cena é o narcisismo primário, a fixação libidinal que aí ficou retida e que subjaz ao narcisismo secundário.

No plano econômico, os investimentos de objeto não suprimem os investimentos no Eu, o que vai existir é “uma balança energética entre essas duas espécies de investimento” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p.369), ou seja, ocorre uma circularidade libidinal, no sentido da estruturação do Eu. Desse modo, o Eu investe nos objetos, a renúncia a um objeto antes investido faz com que a libido retorne para o Eu e assim sucessivamente. Essa dimensão econômica do balanço que há entre esses dois tipos de investimento, libido objetal e libido narcísica, Freud descreve de maneira clara no trabalho do luto, enquanto na melancolia essa circularidade libidinal não está presente.

O ensaio *Luto e melancolia* (1917) faz parte dos doze títulos que compoem a metapsicologia freudiana e esclarece a natureza da melancolia, comparando-a ao processo do luto. Freud apresenta o luto como um trabalho psíquico em que o sujeito diante da prova de realidade que mostrou que o objeto amado não mais existe, exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Mas Freud observa que uma oposição a essa tarefa se ergue, sempre haverá uma forte resistência do sujeito para abandonar uma posição libidinal. Dessa forma, essa tarefa não é atendida imediatamente, mas sim, pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, *Besetzungenergi*. Considera-se o trabalho de luto concluído quando o Eu se torna livre e desimpedido para novos investimentos libidinais em novos objetos. Essa *Objektbeziehung* (relação ou ligação de objeto) também ocorre na melancolia, mas a perda do objeto não tem o mesmo desfecho do que acontece no trabalho de luto, na melancolia a sombra do objeto perdido cai sobre o Eu.

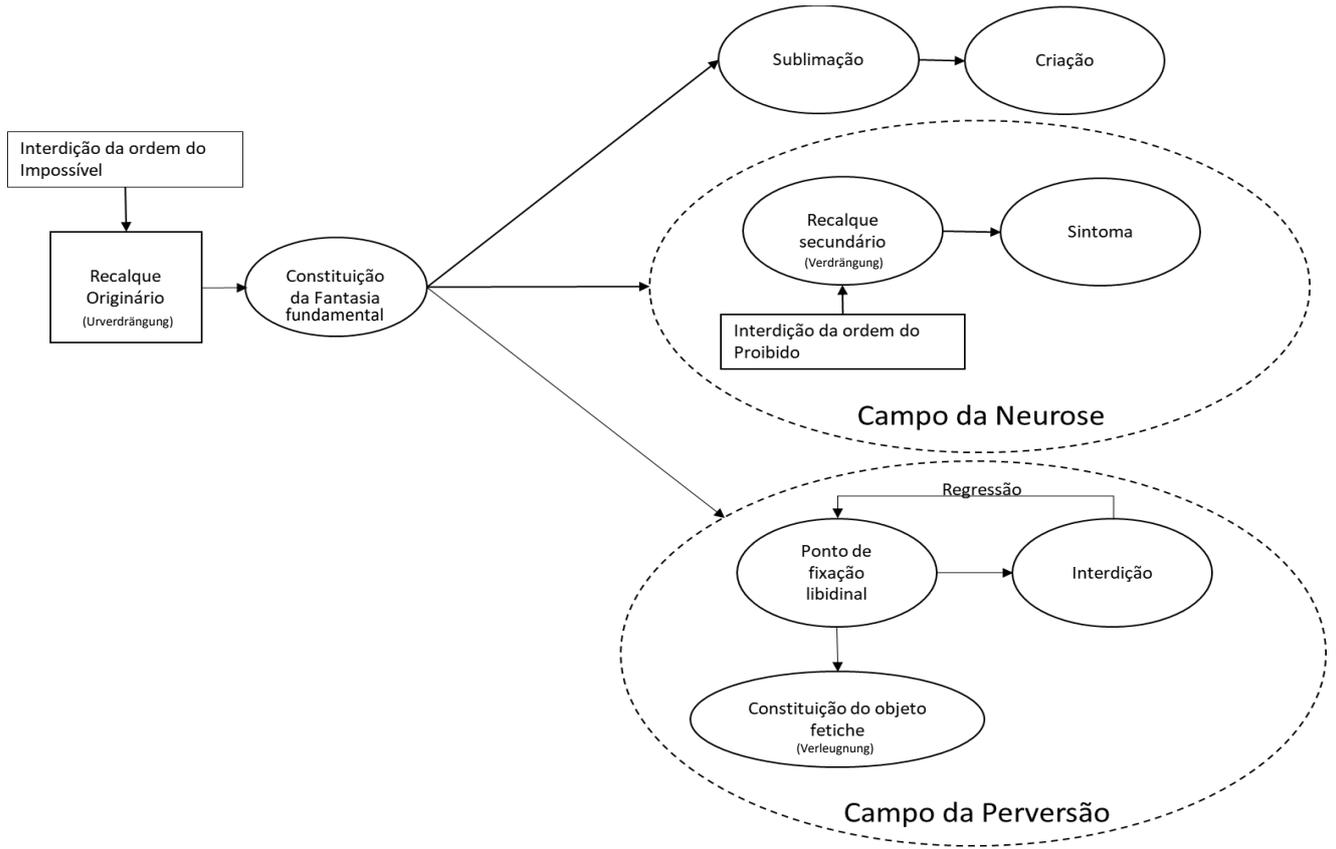
O resultado não foi o normal, de uma retirada da libido desse objeto e o seu deslocamento para um novo, mas foi outro, que parece exigir várias condições para sua realização. O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, porém a libido livre não se deslocou para outro objeto, mas se recolheu no Eu. Lá, no entanto, ela não encontrou uma utilidade qualquer, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. A sombra do objeto caiu sobre o Eu, que agora pôde ser julgado por uma instância especial, como um objeto, como o objeto abandonado (FREUD, 1917/2016, p.107).

Tendo isso esquematizado, passemos para a figura 8, que visa demonstrar as três possibilidades de estruturação do psiquismo a partir do recalque originário (*Urverdrängung*) e da construção da fantasia fundamental. A sublimação, que ocorre tanto na neurose quanto na perversão após um processo de desrecalcamento, também pode ocorrer precocemente, antes

de se engendrar o recalque propriamente dito ou de se constituir uma perversão. Mas mesmo que esse fenômeno ocorra Freud nos adverte que não há a possibilidade de sublimarmos tudo, sempre haverá uma quota de energia libidinal que incidirá em outras formas de vicissitudes pulsionais. No caso da constituição de uma neurose, isso se dará a partir da incidência do recalque propriamente dito (*Verdrängung*) sobre moções pulsionais intoleradas pelo Eu. Já na perversão é pela ocorrência de uma regressão a um ponto de fixação libidinal que será superinvestido com a função de renegar (*Verleugnung*) o recalque originário. No caso da perversão, trabalharemos na dimensão do fetichismo por entender que as operações psíquicas que pretendemos demonstrar ficam mais nítidas quando esse fenômeno ocorre na estrutura perversa.

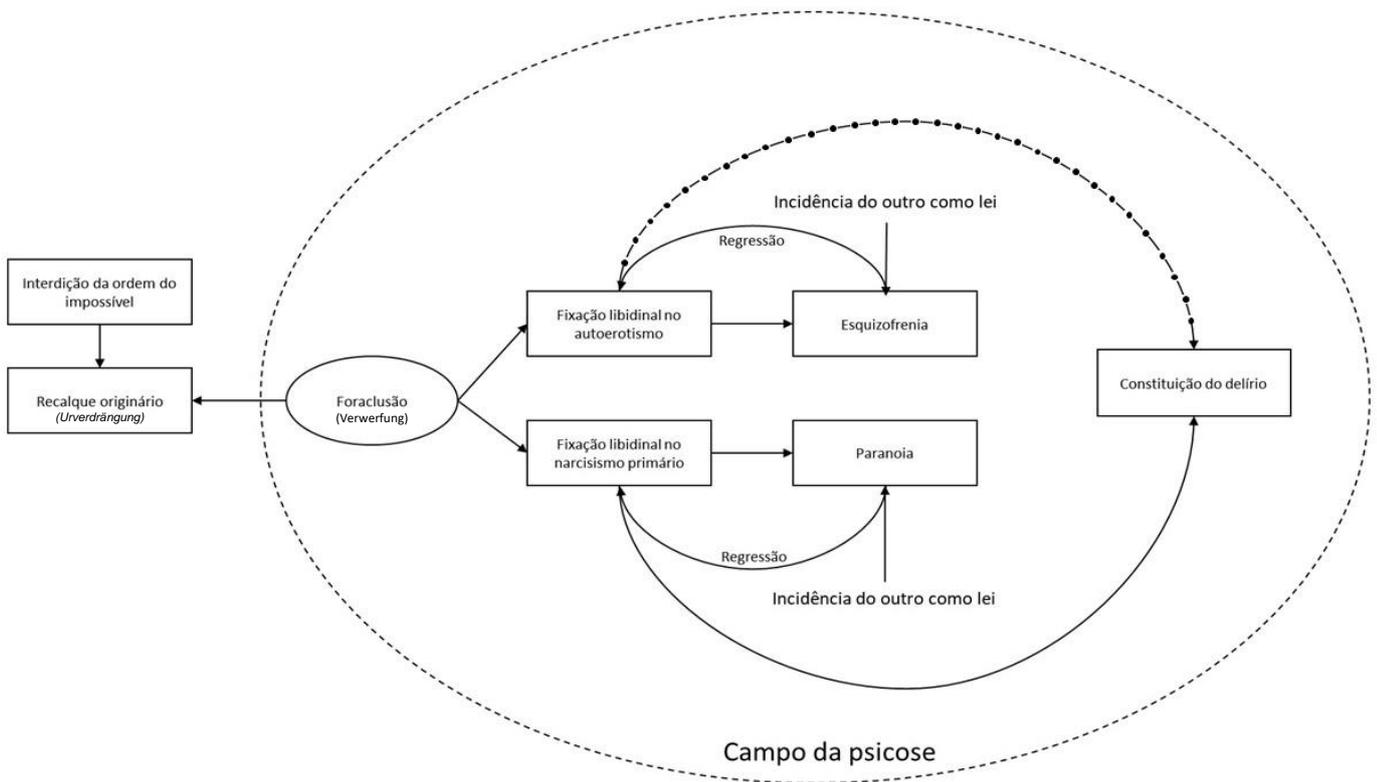
Na figura 9, o que está demonstrado é que na psicose, não havendo a incidência do recalque originário não há constituição da fantasia fundamental (JORGE, 2010), impedindo que esse sujeito opere no campo simbólico. Dessa forma, por não ter um ponto de basta, a força pulsional desencadeia uma organização psíquica que, pela falha da intermediação simbólica, se estrutura a partir de uma colmatação dos campos Real e Imaginário. Sendo a ausência de sentido a tônica na esquizofrenia, e o ponto de fixação libidinal no autoerotismo, no corpo despedaçado. Enquanto a paranoia apresenta a rigidez do sentido, quase absoluto, pois tem sua tônica no imaginário como consequência da fixação libidinal no narcisismo primário. Freud, no estudo do caso Schreber, destaca essa ideia quando constata que o desfecho na esquizofrenia é mais desfavorável do que na paranoia, pois a regressão na primeira distinta da segunda, não vai até o narcisismo que se manifesta em megalomania, mas sim até a completa suspensão do amor objetal e o retorno ao autoerotismo infantil. “Portanto, a fixação disposicional precisa estar mais recuada do que a da paranoia, deve estar inclusa no início do desenvolvimento, que vai do autoerotismo ao amor objetal” (FREUD, 1911/2022, p.620).

Figura 8 – Esquema da neurose e perversão



Fonte: A autora, 2024.

Figura 9 – Esquema da psicose



Fonte: A autora, 2024.

Assim, defendemos a ideia de que a sublimação é possível tanto na neurose como na perversão, mas não poderíamos pensar a sublimação na estrutura psicótica. Esse é um dos pontos que iremos discutir ao longo desse capítulo. Importante ressaltar novamente que em Lacan os quadros clínicos são apresentados como estruturas clínicas, a partir da influência do estruturalismo linguístico de Saussure (1857-1913) e Jakobson (1896-1982), assim também como do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss (1908-2009). Mas não podemos deixar de ressaltar que, como adverte Laéria Fontenele em seu artigo *Estrutura e estruturas clínicas: fundamentos freudianos no ensino de Jacques Lacan* (2014) Lacan já encontra em Freud elementos basilares que possibilitam a sua definição das estruturas clínicas.

A versão lacaniana conferida à atividade estruturalista não é independente do modo como Freud formulou o modelo de aparelho psíquico e nele situou o lugar e a função ocupados pelo inconsciente. Nessa direção, o retorno a Freud realizado por ele, traz, a nosso ver, o desabrochar da dimensão estrutural que já se encontrava presente, de forma lógica, mas ainda não formalizada (FONTENELE, 2014, p. 20).

Desse modo, neurose, psicose e perversão são consideradas, por Lacan como estruturas psíquicas, ou seja, cada uma delas vai se estabelecer a partir de certa organização

subjetiva dentro da lógica de uma rede de significantes, que gravitam em torno de uma falta ôntica. Dessa forma, atribui-se a cada uma delas um funcionamento psíquico distinto referido à negação da castração. A inscrição psíquica da castração, ou seja, da impossibilidade do gozo pleno – que tem o valor de trauma - tem a dimensão da Lei que diz respeito a uma interdição radical, ou seja a interdição do incesto, à impossibilidade da completude. Lacan elege determinado significante – o significante Nome-do-Pai (*Nom-du-Père*) que em francês é homônimo ao Não-do-Pai (*Non-du-Père*) como o significante que representa a inscrição subjetiva da Lei. Assim, ao abordar as estruturas clínicas, em cada uma delas a negação a esse significante, ou seja, a negação da Lei, vai ser distinta, engendrando diferentes modos de operar psiquicamente. Enquanto na neurose a negação vai se dar pela *Verneinung* (denegação) do Nome-do-Pai - mecanismo gerado pelo recalque - na perversão será pela *Verleugnung* (renegação) do Nome-do-Pai, enquanto na psicose o que opera é a *Verwerfung* (forclusão) do Nome-do-Pai.

O Nome-do-Pai, como significante, aparece pela primeira vez no pensamento Lacaniano em seu seminário sobre as psicoses (1955-56, p 232), e em seguida em seu artigo “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958, p 584) a propósito do caso Schreber. Lacan enfatiza (1966/1998, p. 561) que é no núcleo edípico que Freud desvela o falo como pivô do processo simbólico que “arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração”, e isso se dá pela significação que é evocada pela metáfora paterna na economia subjetiva, ou seja, a metáfora que coloca em Nome um significante, e que tem um funcionamento subjetivo de Lei e opera no processo de interdição da fusão do sujeito com o primeiro Outro – a Mãe.

Com efeito, como não haveria Freud de reconhecê-la, quando a necessidade de sua reflexão o levava a ligar o aparecimento do significante do Pai, como autor da Lei, à morte, ou até mesmo ao assassinato do Pai? – assim mostrando que, se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida a à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto. (LACAN, 1966/1998, p. 563).

Chama atenção o fato do significante Nome-do-Pai, que se constitui como um importante conceito na teoria lacaniana apareça pela primeira vez nas reflexões de Lacan onde o que está em jogo é sua falta, a falta da inscrição subjetiva desse significante, que é o que ocorre na psicose, ou seja, Lacan o conceitua a partir do efeito da falta da inscrição desse significante. E é somente no ano seguinte ao seminário sobre as psicoses, em *A relação de objeto* (1956-57), que Lacan vai apresentar a ternariedade da função paterna, apresentando as

dimensões do pai imaginário, simbólico e real, concluindo que “O Nome-do-Pai é ele mesmo identificado ao pai simbólico” (PORGE, 1998, p.36). O pai simbólico é o pai morto, por isso mesmo conservado como significante, só é representado forjando-se uma construção mítica como *Totem e tabu*(1913). Desse modo, no pensamento lacaniano, a ausência do significante Nome-do-Pai será atribuída a um mecanismo de rechaço nomeado por Lacan, como citamos acima, de foraclusão(*Verwerfung*), termo este encontrado em alguns textos de Freud, como no episódio da alucinação do dedo cortado no caso do “Homem dos lobos” (1918).

Notadamente, como ressalta Jean-Claude Maleval em seu livro *A foraclusão do Nome do Pai* (2009, p.36), o termo *Verwerfung* é utilizado por Freud desde seus primeiros escritos psicanalíticos. Em 1894, em seu artigo “As psiconeuroses de defesa”, Freud descreve uma forma de defesa mais eficaz que a que opera tanto na histeria quanto na neurose obsessiva e nas fobias, que consiste num rechaço por parte do Eu a uma representação insuportável e ao mesmo tempo ao afeto. Para esse mecanismo ele emprega o termo *verwirft*, essa é a primeira referência de Freud a *Verwerfung*, caracterizando-a como um juízo do Eu que tem a particularidade de gerar uma ruptura radical com uma realidade impossível de assumir. Mais tarde, no seu texto *Totem e tabu* (1913), encontramos a *Verwerfung* como um mecanismo de rechaço de certos desejos, que dizem respeito à sexualidade pré-edípica, que a situa no fundamento da consciência moral. Aqui a *Verwerfung* aparece como fundadora, como estruturante, geradora de uma proibição e de uma culpa originárias. O estatuto do termo *Verwerfung* na obra freudiana é incerto, designa um mecanismo patógeno que gera tanto uma confusão alucinatória, como um episódio de transferência negativa ou de uma breve alucinação. Para Freud, notadamente, esse termo não se constituiu como um mecanismo específico da psicose, nem como um conceito dentro de sua teoria, é somente com Lacan que a *Verwerfung* passa a ter um outro estatuto.

Em relação à noção de *Verwerfung*, há uma diferença que se torna imprescindível que seja ressaltada. Como já descrevemos, na psicose, segundo Lacan, a *Verwerfung* corresponde à foraclusão do significante do Nome-do-Pai, significante este que inscreve o binômio Lei/desejo na organização psíquica do sujeito. Mas, na gênese da constituição subjetiva humana, a *Verwerfung* ocorre como um mecanismo estrutural: “Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (LACAN, 1955-56/1985, p. 98). A dimensão da *Verwerfung* original ou primitiva é aquela que se constitui em oposição à *Bejahung*, isto é, às

representações que foram incorporadas pelo Eu: “Há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (1955-56/1985, p. 98). Ao passo que na psicose se trata da *Verwerfung* do Nome-do-Pai, uma forma de negação que irá produzir um retorno que não é subjetivação, mas presença do Real que se apresenta nas alucinações e na construção delirante.

É no breve artigo freudiano *A denegação* (1925), que Lacan encontra a sustentação dessa ideia, a partir da análise de Jean Hyppolyte, em que o filósofo enfatiza a relação da criação simbólica da negação como fator constituinte da *Bejahung*: “Essa criação do símbolo deve ser concebida como um momento mítico, mais do que como um momento genético, pois não podemos sequer relacioná-lo com a constituição do objeto, uma vez que ela concerne a uma relação do sujeito com o ser, e não do sujeito com o mundo” (LACAN, 1966/1998, p.384). Nesse texto, Freud parte do princípio de um Eu-prazer originário (*ursprüngliche Lust-Ich*) que, mesmo incapaz de reconhecer o objeto como tal, incorpora-o, apoiando-se nas qualidades das tendências pulsionais orais mais primitivas: o bom é introjetado (*Einbeziehung ins ich*), e o mau é expulso (*Ausstossung aus dem ich*). Essa atividade binária que instaura o “dentro e o fora” se dá em função de um juízo de atribuição, sob um princípio de prazer-desprazer, que consiste em atribuir ou negar uma propriedade – prazerosa ou desprazerosa - à determinada coisa. Dessa forma, a partir dessas duas atividades distintas, constituem-se dois campos que se entrelaçam no mito que sustenta o sujeito (LACAN, 1954/1985, p. 389-90), um concernente às pulsões de vida e o outro à pulsão de destruição ou pulsão de morte. Mas esse entrelaçamento não ocorre da mesma forma nas três estruturas clínicas, e o que determina essa diferença é, justamente, a inscrição do significante Nome-do-Pai, como inscrição da Lei que, na estrutura psicótica, está foracluído.

Dessa forma, a partir das ideias desenvolvidas até aqui no que diz respeito às estruturas clínicas, iremos, neste capítulo, tratar da ocorrência da sublimação nelas apresentando nossas hipóteses e os impasses que esse destino pulsional pode apresentar nesse aspecto. Mas, para tal abordagem, é necessário que haja o destaque de um postulado, em nossa pesquisa, para o qual dedicaremos o próximo capítulo - a fantasia. Esse conceito protagoniza, tanto para Freud quanto para Lacan, a constituição sintomática na neurose e na perversão, tendo, como correlato - se assim podemos afirmar - a formação delirante na psicose (JORGE,2010).

4.1 Fantasia e sublimação

No segundo volume de sua obra *Fundamentos da psicanálise*, Jorge (2010) ressalta a importância da fantasia no escopo teórico da psicanálise, e estabelece na obra freudiana, o que chama de *Ciclo da fantasia*, tempo em que Freud se dedicou quase exclusivamente ao estudo dessa noção. Jorge propõe que esse segmento da obra de Freud, o *Ciclo da fantasia*, que vai de 1906 a 1911, possa ser estabelecido a partir de um encadeamento lógico do pensamento freudiano. São as reflexões sobre o inconsciente, ressalta Jorge, expostas em obras como: *A interpretação dos sonhos*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Chistes e sua relação com o inconsciente* e a introdução do conceito de pulsão em 1905 no livro onde Freud apresenta suas teses sobre a sexualidade, que o levam a partir de 1906, numa sequência lógica, às reflexões sobre a fantasia, conceito que, notadamente, articula inconsciente e pulsão. Abaixo, apresento um esquema, criado por Jorge, que nos ajuda a compreender o encadeamento do pensamento freudiano:

Ciclo do Inconsciente → *Pulsão* → *Ciclo da fantasia* → *Ciclo da técnica*

Se, inicialmente, Freud, defendia a teoria da sedução como causa da neurose histérica, aos poucos foi se tornando incrédulo quanto às revelações que apareciam nas narrativas de suas pacientes, concluindo que tais revelações, pelo menos em parte eram produtos da imaginação delas, chegando mesmo, numa carta a Fliess (carta 69) em setembro de 1897, mostrar seu desapontamento, confessando: “Não acredito mais na minha Neurótica”. O colapso dessa teoria, não fez com que Freud abandonasse sua crença na sexualidade como essência etiológica da neurose, mas abriu um novo capítulo essencial na construção de seu pensamento: a teoria da fantasia.

Subsiste o fato de que o paciente criou essas fantasias por si mesmo, e essa circunstância dificilmente terá, para sua neurose, importância menor do que teria se tivesse realmente experimentado o que contém suas fantasias. As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva (FREUD, 1917, p.430).

Portanto, as fantasias estão, para Freud, na base de toda neurose. “Pois as fantasias são as precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas” (JORGE, 2010, p.47). Numa de suas conferências, realizadas entre 1916-1917 a respeito desse assunto, Freud enfatiza a importância do papel que a fantasia desempenha na formação dos sintomas, ressaltando que a retração da libido para a fantasia é um estágio intermediário no caminho da formação de sintomas. (FREUD, 1916-17/1974, p.436). Desse modo, a fantasia tem uma relação estrutural com o sintoma. Esse é um ponto importante que devemos levar em consideração em nossa tese, a partir do momento que, em consonância com o pensamento freudiano, o autor ressalta que a sublimação não faz sintoma. Iremos tratar disso mais adiante.

Nos escritos de Freud encontramos dois textos que são fundamentais para pensarmos a importância da fantasia na constituição da neurose, ambos de 1924: “Neurose e psicose” e “A perda da realidade na neurose e psicose”. Nestes artigos, o autor estabelece uma distinção entre neurose e psicose no que diz respeito à realidade. Devemos considerar que quando Freud fala aqui de realidade, ele está se referindo à realidade externa. Dessa forma, o autor parte da suposição de que na psicose a perda da realidade estaria dada de início, enquanto para a neurose ela seria evitada.

Recentemente, estabeleci um dos traços distintivos entre neurose e psicose, de maneira que, na primeira, o Eu depende da realidade, reprime [*unterdrückt*] uma parte do Isso (da vida pulsional), enquanto o mesmo Eu, na psicose, a serviço do Isso, afasta-se de uma parte da realidade (FREUD, 1924/2016, p.279).

Segundo Freud, inicialmente o Eustado a serviço da realidade (*externa*[grifo nosso]), empreende o recalque de uma moção pulsional que estaria em conflito com as exigências dessa realidade. Mas Freud adverte que esse processo ainda não é a neurose de fato. Ela só vai se constituir a partir de processos compensatórios – construção da fantasia – para a parte prejudicada do Isso, ou seja, na reação contra o recalque e no seu fracasso. A perda da realidade na neurose, portanto, diz respeito à parte da realidade cuja exigência recorreu no recalque da pulsão. Já na psicose, diante de uma exigência da realidade em conflito com as exigências pulsionais, o Eu é arrancado da realidade e diante dessa perda, o psicótico cria uma nova realidade – construção do delírio – que não apresenta o mesmo embate da realidade abandonada: “A neurose não recusa [*verleugnet*] a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela; a psicose a recusa e procura substituí-la”(FREUD, 1924/2016, p.282). Freud finaliza este artigo fazendo referência a *Phantasiewelt*, ao mundo de fantasia que se constitui no momento da instauração do princípio de realidade, concluindo que é da

fantasia que o neurótico retira o material para as suas novas formações de desejo, enquanto o fantástico mundo da psicose, ou seja, o delírio, se aloja na realidade externa.

Em Lacan, a fantasia ocupa um lugar de destaque na sua teoria, inscrita no campo da estrutura significante. Foi em seu seminário dos anos de 1966-67, que Lacan desenvolveu a lógica da fantasia, ressaltando que além das diversidades das fantasias de cada sujeito, há a fantasia que é estruturante – a fantasia fundamental.

Mas desde a primeira formulação do grafo do desejo (1957), a lógica da fantasia já vinha sendo elaborada por Lacan como um matema- $\$ \diamond a$ - que expressa de um lado o sujeito do inconsciente, que tem sua estrutura clivada, efeito de uma operação significante e, do outro, o objeto do desejo, impossível de ser apreendido, que remete a falta. Dois elementos ligados pelo símbolo que Lacan designará como punção, que representa o furo, à impossibilidade de $\$$ se colmatar *aa*.

Se nos debruçarmos sobre o ensino de Lacan, podemos encontrar um viés que nos permite estabelecer uma articulação entre sublimação e travessia da fantasia, já em 1960, em seu seminário sobre a ética, quando o autor aproxima o conceito de sublimação da pulsão de morte. Lacan postula que mesmo esse vetoramento pulsional sendo na pulsão de morte um empuxo ao impossível do gozo absoluto, ele pode assumir um outro estatuto que diz respeito a uma dimensão criacionista: “A partir da noção do *ex-nihilo*, essa vertente pulsional é também vontade de criação, a partir do nada, vontade de recomeçar. É o que possibilita uma re-historicização subjetiva, engendrando uma nova articulação significante-pulsão” (LACAN, 1959-60/1988, p.152). Posteriormente, em 1964, o conceito de travessia da fantasia proposto por Lacan nos leva a suposição que o atravessamento da fantasia expõe o sujeito à perspectiva de um gozo mortífero, quando por um tempo fugidio, no curso do qual o sujeito tem a medida de que sua fantasia é apenas uma tela diante da irrepresentabilidade do real. Esse tempo “é um tempo de desser, onde o sujeito é reduzido apenas a um corte e o objeto a nada, à falta radical de objeto” (CASTANET, 2007, p.107).

Nesse atravessamento da fantasia, se é a pulsão de morte que predomina, haverá um empuxo ao gozo, causa de angústia, mas se supusermos um processo sublimatório operando nesse cenário psíquico é a face criacionista da pulsão de morte, com a criação do novo, que prevalece. Pois, como assinala Graciela Brodsky (2004, p. 159), “Ali onde não há saber no real nem no inconsciente, onde há um saber que falta, é a invenção do saber que permanece disponível para alguém que chegou a esse ponto”. O atravessamento da fantasia supõe a

ruptura, a fragmentação de um Eu que se constitui, a partir de um investimento narcísico, circunscrito ao campo do sentido e sustentado por um campo simbólico que tem como matriz a fantasia. Isso ocorre, pois, a experiência analítica levada a seu fim, conduz o sujeito à dimensão da *tiquê*, da repetição que subjaz a qualquer repetição da cadeia simbólica, que é a repetição da cadeia significante, do *automaton*, na qual o sujeito se situa, clivado, entre significantes, em seus trilhamentos pulsionais. A repetição na sua dimensão de *tiquê*, portanto, é a repetição do encontro com o Real, com o impossível de ser apreendido, é o encontro com a diferença radical, com o *non-sense*: “O real está para além do *automaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vige sempre por trás do *automaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida” (LACAN, 1964/1985, p.56).

Nessa reflexão sobre a repetição na sua dimensão de *tiquê*, Lacan observa que é na origem da experiência analítica que o real é apresentado na forma do que nele há de inassimilável, que é a forma do trauma. Um trauma que é tamponado por uma homeostase subjetivante, que orienta o funcionamento do princípio de prazer.

A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto podendo faltar, enquanto é essencialmente encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (LACAN, 1964/1985, p.57).

Prosseguindo em seu pensamento, Lacan indica que o lugar do real vai do trauma à fantasia, “na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição”(LACAN, 1964/1985, p.61).

Voltando ao seminário 7, podemos inferir que a reflexão lacaniana sobre o fim de análise em 1960 já fala disso, mesmo que a ideia de travessia da fantasia implicada no fim de análise seja posterior a esse seminário. Pois, para o autor, no término de uma análise o sujeito deve atingir o nível do desarvoramento absoluto, o nível de uma experiência última do *Hilflosigkeit*, onde a angústia já não delinea mais um perigo:

[...] o término da análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara a tornar analista, não deve ele em seu termo confrontar aquele que a ele se submeteu à realidade da condição humana? É propriamente isso o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte não deve esperar a ajuda de ninguém” (LACAN, 1959-60/1988, p.364).

Assim, a experiência de *Hilflosigkeit* que perpassa a obra freudiana, revelando a condição do desamparo humano que aparece na fragilidade do bebê em sua prematuração, na angústia da separação do objeto do amor, no medo da finitude, no desalento do mal-estar na cultura, Lacan a situa também na experiência vivida no fim de análise, quando o atravessamento da fantasia conduz o sujeito à solidão radical, onde o reconhecimento é de que não há garantias. Portanto, é quando não há mais decifração possível, diante do saber que não há, quando a angústia tem seu lugar, que uma outra possibilidade subjetiva desperta, a possibilidade de criar. E isso nos interessa, tendo em vista que se abordamos a noção de criação, entramos na esfera da sublimação, quando nesse atravessamento, o sujeito experimenta uma reversibilidade que vai do estado melancólico da dessubjetivação ao estado de júbilo (do primeiro olhar) da criação.

Portanto, a fantasia é a matriz simbólica que sustenta o desejo, ela funciona como tela, anteparo diante do Real, uma janela velada. Na forma matemática que Lacan propõe S barrado punção de $a, \$ \diamond a$, a fantasia é ilusão, é o engodo diante do inapreensível que não cessa de não se escrever. Proponho uma leitura do matema da fantasia lacaniano, no que diz respeito à travessia quando o processo sublimatório vigora: a suposição é que, nessa experiência, a tônica não incide sobre o sujeito barrado, como na neurose, e nem sobre o objeto a como na perversão (JORGE 2010, p 71), mas justamente sobre o signo central, sobre o furo, permitindo ao sujeito uma reversibilidade. Podemos aqui fazer referência ao resgate da bissexualidade estrutural do desenvolvimento libidinal humano, onde o sujeito, que chega a esse ponto, em sua experiência analítica, é efeito do que pode extrair do gozo perverso, na dimensão da perversão polimorfa, em conjugação com as possibilidades significantes do campo simbólico, revelando, dessa forma, a própria estrutura da fantasia.

A sublimação entra nessa operação como o mecanismo que leva a criação de novos trilhamentos pulsionais, articulados a novas cadeias significantes, abrindo para esse sujeito que emerge como efeito dessa operação, a construção de um novo saber. A travessia da fantasia implica que tenhamos uma ideia dos traços pulsionais que ditam a coleção de objetos que nos convém. Porque após essa experiência, após a descoberta de um saber que diz respeito a um *savoir-faire* com um saber que não há, pode-se esperar uma mudança ao nível do querer do sujeito (deliberação), extraído da satisfação produzida por um gozo (satisfação direta) do que o leva a criação do novo (sublimação). A ideia da travessia da fantasia é a de

que ao mesmo tempo que o sujeito localiza o que ele é como sujeito do gozo reconhece ao que ele se reduz.

Muitos autores sustentam – movidos pelo artigo freudiano de 1923, O Eu e o Isso – que há uma ambivalência do conceito de sublimação que, de destino sadio associado à criação, também tem o poder de liberar forças destrutivas pertencentes ao domínio da pulsão de morte, ponto relevante que iremos discorrer nos capítulos seguintes de nossa tese.

4.2 Sublimação e neurose

O termo neurose foi introduzido pelo médico escocês William Cullen, um médico escocês, num tratado de medicina publicado em 1777, onde eram classificadas, assim, as afecções que apresentavam um conjunto de problemas da sensibilidade e da motricidade que não apresentavam qualquer relação com uma lesão orgânica. Esse termo surge, portanto, para designar um conjunto de doenças, das quais a medicina da época não tinha uma explicação anatomopatológica. Um século depois, Jean Martin Charcot, na França, inaugura um modo de classificação da neurose: a neurose de histeria, distinguindo a crise histérica da crise epilética. Classificando-a como neurose, a origem passa a ser traumática, uma doença nervosa e funcional, de origem hereditária e relacionada à constituição orgânica. Por sua vez, Pierre Janet, psicólogo e fundador na França da corrente da análise psicológica, onde defendia a teoria do automatismo psicológico, ao estudar medicina, tornou-se aluno de Charcot na Salpêtrière e em 1893 defendeu sua tese: *O estado mental das histéricas*. Janet fundamentava sua análise psicológica na investigação consciente e não na escuta dos efeitos de uma dimensão inconsciente na fala e nos sintomas do paciente. Dessa forma, distinguiu dois tipos de neurose: a histeria e a psicastenia.

Freud também passa a definir a histeria como neurose depois de seu encontro com Charcot em Paris, porém sua perspectiva difere totalmente de Janet. Para Freud a causação da histeria não estava numa dimensão orgânica ou hereditária, mas sua etiologia era sexual e inconsciente. Em 1895, Freud publica *Estudos sobre a histeria*, e como enfatiza Elisabeth Roudinesco em *Sigmund Freud, na sua época e em nosso tempo*, a histeria no sentido freudiano tornou-se o protótipo, para o discurso psicanalítico, da neurose como tal. É a partir,

então, da clínica da neurose que Freud constrói toda sua teoria. O conceito de recalque, mecanismo da neurose por excelência, passa a ser central no pensamento freudiano, e como já citado anteriormente, levou o criador da psicanálise a afirmar: “A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”(FREUD, 1914/1974, p.26). Dessa forma, ele destaca o recalque como parte essencial de sua teoria e faz uma observação digna de nota: “O recalque é uma formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem recorrer à hipnose” (FREUD, 1914/1974, p. 26).

Assim, a partir da escuta clínica da neurose Freud vai construindo sua teoria, e é nesse contexto que concebe sua ideia de sublimação. Apesar do termo sublimação aparecer muito precocemente nos textos freudianos, foi, somente, em 1905 em seu livro, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que o autor deu sua primeira definição da sublimação, como um dos destinos pulsionais. Subsequentemente, em 1909, lembrando o que já havíamos mencionado anteriormente, nas cinco lições proferidas por Freud na Clark University, em Worcester, ele descreveu três possibilidades que geralmente acontecem com os desejos inconscientes liberados pela processo psicanalítico: o juízo de condenação, ou seja a capacidade que o sujeito adquire, pelo processo analítico, de poder deliberar (termo cunhado por Marco Antonio Coutinho Jorge) diante de uma moção pulsional antes ameaçadora; a sublimação, pela qual “a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual” (FREUD, 1909/1974, p. 50); e, como o terceiro dos possíveis desenlaces, a satisfação direta pulsional. Portanto, a sublimação é indicada por Freud como um dos processos possíveis para a moção pulsional desrecalcada.

Seis anos depois, quando Freud sistematizou, em 1915, seu conceito de pulsão, em seu artigo metapsicológico “As pulsões e suas vicissitudes”, o fez, assim como fez com os outros conceitos, a partir da clínica da neurose. Desse modo, quando estabelece as quatro vicissitudes pulsionais, sua suposição parte do que observa nos quadros neuróticos. Chamamos atenção quando, três anos antes, em 1912, no texto “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, Freud adverte que no tratamento psicanalítico não deve haver qualquer conduta pedagógica por parte do analista, ou seja, o analista não deve indicar novas metas para as moções pulsionais liberadas do recalque, “o médico deveria controlar-se, tomando como diretriz menos os próprios desejos do que a aptidão do analisando”

(FREUD, 1912/2016, p.103). E nessa recomendação, o autor ressalta que a sublimação não deve ser um destino sugerido pelo analista às moções pulsionais desrecaçadas, sublinhando que nem todos os neuróticos possuem uma capacidade sublimatória: “Nem todos os neuróticos têm muito talento para a sublimação; podemos supor para muitos deles que não teriam adoecido se fossem dotados da arte de sublimar” (FREUD, 1912/2016, p. 103). E indo mais além na sua advertência, sublinha que muitas pessoas adoecem na tentativa de sublimar suas pulsões além da “medida autorizada por sua organização”, e que para os capacitados para a sublimação, este processo vem por si mesmo logo que moções pulsionais são desrecaçadas. “Portanto, acho que o empenho em utilizar o tratamento analítico regularmente para a sublimação das pulsões será sempre louvável, mas definitivamente não é recomendado para todos os casos” (FREUD, 1912/2016, p. 103).

Por sua vez, Lacan relativiza a sublimação na neurose, em seu seminário 16, *De um Outro ao outro*, na lição de 4 de junho de 1969, *Paradoxos do ato analítico*, afirmando que, para o neurótico, o saber é o gozo do sujeito suposto saber, e sendo a sublimação própria daquele que sabe contornar aquilo a que se reduz o sujeito suposto saber, o autor conclui que o neurótico (que não passa pela experiência analítica) é incapaz de sublimar justamente por não dispor da habilidade psíquica de distinguir saber e gozo. Diferente do que acontece em toda criação artística que se situa nessa demarcação do que resta de irreduzível no saber como distinto do gozo.

Ao observarmos a neurose obsessiva, vemos que ela é um bom exemplo da incapacidade de sublimar a qual Freud e Lacan se referem. O neurótico obsessivo pode se lançar “integralmente” num trabalho social, e mais particularmente num registro intelectual, onde, ele forja um Supereu de ferro e é dominado pelo “dever”, como exemplifica Paul-Laurent Assoun, em seu livro *La sublimation, leçons psychanalytiques*, “mas, o efeito de um remorso latente, por ter cedido a sua pulsão, cuida de sabotar seu trabalho e por uma falta única e inexplicável sua reputação irreprovável fica comprometida” (ASSOUN, 2017, p.51). Na posição do neurótico obsessivo, a diferença entre idealização e sublimação pode ser destacada. Sob o imperativo de um Supereu feroz, o obsessivo procrastina a realização do desejo, e diferente da histérica - para a qual o desejo será sempre insatisfeito -, para o obsessivo ele se torna impossível.

É importante ressaltarmos, mais uma vez, que Freud em seu ensaio *Introdução ao narcisismo*, é categórico ao assinalar a diferença entre sublimação e idealização:

A formação de ideal e a sublimação também se relacionam diferentemente à causação da neurose. Como vimos, a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece o recalque; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar o recalque(FREUD, 1914/1974, p.41).

Freud enfatiza, também, que a primeira é um processo que concerne à libido objetual e consiste em que a pulsão se lance a outra meta, distante da satisfação sexual, enquanto a segunda é um processo que envolve o objeto, sendo este engrandecido e psiquicamente elevado, há uma superestimação sexual do objeto. Dessa forma, Freud conclui: “Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede à pulsão, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-los conceitualmente” (FREUD, 1914/1974, p.41).

Na obra freudiana, encontramos o caso do *Homem dos ratos* como paradigma da neurose obsessiva. A análise de Ernest Lanzer durou cerca de nove meses, e é considerada a mais bem estruturada e elaborada análise feita por Freud. E é no mesmo período em que Ernst Lanzer fazia análise com Freud, que ele escreve seu ensaio *Caráter e erotismo anal* (1908), no qual retoma sua definição de sublimação, como um destino pulsional a partir de sua tese de 1905 sobre as pulsões parciais. Porém, nesse texto, quando o autor destaca que é plausível a suposição de que traços de caráter como: ordem, parcimônia e obstinação, com frequência relevantes na neurose obsessiva, sejam resultados de uma sublimação do erotismo anal, entendemos que, Freud ainda não destacava a sublimação da formação reativa, dois processos que posteriormente ele distinguirá, tendo em vista que na formação reativa há a incidência do recalque e na sublimação não. A respeito disso, Claude Léger destaca em um relatório, parte de uma coletânea de relatórios sobre histeria e neurose obsessiva para um encontro internacional do *Champ Freudien*, em 1985, que a partir da concepção freudiana da neurose obsessiva, ocorre um retorno do ativo para o passivo, pois implica que um gozo excessivo diante da fascinação do objeto (a visão do coito das figuras parentais) foi recalcado resultando na repulsa do mesmo objeto de forma exacerbada. No entanto, esse processo ao qual Freud se refere deveria ser atribuído a uma formação reativa, implicando, também, a idealização do objeto e não a sublimação. Citamos essa passagem de Léger para ilustrar algo que frequentemente ocorre com o conceito de sublimação. Em muitos momentos da obra freudiana, a sublimação se aproxima tanto da idealização quanto da formação reativa, podendo ser facilmente contaminada por esses dois termos, como ressalta Michel Silvestre em seu artigo *Mise en cause de la sublimation*, publicado na *Ornicar?*, em 1979. Mas, ao longo da construção de seu pensamento teórico, Freud vai diferenciando esses conceitos de maneira

clara. Como já citamos, anteriormente, no caso da idealização, com a qual, em 1914, Freud é enfático ao diferenciá-la da sublimação, assim também o faz em relação às formações reativas, mecanismo que evidencia a presença do recalque.

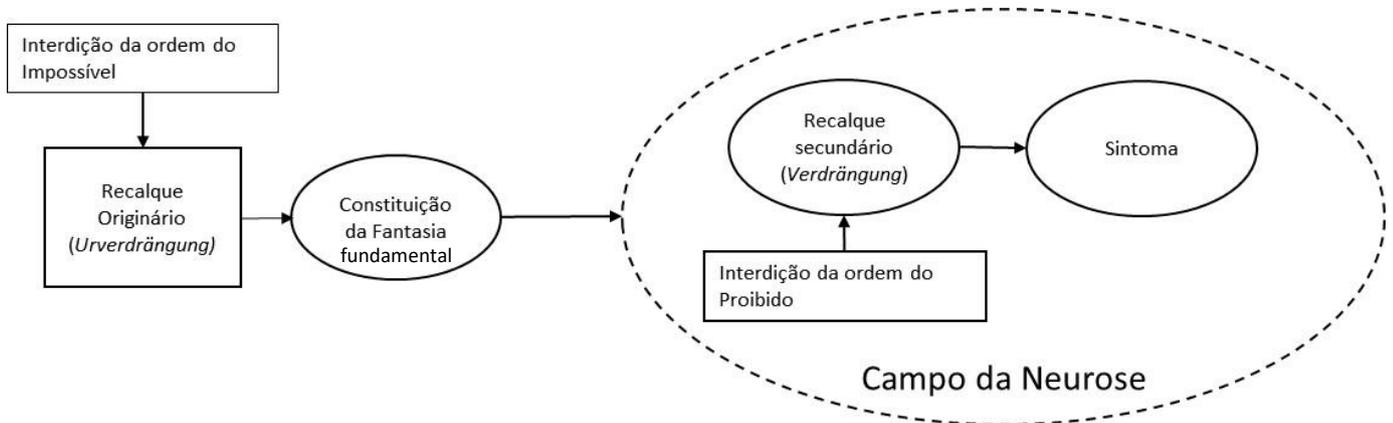
A formação reativa é um mecanismo predominante na neurose obsessiva. O termo *Zwangsneurose*, neurose obsessiva, foi cunhado por Freud, e aparece pela primeira vez numa carta a Fliess, de 7 de fevereiro de 1894. Mas, foi somente em 1895, em seu primeiro artigo sobre neurose de angústia, que Freud utilizou o termo numa publicação. No contexto do final do sec. XIX, onde a atenção médica deslumbrava a perspectiva da origem das neuroses ser atribuída às influências hereditárias, Freud já enfatizava que era a sexualidade que desempenhava o papel fundamental na etiologia desses quadros clínicos. Dessa forma, em 1906 no artigo “Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses”, descreve que, no caso da histeria, o que é colocado em evidência é a força de uma lembrança, que age como sendo um acontecimento atual. Uma lembrança que apresenta três características: tem relação com a vida sexual, concerne à primeira infância e implica num abuso cometido por um adulto ou uma criança mais velha. No caso do obsessivo, a fantasia que incide, concernente à sexualidade na primeira infância, é ter presenciado, ter visto o coito das figuras parentais, essa diferença condicionará a natureza dos sintomas: se a histeria tem como etiologia específica uma experiência de passividade sexual, uma experiência vivida com indiferença, despeito ou terror, na neurose obsessiva se trata do contrário, o acontecimento experimentado gerou prazer e o sujeito foi ativo, e é desse gozo antecipado que nascem as ideias obsessivas e as censuras desfiguradas.

No artigo fundamental, de 1913, intitulado *A disposição à neurose obsessiva*, Freud se debruça em temas importantes, como a escolha da neurose. Conjectura que haveria uma ordem de manifestação das neuroses, assim também como das psicoses (demência precoce ou esquizofrenia e paranoia). Nessa perspectiva, Freud levanta a hipótese de que tanto a histeria quanto a neurose obsessiva produzem seus sintomas bem cedo na vida, mas as fixações residiriam em fases posteriores na organização libidinal. Enquanto as psicoses, apesar de se manifestarem somente depois da puberdade, seus núcleos de fixação se constituíram em fases mais precoces da organização libidinal, antes da escolha objetal ter se estabelecido, ou seja, no autoerotismo no caso da esquizofrenia e no narcisismo primário no caso da paranoia. Essa ideia, Freud a apresenta na análise do caso Schreber quando faz a distinção entre esquizofrenia (demência precoce) e paranoia. Em geral, na primeira “ a regressão não vai

apenas até o narcisismo, que se manifesta em megalomania (como na paranoia), mas até a completa suspensão do amor objetal e o retorno ao autoerotismo infantil. Portanto, a fixação disposicional precisa estar mais recuada do que na paranoia, deve estar inclusa no início do desenvolvimento, que vai do autoerotismo ao amor objetal” (FREUD, 1911/2022, p.620).

O recalque, como já citado, no pensamento freudiano, é o mecanismo da neurose por excelência. Ao sistematizar esse conceito, em 1915, num de seus artigos metapsicológicos, Freud descreve três tempos para esse processo: o recalque originário ou primário, *Urverdrängung*, o recalque propriamente dito, *die Verdrängung* e um terceiro tempo que seria o retorno do recalçado, *die Rückkehr des Verdrängten*.

Figura 10 – Esquema do campo da neurose



Fonte: A autora, 2024.

Mas, em um complemento de seu ensaio *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926, Freud é enfático ao assinalar mecanismos distintos que operam na histeria e na neurose obsessiva. Dessa forma, o psicanalista sublinha que se na histeria se cumpre todas as fases do recalque, na neurose obsessiva há o recalque originário, porém o recalque secundário é muito pouco eficaz e o que predomina é um processo de regressão das moções pulsionais a uma fase libidinal anterior. Mas o autor enfatiza que essa regressão atua no mesmo sentido do recalque, ou seja, afastando o Eu da ideia original recalçada, protegendo-o das exigências pulsionais conflitantes. Freud assinala nesse texto que na histeria, sob a pressão do recalque (*Verdrängung*), as vivências excitantes e o conteúdo ideativo de formações patogênicas do pensamento são esquecidos, são excluídos da memória e dessa forma afastados da consciência. Na neurose obsessiva é diferente, os acontecimentos patogênicos não são

esquecidos, permanecem conscientes, mas são isolados. Portanto, conclui que nesse caso ocorre uma regressão a uma fase libidinal anterior como defesa do Eu, que opera no mesmo sentido do recalque:

Mas a diferença é grande o suficiente para justificar nossa opinião de que o processo pelo qual a neurose obsessiva elimina uma exigência pulsional não pode ser o mesmo da histeria. Investigações subsequentes nos mostraram que na neurose obsessiva é alcançada, por influência da oposição do Eu, uma regressão das moções pulsionais a uma fase libidinal anterior, que não torna supérflua um recalque, mas atua no mesmo sentido (FREUD, 1926/2019, p. 112).

Dessa forma, Freud constata que na histeria existe uma regressão da libido aos primeiros objetos sexuais, mas não vai haver uma regressão a uma fase anterior da organização sexual, diferente da neurose obsessiva onde a regressão da libido se dá em direção à fase preliminar da organização sexual, à sádico-anal, o que marca, justamente, todas as manifestações sintomáticas.

Assim, concluímos, em consonância com o pensamento freudiano e a reflexão lacaniana no seminário 16, que o neurótico no vigor de sua neurose não sublima. Sendo a sublimação uma das vicissitudes tomadas pela moção pulsional, após um processo de desrecalcamento, visado pelo processo analítico, uma análise torna o sujeito mais capaz de sublimar. E para tal, o neurótico obsessivo, por exemplo, em análise, só se histericizando, ou seja, se implicando sintomaticamente com o que é sua fonte de sofrimento e gozo, ou seja falando, não a partir da intelectualização de seus sintomas mas sim, a partir de sua condição sintomática de sujeito dividido, portanto sujeito desejante, que pode ir em frente no processo analítico. Dessa forma, na neurose obsessiva o sintoma é produzido em análise, efeito da transferência, quando o analista ocupa o lugar de sujeito-suposto-saber. E, como afirma Lacan, se para o neurótico, o saber é o gozo do sujeito suposto saber, a sublimação é o *savoir-faire* daquilo que resta de irreduzível no saber como distinto do gozo, e isso implica em saber contornar aquilo a que se reduz o sujeito suposto saber, ou seja, ao objeto *a* causa do desejo, ao objeto *a* como mais-gozar.

4.3 Sublimação e perversão

O termo perversão é retirado do latim *pervertere*, empregado pela psiquiatria e pela sexologia, designava as práticas sexuais consideradas como desvios da norma social vigente. É com a teoria de Freud que a perversão assume um outro estatuto. Apesar de muitas vezes a perversão, na perspectiva freudiana, apresentar uma ambivalência ou uma imprecisão conceitual, o psicanalista, desde 1905, a apresenta como experiências pulsionais que fazem parte da organização libidinal humana, fazendo parte da constituição psíquica. Freud adverte ainda que “a disseminação extraordinariamente grande das perversões nos força a supor que a disposição para as perversões não é em si muito rara, devendo constituir parte do que passa como constituição normal” (FREUD, 1905/1974, p. 174). Com a ideia da predisposição polimorfa da sexualidade infantil e a própria concepção do conceito de pulsão, Freud destaca que a sexualidade humana não se restringe à genitalidade e aos fins da reprodução. Em 1916, nas suas conferências na Universidade de Viena, ele destaca que:

[...]as perversões sexuais nos adultos constituem algo tangível e inequívoco. Como já o demonstra o nome pelo qual são universalmente conhecidas, elas são inquestionavelmente sexuais. Se descritas como indicações de degeneração, ou o que quer que seja, ninguém ainda teve a coragem de classificá-las como algo que não sejam fenômenos da vida sexual. Apenas em virtude delas justifica-se afirmarmos que sexualidade e reprodução não coincidem, pois é óbvio que todas as perversões negam o objetivo da reprodução (FREUD, 1916-17/1974, p.375).

No inverno dos anos 1916-17 Freud apresentou, na universidade de Viena três séries de palestras introdutórias na intenção de familiarizar um público de médicos e leigos com os fundamentos da psicanálise. No prefácio da segunda metade das conferências publicadas alguns anos depois, Freud declara que essas primeiras conferências foram improvisadas. O autor acrescenta que naquela época ainda possuía o dom da memória fonográfica, o que o permitiu proferi-las de improviso e depois escrevê-las. As *Conferências introdutórias* podem ser consideradas um verdadeiro inventário das conceituações freudianas. Os comentários encontrados nas conferências XX, “A vida sexual dos seres humanos”, e XXI, “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”, constituem, na obra freudiana, os mais precisos sobre o tema das perversões. Nessas conferências de 1916-17, Freud é claro ao dizer que somente na tentativa de compreender as formas patológicas da sexualidade, ditas “pervertidas, e correlacioná-las com a suposição de uma vida sexual ‘normal’ é que poderemos entender o que seria essa sexualidade ‘normal’”. Acrescenta ainda que enquanto “pessoas declaram que o sexual e o genital (referente a reprodução) são idênticos” (FREUD, 1916-17/1974, p.376), não se pode evitar postular a existência de algo sexual não genital,

evidenciado pela existência das perversões sexuais que se torna um argumento decisivo nessa questão. E Freud (1916-17/1974) acrescenta a seu pensamento a seguinte observação sobre as perversões: “Por mais infames que possam ser, por mais nítido que se faça o contraste com a atividade sexual normal, uma reflexão tranquila mostrará que um ou outro traço de perversão raramente está ausente da vida sexual das pessoas normais” (p. 376).

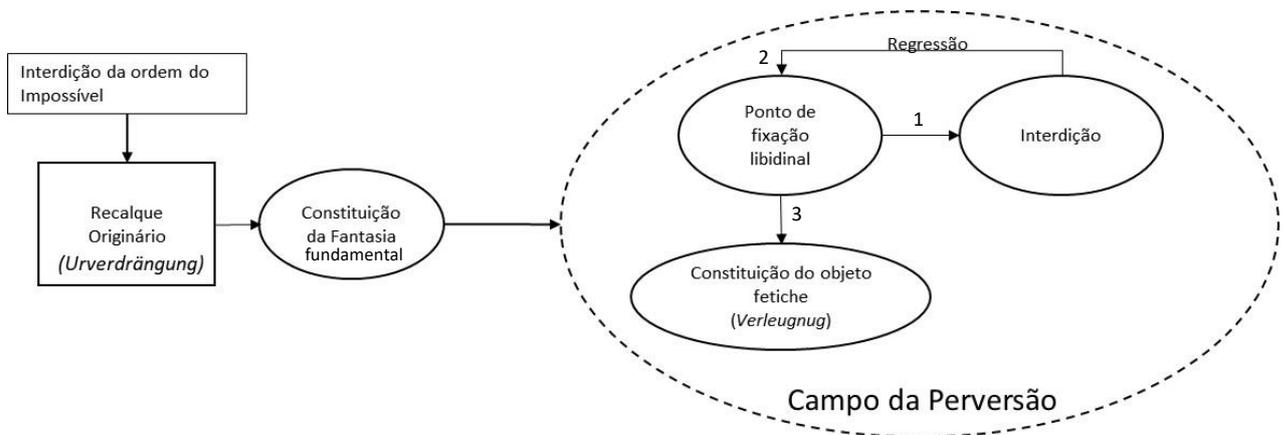
Na conferência XXIII, “Os caminhos da formação dos sintomas”(1917), Freud expõe sua ideia de que um dos componentes do conflito psíquico é a libido insatisfeita que, repelida pelo Eu, vai procurar outras vias para se satisfazer. Se a libido insatisfeita não consegue assumir outro objeto no lugar daquele que lhe foi recusado, ela é compelida a tomar o caminho da regressão para uma das fases da organização libidinal que havia deixado para trás ou para um dos objetos que havia anteriormente abandonado. “A libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação que deixou atrás de si nesses pontos do seu desenvolvimento” (FREUD, 1916-17/1974, p.420). Na exposição desse pensamento, Freud é preciso ao salientar que o caminho que leva à perversão se destaca nitidamente daquele que leva a neurose. Em relação ao mecanismo de regressão, Freud acrescenta uma distinção importante entre perversão e neurose, argumentando que quando as regressões não suscitam objeção por parte do Eu, a neurose não se constitui e a libido chega a uma satisfação, “embora não mais uma satisfação real” (FREUD, 1916-17/1974, p.420). No entanto, Freud refere essa satisfação obtida dessa forma à perversão, pelo fato da moção pulsional em jogo não sofrer a incidência de uma interdição, ou seja, o recalque propriamente dito não operou aqui. Contrariamente, se uma regressão não é aceita pelo Eu, o conflito permanece, mas, a libido continua a procurar um meio de satisfação, de acordo com as exigências do princípio de prazer. A libido, então, entra num caminho regressivo em direção a fixações que se formaram por meio do processo do recalque, na trajetória de sua organização. Essas fixações, que se estabeleceram no passado, ocorreram, pois o Eu teve que se proteger de certas moções pulsionais. A libido, portanto, ao se retirar do Eu, transfere seu investimento para ideias inconscientes, investindo em ideias recalçadas, sujeitas aos processos de condensação e deslocamento.

Antes disso, já nos *Três ensaios*, em 1905, Freud desenvolve a distinção entre neurose e perversão, afirmando que os sintomas neuróticos dão expressão a moções pulsionais que seriam descritas como pervertidas no mais amplo sentido da palavra. Isso leva o autor a

concluir que os sintomas se formam à custa da sexualidade patológica e dessa forma, “as neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”(FREUD, 1905/1974, p.168).

Em 1927, em seu artigo “Fetichismo”, Freud constrói uma teoria segundo a qual o que estaria em jogo na perversão seria um tipo de negação da castração que se diferencia da neurose e da psicose, a *Verleugnung*, a recusa ou renegação, em que o fetiche “permanece como o signo do triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela”(FREUD, 1927/2016, p.318). Ele apresenta esse argumento como um fator determinante na perversão. Fazendo a distinção entre os processos de negação da castração que ocorrem na neurose e na perversão, o psicanalista faz uma suposição de grande importância no que diz respeito à perversão. Enquanto na neurose o que é recalçado é a representação - pois o recalque não incide sobre o afeto, este se desliga da representação e se transforma em angústia -, na perversão não é esse o funcionamento. Na perversão, além da representação ser negada, Freud cogita a possibilidade de que a negação incida também sobre o afeto, encontrando na *Verleugnung* o termo mais adequado para esse processo.

Figura 11– Esquema do campo da perversão



Fonte: A autora, 2024.

Quando Freud propõe o mecanismo da *Verleugnung* para o fetichismo, ele estava no meio de uma discussão acalorada com René Laforgue, um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris, responsável pela formação de um bom número de psicanalistas franceses, entre eles Françoise Dolto. Laforgue foi um notável clínico da esquizofrenia e trabalhou na Escola de Zurique. Defendia o uso do termo escotomização (BOURGUIGNON, 1991), como mecanismo de anulação completa de uma percepção intolerável ao Eu. Freud

reage com vigor contra o emprego desse termo, pois a ideia de que a exemplo do fetichismo a percepção foi inteiramente apagada é uma ideia equivocada. Segundo Freud, a percepção permanece e o que ocorre é o empreendimento de uma ação muito enérgica para sustentar a sua recusa da realidade [*ihre Verleugnung*]. E ele conclui dizendo que a introdução de um termo novo só é justificável se descrever e destacar um novo estado de coisas, concluindo que não é o caso do termo proposto por Laforgue.

A mais antiga peça de nossa terminologia psicanalítica, a palavra recalçamento [*Verdrängung*], já se refere a esse processo patológico (*que implica a negação da castração*) [grifo nosso]. Se nele quisermos separar mais nitidamente o destino da representação [*Vorstellung*] do destino do afeto e reservar a expressão recalçamento para o afeto, então a palavra alemã correta para o destino da representação seria renegação [*Verleugnung*] da realidade (FREUD, 1927/2016, p. 317).

Freud já apresentava uma concepção sobre o fetichismo desde 1905, quando teoriza que o objeto fetiche se constitui no momento em que o objeto sexual “normal” é substituído por outro que conserva alguma relação com ele, mas é inteiramente inadequado para servir ao objetivo sexual “normal”. O que se coloca no lugar do objeto sexual é alguma parte do corpo que é em geral muito inapropriada para finalidades sexuais ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e de preferência com a sexualidade dessa pessoa. No entanto, Freud adverte que certo grau de fetichismo está habitualmente presente no amor normal, especialmente nos estágios em que o objetivo sexual “normal” parece inatingível ou sua consumação impedida. O psicanalista considera que a situação só se torna patológica quando o desejo pelo fetiche ultrapassa a condição necessária ligada ao objeto sexual (condição fetichista de toda escolha de objeto) e efetivamente toma o lugar do objetivo “normal”, e mais, quando o fetiche se desliga de um determinado sujeito e se transforma no único objeto sexual.

Segundo Roudinesco, em seu “Dicionário de psicanálise” (1997), a primeira descrição do fetichismo aparece como fenômeno religioso e é atribuída ao magistrado francês Charles De Brosses (1709-1977), iluminista que era adepto à ideia de que os estudos dos povos primitivos permitiriam a compreensão da origem e da evolução da humanidade. Já Binet (1888), foi o primeiro a sustentar que a escolha de um fetiche é um efeito secundário de alguma impressão sexual recebida, via de regra, na primeira infância. Porém, a pesquisa psicanalítica mais profunda fez uma crítica à afirmação de Binet, concluindo que por trás da primeira lembrança do aparecimento do fetiche há uma fase submersa e esquecida na

organização sexual infantil mais primitiva. Segundo Freud, “o fetiche se constituiria como uma lembrança encobridora que representa esta fase, seria um remanescente e um precipitado dela” (FREUD, 1905/1974, p.156). Em 1927, no artigo “Fetichismo”, Freud reafirma essa ideia, sinalizando que a constituição do fetiche tem um funcionamento psíquico de bloqueio como o que acontece à memória na amnésia traumática, assim também como na estrutura das lembranças encobridoras.

Na instauração do fetiche, parece muito mais que foi interrompido [*eingehalten*] um processo que lembra o bloqueio da memória na amnésia traumática. Também nesse caso o interesse fica como que na metade do caminho: é como se fosse retida como fetiche a última impressão antes da estranha, da traumática (FREUD, 1927/2016, p. 319).

Na análise da perversão em seu seminário 4, *A relação de objeto*, Lacan ressalta que quando Freud formula que a perversão é o negativo da neurose, não quer dizer que o que está oculto no inconsciente no caso da neurose esteja a céu aberto na perversão. Para entendermos o que Freud quer dizer com essa afirmação, Lacan propõe o estudo do texto freudiano, *Bate-se numa criança* (1919). Na análise desse texto, no qual Freud fez o estudo de seis casos, todos de neurose obsessiva, é verificado que a declaração dos pacientes quando abordam o tema de suas fantasias é que essas fantasias são, grosso modo, sadomasoquistas. A fantasia perversa, segundo Lacan, teria como propriedade uma redução simbólica, que elimina progressivamente toda a estrutura subjetiva da situação para deixar subsistir apenas um resíduo inteiramente dessubjetivado. O autor acrescenta ainda que no nível da fantasia perversa, tudo o que é significação está perdido, tudo o que é da ordem da relação intersubjetiva (JORGE, 2010). E prossegue ressaltando que o que se pode chamar de significantes em estado puro se mantém sem a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito, como se houvesse aí uma objetificação dos significantes da cena. Assim, como na fantasia perversa, na perversão essa redução simbólica dá prevalência à dimensão imaginária, pois, “trata-se da imagem na medida em que ela permanece a testemunha privilegiada de algo que no inconsciente deve ser articulado e repostado em jogo na dialética da transferência” (LACAN, 1956-57/1995, p.121).

No livro *La Sublimation, leçons psychanalytiques*, Paul-Laurent Assoun ressalta que o perverso- não como “tipo” ou “personalidade”, mas como estrutura - trabalha para a cultura, assinalando que poderíamos falar de uma pseudo-sublimação a propósito do perverso. O autor enfatiza que o sujeito perverso sustenta sua negação da castração, sua *Verleugnung*

,produzindo objetos destinados a demonstrar que “isso pode”, oferecendo-os a seus contemporâneos, a uma comercialização ativa, ou seja, aquilo que aparenta ser a criação de um objeto que faz laço, na verdade é objeto de um gozo exclusivo do sujeito, um objeto que se constitui como negação da impossibilidade de um gozo absoluto.

Em seu seminário sobre a ética, de 1960, Lacan vai assinalar que tanto a sublimação quanto a perversão constituem-se a partir de uma relação específica do desejo com a moralidade vigente, onde o sujeito não hesita diante de *das Ding*. Porém, no processo sublimatório o objeto ao ser elevado ao estatuto de *das Ding*, apresenta a condição da impossibilidade de constituir-se como totalizante, enquanto na perversão, o que está em jogo é a constituição de um objeto que se fixa a um modo exclusivo de gozo que tem a função de renegar o vazio da Coisa. Desse modo, supomos que o objeto fetiche, se constitui a partir de um ponto de fixação libidinal que opera como um mecanismo de renegação, *Verleugnung*, do que foi interdito com a incidência do recalque originário, ou seja a impossibilidade de um gozo pleno.

Dessa forma, para pensarmos a sublimação na perversão, seguindo os argumentos sobre esse destino pulsional estabelecidos tanto por Freud quanto por Lacan, concluímos que para que isso se dê, um processo de deslibidinização do objeto fetiche deve ocorrer. Dito de outro modo, a sublimação de determinada moção pulsional, que foi antes interdita e que por um processo de regressão o afeto ligado a essa moção foi colmatado a um determinado objeto, só ocorrerá se a libido aderida a esse objeto fetiche se liberar para poder tomar outro destino, um processo que só se torna possível a partir da entronização da castração, antes renegada.

4.4 Sublimação e psicose

Podemos dizer que o psicótico sublima? Para adentrarmos nesse campo, primeiramente iremos ao pensamento freudiano sobre a psicose. Segundo Elisabeth Roudinesco, o termo psicose foi introduzido pelo psiquiatra austríaco Ernest von Feuchtersleben em 1845, para substituir o termo loucura e definir, numa visão psiquiátrica, os que eram considerados doentes mentais, dentro de uma concepção de alienação e perda da razão. Sabemos que a teoria psicanalítica criada por Freud se construiu a partir de sua clínica

no campo da neurose, contudo, o psicanalista não ignorava a esquizofrenia, inclusive, o estudo desse conceito pela psiquiatria mais eminente lhe era contemporâneo. Mas, apesar de reconhecer e admirar os trabalhos da escola de Zurique sobre esse quadro clínico, Freud se manteve afastado, se interessando em primeiro lugar e essencialmente pela paranoia, no que diz respeito ao campo da psicose. O caso mais importante sobre paranoia na obra freudiana é o caso Schreber (1911). No entanto, Freud já abordara o problema dos fenômenos psicóticos na paranoia numa fase muito prematura de suas pesquisas em psicopatologia. Alguns meses antes da publicação dos *Estudos sobre histeria*, em 1895, numa carta a Fliess (Rascunho H), Freud faz um longo memorando sobre o assunto a partir do estudo teórico de um breve caso clínico onde destacava que a paranoia seria uma neurose de defesa e que teria como seu principal mecanismo a projeção. Portanto, quando Freud se deparou com Schreber já vinha pensando sobre a paranoia: “A representação *delirante* situa-se, na Psiquiatria, ao lado da representação *obsessiva*, como um distúrbio puramente intelectual, e a paranoia, ao lado da loucura obsessiva, como psicose intelectual” (BREUER; FREUD, 1895/2016, p.15). Aqui a ideia de Freud sobre a paranoia ainda consistia em pensá-la como uma defesa à uma representação intolerável ao Eu, projetando seu conteúdo no mundo externo.

Foi durante os estudos sobre Leonardo, na primavera de 1910, que Freud começou o estudo do caso do jurista Daniel Paul Schreber. Peter Gay destaca em seu livro *Freud, uma vida para nosso tempo*, que “o artigo de Freud sobre Schreber compõe um par complementar ao de ‘Leonardo’”(GAY, 1988, p.260). Tanto Leonardo quanto Schreber não foram pacientes de Freud; para Leonardo a análise foi feita a partir de biografias, anotações e de suas produções, para Schreber a partir de um livro de memórias autobiográficas, *Memórias de um doente dos nervos*, publicado em 1903. “Em suas *Memórias*, Schreber elaborou uma ambiciosa teoria do universo, completada por uma intrincada teologia, e atribuiu a si próprio uma missão messiânica que exigia uma mudança de sexo. Deus em pessoa, ao que parecia, o inspirara em sua obra”(GAY, 1988, p. 263).

A análise de Schreber feita por Freud não se restringe somente a introduzir mais esclarecimentos sobre a paranoia, mas é considerada como precursora dos artigos metapsicológicos, escritos quatro anos mais tarde, como a descrição do mecanismo do recalque e o exame das pulsões. Da mesma forma, as observações sobre o narcisismo já aparecem em 1911, antecedendo o estudo sobre esse tema, explorado mais profundamente no ensaio de 1914.

Ao abordar a construção delirante de Schreber sobre o “fim do mundo”, Freud (1911/2022), destaca um fenômeno central nessa construção que diz respeito ao que Schreber chamou de ‘assassinato da alma’. Segundo ele, o fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interna: “seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor”, escreve Freud. Ainda sob a égide do primeiro dualismo pulsional, onde o conflito se dava entre pulsões sexuais ou libidinais e pulsões do Eu, Freud observa que no fenômeno da paranoia há uma retirada não apenas dos investimentos libidinais objetais, mas também dos investimentos procedentes do Eu, e que, diante disso, o paranoico constrói o mundo de novo “não mais esplêndido, é certo, mas ao menos de forma a nele poder viver”. Desse modo, Freud conclui: “O que consideramos produto da doença, a formação do delírio, é na realidade tentativa de cura, reconstrução” (FREUD, 1911/2022, p.614).

Como já dissemos anteriormente, no ano de 1924 Freud escreve dois artigos fundamentais no que diz respeito à questão da diferença entre neurose e psicose. Trata-se da primeira ocorrência do termo psicose em um título de seus escritos. Esses dois artigos foram produzidos no ano seguinte à publicação de *O eu e o isso*, apresentando, portanto, as duas principais entidades nosográficas psicanalíticas – neurose e psicose –, a partir da nova tópica, onde Freud concebe o aparelho psíquico formado por três instâncias específicas: o Isso, o Eu e o Supereu. No primeiro artigo, *Neurose e psicose*, logo no início do texto Freud ressalta que: “a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e o Isso, ao passo que a psicose é o resultado análogo de uma perturbação semelhante nas relações entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 1924/2016, p.271). Argumenta que, sobre a gênese das formações delirantes, os delírios se apresentam como “um remendo colocado onde originalmente havia surgido uma fissura na relação do Eu com o mundo exterior”(FREUD, 1924/2016, p. 273). Mas adverte que as manifestações de uma tentativa de cura ou de reconstrução, através das formações delirantes que ocorrem na psicose, fazem com que, muitas vezes, não reconheçamos a condição conflitante presente nesse quadro clínico.

Já no segundo artigo, “A perda da realidade na neurose e na psicose”(1924), Freud prossegue o debate iniciado no artigo anterior, ampliando e corrigindo alguns aspectos abordados. O autor conclui que, apesar da perda da realidade ocorrer tanto na neurose quanto na psicose, o que será diverso serão os mecanismos adjacentes, assim também como os resultados dos precipitados psíquicos; ou seja, para essa perda da realidade Freud atribui a formação da fantasia na neurose e na psicose a formação do delírio. Desse modo, Freud

ressalta que “a neurose não recusa [*verleugnet*]¹⁴ a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela; a psicose a recusa e procura substituí-la” (FREUD, 1924/2016, p.282). Seguindo esse pensamento, Freud esclarece que a neurose se contenta em evitar parte da realidade protegendo-se do encontro com ela, ressaltando que a diferença principal entre neurose e psicose é que na primeira a realidade indesejada é franqueada pela existência de um mundo de fantasia, de onde a neurose retira o material para as suas novas formações de desejo, enquanto o novo mundo que se constitui a partir da formação delirante na psicose quer se alojar no lugar da realidade externa. Como ressaltava Lacan a respeito desse artigo freudiano: “o problema não é a perda da realidade, mas o expediente daquilo que vem substituí-la” (LACAN, 1957-58/1999, p.549).

Sendo neurologista, Freud começou sua clínica pela neurose, que o levou a criação da psicanálise, por sua vez, Jacques Lacan sendo psiquiatra chega à psicanálise através da psicose. O caso Aimée, narrado por Lacan em sua tese de medicina em 1932, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, foi diagnosticado pelo autor como um caso de erotomania e paranoia de autopunição. Marguerite Anzieu, a verdadeira identidade de Aimée revelada por Elisabeth Roudinesco em 1986, foi internada no Hospital Sainte-Anne após o episódio de uma tentativa de assassinato. Com uma faca, Marguerite agride a atriz Huguette Duflos, que conseguiu se esquivar do golpe. Em Sainte-Anne, Marguerite ficou aos cuidados de Jacques Lacan. Em 1932, a abordagem de Lacan desse caso ainda era predominantemente psiquiátrica; o sujeito, para ele, “não era senão a soma das representações conscientes e inconscientes empregadas dialeticamente numa relação com outrem, e com a sociedade: um sujeito, no sentido da fenomenologia psiquiátrica” (ROUDINESCO, 1993, p.61). Mas foi ao abordar o caso Aimée que Lacan passou do domínio da psiquiatria para a psicanálise, a partir do momento que é em Freud que passa a encontrar os conceitos clínicos que buscava.

Foi no ano de 1958 que Lacan escreveu seu artigo “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, que posteriormente foi incluído nos seus *Escritos*. Esse artigo, o próprio Lacan assinala, contém o mais importante do que foi apresentado dois anos antes, em seu seminário de 1955-56, *As psicoses*. Nesse seminário, retomando principalmente os estudos de Freud sobre o caso Schreber, Lacan apresentará os problemas da psicose,

¹⁴Freud, nesse trecho, usa o termo *Verleugnet*, recusa, termo este que, posteriormente, quando Lacan estabelecer os diferentes tipos de negação à castração que ocorrem em cada estrutura - neurose, psicose e perversão - atribuirá o mecanismo da *Verleugnung* à estrutura perversa.

notadamente na relação do sujeito com o simbólico e com o Outro. Mas antes de entrar na análise do caso Schreber, Lacan inicia o seminário tomando como primeiro exemplo de alucinação visual o caso do Homem dos lobos, um caso controverso quanto a seu diagnóstico. Trata-se de uma recordação da infância que o paciente relata a Freud. Nesse episódio, Sergei Pankejeff por volta dos cinco anos de idade brincava no jardim com seu canivete e acreditou ter cortado o dedo mínimo de tal forma que este só ficou preso à mão por um pedacinho de pele; mas ao se dirigir à babá, chorando, percebe que na verdade nada havia ocorrido. Lacan explica esse episódio com sua famosa fórmula: O que é suprimido do simbólico (a saber, a castração) volta a surgir no real. Apesar de Lacan iniciar seu seminário trazendo o caso do Homem dos lobos, o seminário sobre as psicoses consistirá, em sua maior parte, em comentários acerca das *Memórias* do presidente Schreber.

Segundo Lacan, diferentemente do que ocorre na neurose, pois na psicose o não-simbolizado reaparece no real, não é o mecanismo da *Verneinung*, da denegação do significante que diz respeito à inscrição da Lei, que entra em jogo, mas sim a *Verwerfung*, a forclusão desse significante, a forclusão do significante Nome-do-Pai. Na psicose não há, como na neurose, um pacto do sujeito com o Outro, dessa forma, não há uma mediação simbólica.

Na loucura, seja qual for sua natureza, convém reconhecemos, de um lado, a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja, aquilo que chamamos obstáculo à transferência, e, de outro lado, a formação singular de um delírio que – fabulatório, fantasístico ou cosmológico; interpretativo, reivindicatório ou idealista – objetiva o sujeito numa linguagem sem dialética(LACAN, 1966/1998, p.281).

E quando essa mediação simbólica falha haverá uma substituição por outra forma de mediação, como enfatiza Lacan, uma mediação que vai se caracterizar por uma proliferação imaginária irreduzível a ambiguidades ou dúvidas, se introduzindo aí como a única mediação possível. Dessa forma, Lacan faz uma distinção entre fala e linguagem:

A ausência da fala manifesta-se nela pelas estereotipias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas, que, ao lado das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos (LACAN, 1966/1998, p. 281).

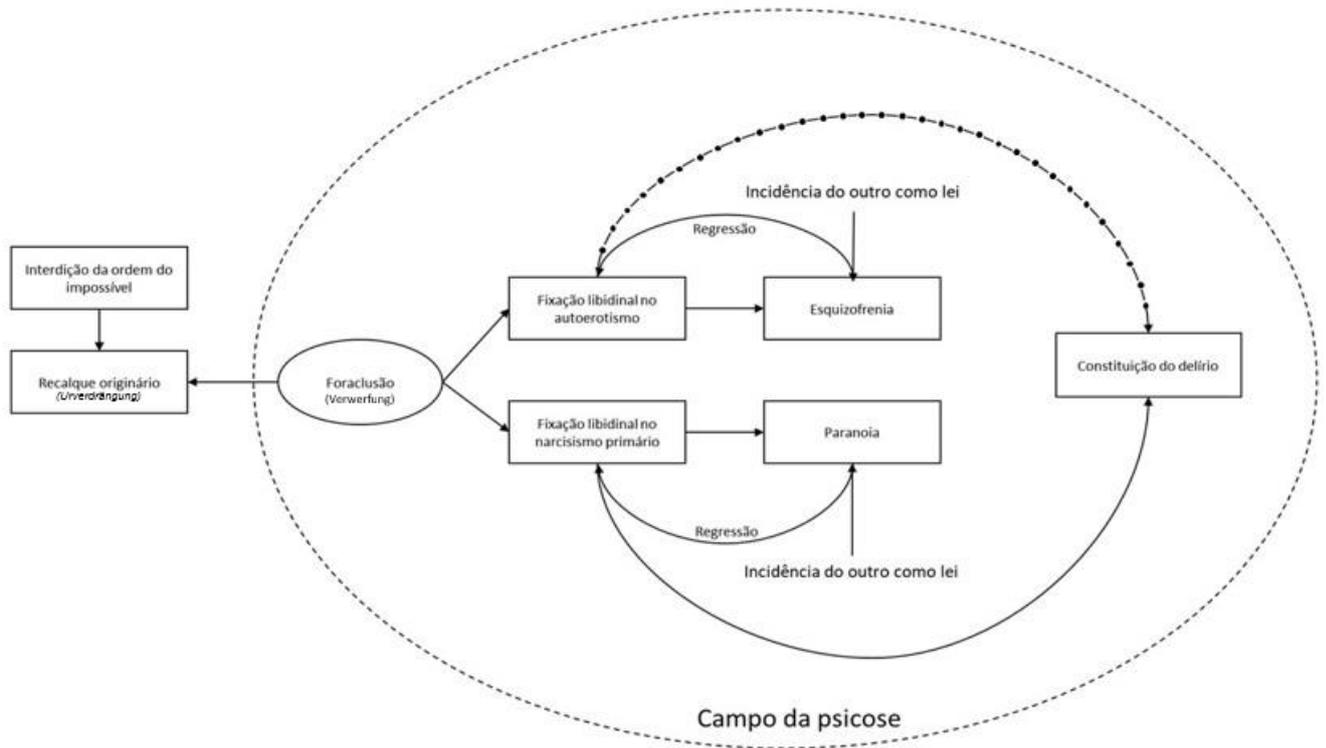
Destarte, se compreendemos a sublimação como um destino de uma moção pulsional que sofre a interdição de um recalque originário, ou seja, do registro da impossibilidade de um

gozo pleno, mas não sofre a incidência do recalque propriamente dito - e sabemos que a psicose é uma estrutura psíquica onde o recalque, em nenhum nível, opera - como situaríamos a sublimação na estrutura clínica da psicose?

Se alinhamos nosso pensamento até aqui com os argumentos de Freud e Lacan temos que a sublimação é um processo que difere do recalque por uma razão irrevogável: ao invés de evitar, de negar o vazio da Coisa, ao criar um novo objeto permite que esse vazio emerja. Dessa forma, nesse processo a sublimação está referida ao registro do impossível enquanto o recalque ao registro do proibido (JORGE, 2000, p. 150). Para sustentarmos essa ideia, retomemos o que já exploramos anteriormente sobre a correlação entre sublimação e recalque, e a correlação com as categorias do impossível e do proibido. Dizer que a sublimação está no registro do impossível, significa dizer que a capacidade sublimatória do sujeito viabiliza, diante do impossível, a criar uma nova maneira de satisfação que inclui essa impossibilidade referente à falta-a-ser. Ao criar, concomitante ao objeto criado, advém o vazio da Coisa. A sublimação inclui este advento da Coisa. Mas para pensarmos aquele que se depara com o impossível e cria a partir disso, supomos que a dimensão do impossível se inscreva a partir de uma interdição primeva que se refere ao que Freud chamou de recalque originário. Conceito sustentado pelo criador da psicanálise desde seu artigo metapsicológico de 1915 e enfatizado no importante artigo de 1925, “A denegação”. É com isso que o sujeito esbarra na repetição em sua dimensão de *tiquê*, como descrevemos anteriormente, com a impossibilidade daquilo que não pode ser dito, que ficou de fora, que é da ordem de uma *Verwerfung* estrutural, originária, é o não primordial que diz respeito ao Real impossível, que não cessa de não se escrever.

Diferentemente da psicose, tanto na neurose quanto na perversão há a inscrição da Lei, traduzida por Lacan como a inscrição do significante Nome-do-Pai, que em francês é homofônico ao Não-do-Pai, *Nom-du-Père* e *Non-du-Père*.

Figura 12 – Esquema do campo da psicose.



Fonte: A autora.

O significante Nome-do-Pai é o significante que faz emergir o desejo. Na psicose, o que está em jogo, segundo Lacan, é a *Verwerfung* do Nome-do-pai, a *Verwerfung* desse significante que se inscreve como o binômio Lei/desejo. É esse significante, Nome-do-Pai, que fica foracluído, deixando esse sujeito à deriva. Na psicose o sujeito apesar de estar na linguagem, não é sujeito do discurso, ou seja, não comparece como sujeito operante no registro simbólico. Dessa forma, a criação na neurose e perversão e na psicose se dá por vias diferentes. Se na neurose, assim como na perversão a criação é resultado de um processo sublimatório, na psicose a criação está circunscrita ao campo do delírio. Como assinala Assoun (2017), a inventividade psicótica nos campos intelectual, artístico ou mesmo religioso, aparecem como uma conduta de reparação do mundo pelo mundo do delírio, de um modo soberano. Essa conclusão de Assoun está em consonância com o que Lacan enfatiza a respeito de Schreber, que se ele é com toda certeza um escritor, ele não é um poeta, por não nos introduzir numa dimensão nova da experiência:

Há poesia toda vez que um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, e, ao nos dar a presença de um ser, de uma certa relação fundamental faz com que ela se torne também nossa. A poesia faz com que não possamos duvidar da autenticidade da experiência de San Juan de La Cruz, nem na de Proust, ou da de Gérard de

Nerval. A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo(LACAN, 1955-56/1985, p. 94).

Lacan arremata essa reflexão afirmando que não há absolutamente nada disso nas *Memórias* de Schreber, ou seja, não há a assunção de uma nova ordem simbólica com o mundo. Em seu seminário sobre as psicoses, afirma que nesse caso não é de realidade que se trata, de uma realidade psíquica dialetizável, mas sim de certeza. É uma certeza radical, algo que se constitui significando alguma coisa de inabalável para o psicótico. A partir disso ele conclui: “Eis o que constitui o que se chama com razão, ou sem, o fenômeno elementar, ou ainda, o fenômeno mais desenvolvido, a crença delirante” (LACAN, 1955-56/1985, p.91). Desse modo, Lacan estabelece a relação da criação, a que ocorre a partir da capacidade sublimatória, e a criação a partir de uma construção delirante. O psicanalista é muito claro ao destacar que na primeira assume-se uma nova ordem simbólica com o mundo, o que não ocorre na paranóia em que não há uma introdução de uma nova experiência que tenha efeito de inscrição simbólica no Outro.

A poesia faz com que não possamos duvidar da autenticidade da experiência de San Juan de la Cruz, nem da de Proust ou da de Gérard de Nerval. A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo. Não há absolutamente nada disso nas *Memórias* de Schreber (LACAN, 1955-56/1985, p. 91).

Desse modo, a partir dos argumentos aqui apresentados, sustentamos a ideia de que a criação na psicose se dá por um processo distinto do que ocorre na neurose e na perversão, ou seja, enquanto na neurose e na perversão - em que a fantasia é o núcleo psíquico na construção de uma realidade - é a partir do processo de desrecalcamento e pela entronização da castração, que pontos de fixação na organização libidinal são dessexualizados abrindo caminho para o processo sublimatório, levando à criação de uma nova ordem simbólica com o mundo. Já na psicose a criação se produz pela construção delirante. Pois o delírio é a forma encontrada pela estrutura da psicose que funciona como estabilizante subjetivo e se torna hegemônico na criação psicótica.

4.5 Do Amor-sublime-amor ao amor-sublimação: quando o amor permite ao gozo condescender ao desejo

Reservar um subcapítulo referente ao amor no capítulo em que tratamos da clínica em psicanálise é fundamental, tendo em vista que Freud sempre esteve atento a isso, publicando em 1915 seu artigo *Observações sobre o amor transferencial*. Artigo este que ele considerava como sendo o melhor e mais útil da série de artigos técnicos. Dessa forma, o amor, como Freud e Lacan abordam na clínica psicanalítica, fez-se necessário ser desenvolvido nesse capítulo.

O título deste subcapítulo faz alusão à versão que foi dada, no Brasil, ao nome do filme estadunidense, de 1961, *West Side Story - Amor, Sublime Amor*. Dirigido por Robert Wise, obteve 10 Oscars e ganhou uma segunda versão em 2021, pelas mãos do diretor Steven Spielberg. O filme, um musical, nada mais é do que uma adaptação da história de Shakespeare, Romeu e Julieta. A história é passada nas ruas de Nova York onde gangs italiana e porto-riquenha, dos Jets e Sharks, respectivamente, se rivalizam e entram em confronto constante pela posse de território. As personagens centrais da trama, os jovens Tony, pertencente ao grupo dos Jets e Maria dos Sharks se apaixonam perdidamente, um amor que se torna impossível e que os leva, tal qual em Romeu e Julieta, a um destino trágico.

Essa dimensão trágica e idealizada do amor-paixão como encontramos no filme de Robert Wise, que por sua vez se inspirou, como já assinalamos, na história shakespeariana *Romeu e Julieta*, é representada numa infinidade de outras histórias, lendas e mitos na literatura, no cinema, na ópera, e em muitas mais manifestações artísticas humanas, como a história lendária de *Tristão e Isolda* que traz, também, o amor impossível elevado ao estatuto de sublime através da morte, encenada na bela e melancólica ária *Liebestod*, de Richard Wagner.

O tema do amor é recorrente na experiência freudiana. Se nos voltarmos para a teoria pulsional, como já mencionamos uma das mais vigorosas no pensamento psicanalítico, vemos Freud, ao referir-se à força da pulsão, que em seu primeiro dualismo se polariza entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou pulsões do eu, fazer alusão às palavras do poeta e filósofo, Schiller: A fome e o amor são o que move o mundo (SCHILLER apud FREUD, 1926/1977, p. 228). Assim também, em seu artigo metapsicológico, de 1915, “Pulsões e suas

vicissitudes”, ao descrever o destino pulsional onde uma pulsão se transforma em seu oposto, observa que isso acontece somente na reversão do amor em ódio: “A transformação de uma pulsão em seu oposto (material) é observada apenas em um caso: na conversão do amor em ódio”. (FREUD,1915/2013, p.49). Ele ressalta que com especial frequência, o amor e o ódio, simultaneamente, aparecem dirigidos para o mesmo objeto, assinalando que essa coexistência oferece o exemplo mais significativo de uma ambivalência de sensações.

Ainda sob o primado do primeiro dualismo, onde o conflito estabelecido no interior da esfera pulsional era entre pulsões sexuais e pulsões do Eu ou de autoconservação, nesse mesmo artigo, de 1915, Freud faz uma ressalva importante, a de que o amor e o ódio, na realidade, não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, mas estão reservadas a relação do Eu com os objetos, sendo que o que subjaz a esse par antitético são forças pulsionais. Freud sublinha que apesar do amor e do ódio se apresentarem como par de opostos, eles não surgiram da cisão de algo originalmente comum, mas há uma diferença na gênese de cada um. Freud enfatiza que o ódio, como relação com um objeto, é mais antigo que o amor, tem sua origem no repúdio primordial do Eu-prazer(*Lustich*) diante dos estímulos do mundo externo, como uma reação de desprazer; já o amor advém da capacidade do Eu de se satisfazer auto eroticamente a partir da obtenção do prazer provindo de moções pulsionais. O amor é essencialmente narcísico e, quando direcionado aos objetos, tidos como fonte de prazer, o Eu os incorpora. E, segundo o autor, a partir do momento em que o Eu incorpora esses objetos, ele se amplia. Freud assinala que na fase pré-genital, onde a atividade do Eu é binária, ou seja, de expulsão e incorporação dos objetos, o ódio e o amor ainda não se diferenciam, somente quando estabelecida a organização genital o amor se torna o oposto do ódio.

Nos *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud ressalta que “muito antes da puberdade, já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar”(FREUD, 1905/1996, p. 125). E ainda, em suas observações clínicas, vemos Freud assinalar de que forma o fenômeno do amor ocorre em certos casos de neurose, ressaltando essa relação em dois ensaios de 1910 e 1912 - *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* e *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*. Em uma passagem do texto de 1912, Freud afirma que quando um objeto original de um impulso de desejo se perde em consequência do recalque, ele se representa, com frequência, por uma sucessão infundável de objetos substitutos que não proporcionam satisfação completa, concluindo que: “Isto pode

explicar a inconstância na escolha de objetos, o ‘anseio pela estimulação’ que tão amiúde caracterizam o amor nos adultos” (FREUD, 1912/1974,p.171).

É no ensaio “Sobre o narcisismo: uma introdução” que encontramos a afirmação de Freud de que todo amor é narcísico, mas deixando claro que a vida amorosa não é uma bem-aventurança, nem uma complementaridade. Por meio do amor-paixão, o sujeito tenta recuperar o estado de absoluta felicidade de que supostamente dispunha quando era “Sua Majestade, o Bebê”, quando era encarregado de suprir tudo o que faltava ao Outro. Esse texto, de 1914, é de suma importância na evolução do pensamento freudiano, sob vários aspectos. Além das reflexões feitas pelo autor ao ressaltar que o Eu é investido libidinalmente como qualquer objeto externo e diferenciar a libido do Eu e a libido objetal, terem abalado profundamente o que se pensava, até então, em relação ao conflito pulsional estabelecido no primeiro dualismo, também é fato que nesse estudo o narcisismo sai da esfera da perversão e assume um caráter estrutural na organização libidinal do sujeito. Ou seja, se inicialmente o narcisismo significava uma perversão, Freud ressalta que só devemos dimensioná-lo dessa forma se “ele absorve a totalidade da vida sexual do indivíduo” (FREUD, 1914/1974, p.89), pois através da observação clínica de neuróticos, segundo Freud, somos conduzidos à suposição de que o narcisismo comparece como complemento libidinal, sublinhando, ainda, que não só na neurose, mas podemos atribuir o narcisismo fator universal constituinte do psiquismo humano:

Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, 1914/2010,p. 33).

Seguindo nesse mesmo texto, voltamos à importante distinção que Freud faz entre dois processos, como já enfatizamos anteriormente: idealização e sublimação, em relação aos quadros neuróticos. Enquanto o ideal aumenta as exigências do Eu e constitui um poderoso aliado do recalque, posto que para o Eu a formação de um ideal é o fator condicionante do recalque, a sublimação encontra uma saída pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver o recalque. Freud destaca que um homem que tenha trocado seu narcisismo por um ideal elevado do Eu, nem por isso foi bem-sucedido em suas pulsões libidinais. E assinala que é “nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do Eu e a dose de sublimação de suas pulsões libidinais primitivas” (FREUD, 1914/1974, p.112).

Essa oposição está fundada sobre o suporte narcísico, isto é, o suporte libidinal da idealização, afastando desse modo, ao máximo, essa condição da sublimação. Mas essa diferença só se torna mais clara ao dissociarmos pulsão do objeto. O Eu-ideal é formado, destaca Freud, por um investimento narcísico no objeto: “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1974, p.108).

Silvestre(1979) destaca que o narcisismo é o fundamento corporal do amor. O ideal vai se constituir a partir do ideal de um corpo unificado e recalcado, onde o objeto do amor é um reflexo dele. O objeto do amor, segundo ele, encarna uma dupla atração que é apenas uma miragem redobrada: ele é o corpo que detém o que me faz desejar e, por consequência, é aquele em que eu suponho um saber sobre meu desejo sexual, saber cujo acesso me é radicalmente barrado. E quando trazemos a sublimação para essa reflexão, temos que esse é um processo pelo qual a *Drang* pulsional limita sua ação ao deslocamento do investimento e implica numa inibição do corpo como pólo de uma satisfação libidinal. Portanto, o ideal é um ponto fixo, inalcançável. A sublimação é um circuito, sempre a se refazer, mesmo se a satisfação pulsional, *Befriedigung*, é visada aí, pois essa última é, melhor dizendo, apenas o meio pelo qual o sujeito conta as voltas no circuito que ele percorre. A sublimação é uma via particular que encontra sua rota pela evitação de certos obstáculos, sendo a condição dessa evitação, sem dúvida, o prolongamento indefinido do trajeto.

Mas é sobretudo nos artigos freudianos sobre técnica que devemos destacar a evidência da importância do manejo do amor na relação transferencial, sendo fundamental no dispositivo analítico das neuroses de transferência. Como quando Freud aconselha aos principiantes sobre esse amor produzido em análise que pode gerar uma contratransferência:

Ele(o *analista*) deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve se atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal ‘conquista’, como seria chamado fora da análise. E é sempre bom lembrar-se disto. (FREUD, 1915/1974, p.210, grifo nosso).

Lacan vai mais além na visada do amor na clínica analítica e através da criação do sintagma amor-sublimação, destaca que esse amor não visa o objeto amado, mas, sim, o próprio amor. O amor-sublimação aparece no ensino de Lacan somente em 1962, na lição “Aforismos sobre o amor”, onde ele assinala que “no caminho que condescende a meu desejo o que o Outro quer é necessariamente minha angústia”(p.198), e a única maneira de superá-la

é pela via do amor onde só há desejo realizável implicando a castração. Dessa forma, o amor, nessa dimensão, se situa numa zona de extimidade (PORGE, 2019, p. 157), atrelado a uma lógica do não-todo.

Foi nesse seminário de 1962 sobre a angústia que Lacan estabeleceu a relação entre quatro termos fundamentais: angústia, amor, desejo e gozo, e criou um aforisma referido ao que ele chamou de amor-sublimação: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (p.197). Essa dimensão do amor, indicada por Lacan, se revela na experiência analítica.

Como já nos referimos anteriormente, Lacan vai destacar certo tipo de amor como paradigma da sublimação. É na teoria sobre o amor cortês que a Dama, esvaziada de todo traço imaginário, ou seja, de qualquer qualidade que a singularize, revela que o que está em jogo não é o objeto idealizado, o objeto como *Sachvorstellung*, mas sim, adverte Lacan, o vazio que emerge da falta de objeto, *das Ding*. Dessa forma, no amor cortês a ênfase não está no objeto, ao qual esse amor parece se dirigir, mas no próprio amor. Exatamente como a diferença que Freud faz, em 1914, entre idealização e sublimação, onde a idealização incide sobre o objeto, no engrandecimento do objeto, sendo um fator poderoso para o recalque, enquanto a sublimação incide sobre atendência, sobre a moção pulsional.

No ano seguinte ao seminário dedicado à ética da psicanálise, as aulas de Lacan se voltam para a transferência, 1960-61. Durante esse período, Lacan vai discorrer sobre o amor fazendo referência ao *Banquete*, de Platão, ressaltando que o problema do amor interessa aos psicanalistas na medida em que vai nos permitir compreender o que se passa na transferência. Ao se referir ao *Banquete*, Lacan afirma que a cena entre Alcibíades e Sócrates inaugura a primeira transferência de que se tem notícia e que o discurso de Aristófanes expõe a moderna visão sobre o amor. A versão sobre o amor, inaugurada por Aristófanes diz respeito a esse amor, que é sustentado pela ficção de que este é a via para alcançar a plenitude. O amor-paixão, que reinou soberano durante quase todo o século XIX e nas primeiras décadas do século XX, é considerado por Lacan o contrassenso romântico da sublimação do amor cortês (FERREIRA, 2004). No amor-paixão ou amor-idealização, como propomos, se está diante da fascinação do objeto, provocando no sujeito uma identificação imaginária, o que faz com que ele fique inteiramente siderado por essa imagem. Em 1930, ao referir-se a essa dimensão do amor, Freud declara que no auge desse sentimento, a fronteira entre o eu e o objeto ameaça desaparecer. Assinalando que contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache

apaixonado declara que “eu” e “tu” são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.

Retornando ao aforismo lacaniano, para que a condescendência do gozo ao desejo ocorra, é necessário que o primeiro - um gozo que não se sabe, senão a partir do momento em que foi perdido -, reapareça sob a forma de gozo-a-mais, ou seja, reapareça como o que resta de um gozo absoluto e impossível, que tem como representação simbólica a falta. Desejar, portanto, é oferecer essa falta à falta do Outro, é reconhecer a recíproca castração como condição para atravessá-la. Vale à pena citar a reflexão de Sócrates em o *Banquete*, em seu discurso a Agatão, em que o amor e a falta entram em cena: “... é da natureza do Amor que seja o Amor de algo ou de nada?...e de que ‘algo’ será o Amor?...Será o Amor daquilo que se ama? E aquilo que se ama, é o que se deseja ou não?... E é quando tem isso mesmo que deseja e ama que, ele então deseja e ama ou quando não tem?” (PLATÃO, 380 a.C./1986,p.147).

Constatamos que na experiência analítica o que entra em cena, na relação transferencial, é o amor. No amor de transferência se ama o Outro por supor-lhe um saber, um saber que o sujeito desconhece sobre seu desejo. Essa é a dimensão do sujeito-suposto-saber proposta por Lacan. No entanto, esse aspecto do amor transferencial está circunscrito, predominantemente, ao imaginário, onde a demanda é o seu tom. Além disso, o amor transferencial apresenta um outro papel, como nos indica Freud, o papel de resistência: “o papel desempenhado pela resistência no amor transferencial é inquestionável e muito considerável” (FREUD, 1914/1974, p.218). E diante disso, o caminho que o analista deve seguir, ressalta ele, não é pelo anseio que esse amor seja satisfeito, nem que esse amor seja suprimido, mas, sim pelo manejo da transferência que esse amor deve ser dosado, pois ele é uma condição para o tratamento.

Na experiência clínica analítica o que entra em jogo é a dicotomia entre amor e gozo. Sendo assim, podemos estabelecer uma diferença entre a clínica freudiana e a clínica lacaniana. Se Freud coloca seu limite no que é da ordem da pulsão, ou seja, do que há de um gozo impossível de ser satisfeito e que retorna como repetição, Lacan, indo mais além, traz esse impossível, que diz respeito ao Real, ao campo reflexivo central de sua clínica, sinalizando que ao fim de uma análise - ressaltando, novamente, que esse fim é no sentido da finalidade do processo analítico - diante da impossibilidade radical de significantização do Real, outra dimensão do amor entra em cena como sublimação do desejo, ou seja: quando o atravessamento da fantasia não leva o sujeito a uma angústia paralisante, mas a descoberta de

uma nova forma de amor em que o sujeito diante do gozo impossível, chega ao que é possível: condescender ao gozo para se colocar como amante e desejante.

Ao trazermos, a questão do amor para a dimensão clínica vemos que a experiência analítica, que consiste em confrontar o sujeito do sintoma com o impossível do gozo pleno, oferece a esse sujeito, diante dessa impossibilidade, acesso ao que é da ordem do desejo. Portanto, levar o sujeito a depurar sua dimensão desejante é a função que o amor exerce num percurso analítico. Daí o aforismo lacaniano “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1962-3/2004, p.197) se aplicar à clínica, sendo que o que está em jogo como fim de uma análise, como a finalidade da experiência analítica, é o surgimento do amor no qual predomina o simbólico sobre o imaginário e que Lacan nomeia com o sintagma: amor-sublimação: “o amor-sublimação permite o gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1962-63/2004, p.199).

No capítulo subsequente, que é o capítulo final de nossa pesquisa, abordaremos o conceito de gozo e sua relação com a sublimação, na intenção de depurarmos a que modo de gozo uma moção pulsional sublimada está referida.

5 SUBLIMAÇÃO E GOZO

Neste último capítulo, depois de já termos apresentado pontos cruciais na abordagem do conceito de sublimação, como a sua relação com o recalque e a sua incidência nas estruturas clínicas, vamos abordar agora que dimensão de gozo atribuímos a essa vicissitude pulsional. A que gozo, no pensamento lacaniano, a sublimação pode estar circunscrita? Quando uma moção pulsional escapa ao recalque e pode tomar o caminho da sublimação e da criação, que satisfação ela encontra na sua realização, mesmo que não-toda?

Como já mencionamos anteriormente, o termo gozo foi raramente utilizado por Freud, só se tornando um conceito na teoria lacaniana. Se nas primeiras décadas de seu ensino, Lacan tinha como ponto nodal de sua teoria o conceito de desejo articulado à sua teoria do significante, posteriormente é a noção de gozo que assume um lugar central em sua elaboração teórica. Portanto, o termo gozo só ganha um estatuto de conceito na teoria psicanalítica com Jacques Lacan.

Em Freud, como já assinalamos, são raros os momentos que o termo *Genuss*(gozo) aparece. O autor emprega o vocábulo apenas algumas vezes, como no livro *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em uma passagem sobre os “invertidos”, a propósito de não conseguirem extrair “nenhum gozo” pela aversão que sentem do sexo oposto, assim também, no capítulo VI de seu ensaio *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, quando Freud examina a ausência de gozo na repetição do chiste, pois a repetição suprime o caráter de surpresa do chiste. Mas mesmo que o vocábulo não seja expresso em muitos textos de Freud, podemos destacar, ainda, alguns momentos em que há a incidência dessa noção trazendo a ideia de êxtase ou de uma satisfação intensa. Como no caso do *Homem dos ratos*, quando Freud observa que seu paciente Ernst Lanzer, ao relatar com horror a tortura, expressa, ao mesmo tempo, em seu rosto, uma intensa satisfação. Também na observação do júbilo de seu netinho numa brincadeira, que consistia na repetição de duas atividades opostas, onde a criança atirava sob o cortinado de seu berço um carretel, exclamando *o-o-o* e depois o puxava para si, emitindo o som *daaaaa*. Freud associou os sons *o-o-o* a *fort* (desapareceu, sumiu) e *daaaaa* a *da* (chegou), constatando que, nessa brincadeira, a criança passava do lugar passivo para o ativo em relação à ausência e presença da mãe, não só nas atividades de lançar o carretel e puxar para si, mas sobretudo na emissão dos sons, correspondentes a significantes,

que indicam a emergência de um sujeito a operar no simbólico. Mas o que chamou atenção do psicanalista, em sua observação, foi que apesar do maior prazer nessa brincadeira estar, sem dúvida, atrelado aos segundo ato, a primeira atividade, a de jogar para longe e fazer o objeto sumir, predominava, ou seja a criança se detinha mais tempo nesse primeiro momento: “Essa era, então, a brincadeira completa, sumir e retornar, da qual, na maior parte do tempo, só nos era dado ver o primeiro ato, e este era por si só incansavelmente repetido como brincadeira” (FREUD, 1920/2020, p.77). Assim também, na análise feita por Freud do livro de memórias do presidente Schreber, onde o psicanalista destaca o gozo voluptuoso de Schreber ao constatar, diante do espelho, a transformação de seu corpo em um corpo feminino.

No entanto, para iniciarmos a abordagem da noção de gozo é importante fazermos uma distinção fundamental entre três termos: prazer, satisfação e gozo. Os dois primeiros atravessam todo o pensamento freudiano, já o terceiro raramente aparece em Freud, como esclarecemos acima, mas é predominante no pensamento lacaniano.

5.1 As dicotomias e as confluências entre prazer, satisfação e gozo

O prazer em Freud diz respeito, primeiramente, a uma dimensão econômica do aparelho psíquico. Prazer é a descarga de energia libidinal a partir de um aumento da tensão provocada por um estímulo. O aumento da tensão seria da ordem do desprazer e a descarga do prazer. Freud já nos adverte, ao se referir ao princípio de prazer, que o que é prazer numa instância psíquica pode representar desprazer em outra, ou seja, a manifestação da descarga psíquica de uma moção pulsional será prazerosa para um dos sistemas e desprazerosa para o outro por estar em jogo, nessa manifestação, uma representação associada ao conteúdo recalado. Essa perspectiva se torna mais clara a partir das reflexões de Freud com a introdução da dimensão da pulsão de morte.

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela as atividades de moções pulsionais recaladas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro (FREUD, 1920/2020, p. 91).

Mas, notadamente, o que está em jogo nessa dinâmica é a relação que se estabelece entre os dois princípios: princípio de prazer-desprazer e princípio de realidade. Essa relação entre esses dois princípios foi rearticulada ao longo de toda obra freudiana.

Em Freud, o princípio que opera no inconsciente é o princípio do prazer, enquanto o pré-consciente e o consciente são regidos pelo princípio de realidade, que se apresenta na ordem do discurso articulável. Os pensamentos são inconscientes na medida em que é o princípio de prazer que os domina, só chegando à consciência a partir do momento em que podem ser verbalizados sob a ação do princípio de realidade. Dessa forma, apesar de uma aparente oposição entre os dois princípios, eles têm uma correlação estreita. Sobre isso, Lacan ressalta que o princípio de realidade é o correlato dialético do princípio de prazer. “Um não é apenas, como se acredita inicialmente, a aplicação da continuação do outro, cada um é verdadeiramente o correlato polar do outro, sem o qual nem um nem outro teria sentido”(LACAN, 1988/1960, p. 95).

E se prazer em Freud apresenta a função de regular os efeitos da impossibilidade de se obter uma satisfação plena, haverá sempre uma antinomia entre a satisfação e o que é da ordem do prazer. Dessa forma, a obtenção do prazer é o que dá um *basteamento* na busca de uma satisfação total que estaria para além desse princípio. Conclui-se, então, que essa satisfação é o que Lacan considera como gozo, afirmando em seu seminário da ética (1960) que: “o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade, mas como a satisfação de uma pulsão”(LACAN, 1988/1960, p. 256).

Lacan ressalta, em 1960, que o prazer é uma noção que comparece como tema, para vários pensadores, como uma função diretriz da ética, e uma dessas referências que ele apresenta, como já discurremos em capítulo anterior, é a dimensão de prazer em Aristóteles. A perspectiva aristotélica do prazer diz respeito a uma atividade, não é somente um estado passivo, ou seja, implica na própria ação para obtê-lo como finalidade, é um termo que estará no centro do campo da análise de Aristóteles sobre a ética. Ética esta que se refere a uma ordem universal, em que o sentido lógico é a busca do Bem Supremo. Mas, em Freud, o princípio de prazer é, antes de tudo, um princípio de inércia, na qual sua eficácia consiste em regular, numa espécie de automatismo, a energia do aparelho psíquico e que tem como correlato o princípio de realidade. Em relação à perspectiva de um princípio de realidade, Lacan argumenta, fundamentado na teoria freudiana, que seu funcionamento é de

retificaçãoe“o modo pelo qual opera, é apenas rodeio, precaução, retoque, retenção” (LACAN, 1960/1988,p. 40).

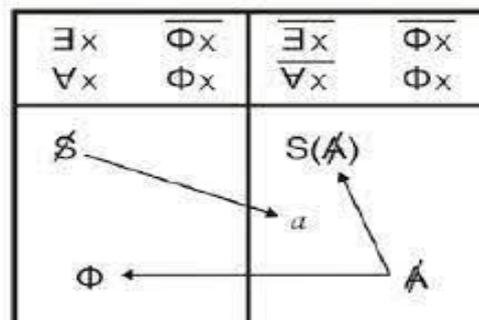
O psicanalista francês faz uma reflexão extremamente importante, nesse momento, a respeito dessa construção freudiana do funcionamento do aparelho psíquico, observando que a partir da experiência de Freud com a neurose, o sistema que o criador da psicanálise apresenta dos princípios que regem o psiquismo mostra certa inadequação. Assim,Lacan acrescenta à construção freudiana, a existência de um campo obscuro, inassimilável, ao qual o desejo inconsciente está referido, o que torna o exercício do princípio de realidade sempre precário em relação ao princípio de prazer-desprazer. Lacanressalta que é nessa operação subjetiva que se constitui a única realidade possível, a que Freud designou como realidade psíquica - o inconsciente.

O Inconsciente é a verdadeira realidade psíquica: em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo exterior e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos(FREUD, 1900/1974, p. 651).

Desse modo, Lacan estabelece uma distinção essencial entre prazer e gozo, considerando que o segundo é a tentativa permanente de ultrapassamento dos limites do princípio de prazer. Este vetoramento do gozo é referido à busca da coisa perdida, da falta no campo do Outro, sendo este o objeto de uma demanda impossível, designado em 1960 com *o* *Ding*.

É a partir de seu seminário *O avesso da psicanálise* (1969-70),que Lacan elabora, de maneira mais enfática, sua teoria do gozo, estabelecendo a relação da repetição com o gozo: “A repetição tem uma certa relação com aquilo que é o limite – e que se chama gozo” (p.13) sendo o seminário *Mais, ainda...* (1972-73) o mais consistente no que diz respeito a essa teoria, onde o psicanalistaexplora mais detalhadamentesuas fórmulas da sexuação, apresentadas um ano antes.

Figura 13 – Fórmulas da sexuação



Fonte: LACAN, 1972-83/1985, p. 105.

A escritura destas está baseada na teoria da função fálica em que Lacan desenvolve a lógica da impossibilidade de inscrição da relação sexual e de sua concepção do que está em jogo na diferença sexual. Na elaboração dessas fórmulas, Lacan retoma o mito freudiano da horda primeva em *Totem e tabu* (1913), salientando que se existe um conjunto (dos filhos) submetido à castração, ou seja, interdito a um gozo pleno, pela lógica estabelecida existirá pelo menos um que não sofre essa interdição (o pai da horda). Desse modo, Lacan sustenta que é a partir de uma mítica subjetiva de que “existe pelo menos um” que tem acesso ao gozo absoluto, ou seja, que não é submetido a castração, que a fantasia, que consiste em alcançar esse gozo intangível, se constitui. Isso se deve à ambiguidade da estrutura da fantasia: pois, ao mesmo tempo que ela sustenta o desejo que tem no horizonte o gozo pleno, ela funciona como a tela que protege o sujeito desse gozo mortífero, traumático. Dessa forma, é nessa dimensão de impossibilidade que Lacan explora a noção de gozo.

A noção de gozo, Lacan a extrai do Direito, com a ideia de usufruto. Ao fazer essa referência, em seu seminário XX, estabelece a diferença entre o útil e o gozo: “O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não podemos enxovalhá-los [...]. O gozo é aquilo que não serve para nada” (LACAN, 1972-73/1985, p.11). Com essa afirmação, sublinha que nada força ninguém a gozar, há não ser o Supereu, advertindo que o Supereu é o imperativo do gozo. Essa assertiva lacaniana, nos faz associar ao que Freud atribui ao Supereu, em seu texto de 1923, *O Eu e o Isso*, quando apresenta esse imperativo superegoico com uma imposição de dupla face, isto é, ao mesmo tempo que convoca o sujeito ao *Goze!*, compreende também a interdição do gozo pleno (impossível) que se inscreve, pelo imperativo superegoico, como proibido.

Mas o Supereu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (FREUD, 1923/2011, p.43).

Segundo Freud, o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo e, dessa forma, é a expressão mais poderosa de interdição das moções pulsionais e destinos libidinais do

Isso, constituído a partir de uma gradação no Eu, ou seja, de um precipitado que se forma nessa instância psíquica a partir das exigências e das interdições que são introjetadas. Para o criador da psicanálise, os conflitos que se estabelecem entre o Eu e o Supereu “refletirão em última instância a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundointerior”(FREUD, 1923/2011, p.45).

Voltando ao pensamento lacaniano, considera-se que o gozo impossível é o que marca a inexistência da relação sexual, que se refere à impossibilidade de uma relação biunívoca, simétrica entre dois sexos, ou seja, a relação sexual que pressupõe uma correspondência equânime de tal modo que advenha uma completude absoluta. E é nesse seguimento que Lacan introduz a ideia do amor como suplência da inexistência da relação sexual e antinômico ao gozo, onde o gozo será sempre o gozo do Outro, “o corpo do Outro que o simboliza” (LACAN, 1972-73/1985, p.12). O amor está do lado da demanda, é narcísico, impotente, e é nele que o desejo de ser Um vela o impossível de se estabelecer a relação entre dois sexos. O amor é signo e, segundo Lacan, só concerne ao campo psicanalítico quando usa a letra e se serve de uma declaração, pois o amor se declara, como o poeta confirma: “*Amo como o amor ama. Não sei razão para amar-te mais que amar-te. Que queres que te diga mais que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?*”(PESSOA, 1929/1980, p. 54).

Lacan adverte que, se por um lado não se tem dúvida que o humano é sexuado, no sentido de apresentar os caracteres sexuais secundários que permitem diferenciar um homem de uma mulher, não é nessa visada biológica que a dimensão do gozo sexual é abordada no discurso analítico, mas sim na referência ao Falo, que segundo Lacan, é o ponto extremo do que se anuncia como causa do desejo: “O ser do corpo certamente que é sexuado, mas é secundário, como se diz. E como a experiência o demonstra, não é desses traços que depende o gozo do corpo, no que ele simboliza o Outro” (LACAN, 1972-73/1985, p.13). Desse modo, Lacan ressalta que qualquer que seja o gênero do ser falante, habitante da linguagem, ele se inscreve tanto de um lado como de outro, independente do seu “sexo” biológico. Assim, quando Lacan estabelece as fórmulas quânticas permite expor uma lógica sobre a sexualidade humana a partir da noção de uma função específica – a função fálica, função essa comum a todo ser falante. Na análise de suas fórmulas quânticas, em que ele explicita que o ser falante pode operar de maneira dissimétrica, do lado homem (à esquerda do quadro) ou do lado mulher (à direita do quadro), mais uma vez, devemos estar advertidos que não se refere a condição biológica sexual, mas sim a posição subjetiva que o ser falante assume diante da

castração. Quando uma moção pulsional é sublimada, o sujeito assume uma posição psíquicadiante da castração que ao invés de evitá-la, a entroniza, o que permite ao sujeito atravessar as barreiras do narcisismo possibilitando criar o novo, marcado por sua singularidade e deixando “sua cota ao mal-estar na cultura” (BRAUNSTEIN, 2007, p.267).

Voltando ao seminário 17, *O avesso da psicanálise*, Lacan(1969-70) retoma o que Freud discute em *Além do princípio de prazer* sobre a pulsão de morte, estabelecendo a relação entre saber e gozo, afirmando que “o saber é o que faz com que a vida se detenha em certo limite em direção ao gozo”(p.16), considerando que esse saber é escandido pelo significante, ou seja, um saber tecido pela trama significante que se constitui a partir de uma operação lógica,efeito da perda de gozo, que só comparece nessa operação como mais-gozar, como objeto *a*.Essa operação se repete metonimicamente, e esse deslizamento metonímico é a função daquilo que é sustentado pela fantasia - o desejo, que assim como o amor, é antinômico ao gozo. Contudo, o desejo está circunscrito ao registro simbólico, à insistência significante, enquanto o amor está circunscrito ao imaginário e ganha a consistência do sentido.Mas é a essa repetição da cadeia significante que produz um saber que subjaz a repetição produzida pela ex-sistência do real - o gozo dito absoluto, que Freud designa como pulsão de morte.

É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve numa dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto de morte (LACAN, 1969-70/1992, p. 43).

Desse modo, diante da constatação lacaniana da impossibilidade de um gozo absoluto, o autor afirma que o gozo que háé o referido à castração, referidoà função fálica, ao passo que o gozo que diz respeito à inexistência da relação sexual, o gozo virtualmente absoluto, é o que está originariamente recalcado e diz respeito ao *Urverdrängung*freudiano. Lacan considera, portanto, que para o ser falante, se existe a impossibilidade de uma satisfação total, só haverá uma “outra satisfação, a satisfação da fala” (LACAN, 1972-73/1985, p.87). E essa satisfação corresponde ao gozo fálico.

Masa satisfação que resulta de uma moção pulsional sublimada o que está em jogo é o objetona dimensão de *das Ding*. Na criação de um novo objeto, o vazio da Coisa emerge, o que nos faz supor que na sublimação o gozo está referido, não ao falo, não ao significante,

como Lacan ressalta em 1958, em seu escrito *A significação do falo*, que tem como função designar os efeitos de significado, mas sim ao furo, para além do falo, um gozo Outro.

5.2 Sublimação: do gozo fálico ao gozo Outro

Quando abordamos o conceito de gozo em Lacan encontramos diversas categorias de gozo elencadas pelo psicanalista. Em nosso estudo, nos deteremos em três modos de gozo: o gozo impossível ou absoluto, o gozo fálico e o gozo Outro. E, da mesma forma que estabelecemos a relação da sublimação com as três estruturas psíquicas - neurose, psicose e perversão – abordaremos, também, a dimensão que o gozo assume nessas organizações psíquicas, quando ocorre a sublimação.

Em Freud, como já ressaltamos anteriormente, o *Genuss*, gozo, só é encontrado como um vocábulo da língua, não como um conceito. Muitas vezes, como ressalta Braunstein (2007), a significação comum trata gozo e prazer como sinônimos, a psicanálise tratou de diferenciá-los, fazendo do gozo um excesso intolerável, ou mesmo uma manifestação no corpo de uma tensão extrema, próxima à dor e ao sofrimento. E o gozo sendo do corpo e no corpo é da ordem do inefável e só é possível circunscrevê-lo pela palavra, e nessa circunscrição sempre haverá uma perda de gozo.

Em Freud e em Lacan dos primeiros tempos, o gozo aparece como júbilo, como êxtase. Em Freud o jogo do *fort-da* é um dos momentos em que encontramos o gozo como júbilo no advento subjetivo do simbólico. Da mesma forma, em Lacan o gozo como equivalente a júbilo é o que se apresenta como paradigma no estádio do espelho, quando do reconhecimento da imagem unificada de si mesmo.

Como já vimos no capítulo anterior, a referência ao gozo nos primeiros anos dos ensinamentos de Lacan ainda não dava a esse campo um lugar teórico privilegiado, nesses tempos, o que protagonizava a cena das concepções teóricas lacanianas era o desejo. Um desejo para além da necessidade, referido ao Outro e à Lei, efeito de uma lógica de significantes em que duas operações se estabelecem como constitutivas do sujeito: alienação e separação. Segundo Néstor Braunstein, reiterando o que já assinalamos acima, a noção de gozo chega a Lacan pelos caminhos do Direito:

Lacan se nutre com a filosofia do direito de Hegel, na qual aparece o *Genuss*, o gozo, como algo que é “subjetivo”, “particular” impossível de compartilhar, inacessível ao entendimento e oposto ao desejo que resulta de um conhecimento recíproco de duas consciências e que é “objetivo”, “universal”, sujeito à legislação. A oposição entre gozo/desejo, central em Lacan, tem, pois, raiz hegeliana. Lacan lê Freud com uma faca afiada na pedra de Hegel (BRAUNSTEIN, 2007, p.17).

É a partir da ideia da dimensão do gozo como usufruto, usufruto dos corpos, em que o Direito mostra a sua essência através de uma regulação de restrições impostas a esse gozo, ou seja, o que é lícito fazer e até que ponto pode-se chegar com o próprio corpo e com os demais, que o gozo passa a ter uma posição central na reflexão analítica. E nessa reflexão o que entra em jogo é a singularidade subjetiva, no que diz respeito ao gozo, numa dimensão ética.

Seguindo a lógica freudiana, Lacan ressalta que o primeiro passo de Freud foi situar o desejo na concepção e articulação do inconsciente que ele estabeleceu em 1900, na *Traumdeutung*. Somente num segundo tempo, vinte anos depois, nas reflexões abertas em *Além do princípio de prazer*, Freud vai considerar a função psíquica da repetição como a busca de uma satisfação que não é regulada pelo princípio de prazer-desprazer e dessa forma articula a repetição com a pulsão de morte.

É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. Na medida em que a busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular a pulsão de morte (LACAN, 1969-70/1992, p.43).

Destarte, Lacan estabelece uma antinomia entre desejo e gozo a partir do estatuto que o gozo assume em sua teoria, conclui que este está para além do desejo. Isso se deve a incidência da castração que separa gozo e desejo, ou seja, essa incidência psíquica (a castração) se precipita como perda de gozo referida à inexistência de um objeto impossível de ser reintroduzido. Desse modo, mais do que uma perda de um objeto totalizante, o que está em jogo é a falta radical desse objeto, nomeado por Lacan como objeto *a*: “[...] há perda de gozo. E é no lugar dessa perda, introduzida pela repetição, que vemos aparecer a função do objeto perdido, disso que eu chamo *a*” (LACAN, 1969-70/1992, p. 46). Essa falta opera como mais-gozar e estará sempre para além do desejo. E a castração, por sua vez, é referente à interdição do incesto, a interdição de ser o falo para o Outro, numa fusão onde não haveria

diferença. A castração é a forma como a interdição, do que diz respeito à impossibilidade de um gozo absoluto, se inscreve no psiquismo.

A partir dessa impossibilidade instaura-se o desejo de ter o falo, significante que vem como suplência da falta. Como já dito anteriormente, constata-se que somente em raras ocasiões o termo falo aparece nos textos freudianos, sendo o mais recorrente em sua forma adjetiva, como expressões: “fase fálica” e “organização fálica”. No pensamento freudiano a primazia do falo ocupa um lugar central na medida em que é correlativa ao complexo de castração, fatores dominantes no drama edípico. Ser ou não ser castrado não é uma oposição que reside numa realidade anatômica, pênis ou vagina, mas, sim, na ausência ou presença de um único termo, que tem valor simbólico – o falo. Lacan dá à noção de falo o estatuto de “significante do desejo”, em que o complexo de Édipo consistirá na dialética que se estabelece entre ser ou não ser o falo que é renunciada para dar lugar a tê-lo ou não o ter. Como ressalta Lacan em seu seminário sobre a angústia: “Para poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso, justamente, não o ser” (LACAN, 1962-63/2004, p.122).

Dessa forma, sendo o falo o significante que vem em suplência da falta-a-ser, ressalta Lacan que “o que diz respeito ao ser, ao ser absoluto, não é jamais senão a fratura, a rachadura, a interrupção da fórmula ser sexuado, no que o ser sexuado está interessado no gozo” (LACAN, 1962-63/2004, p. 122). Concluindo que o gozo sexual é fálico, uma vez que não se relaciona ao Outro como tal, mas sim com a falta que há no Outro, o que leva Lacan a afirmar que “o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fálico” (LACAN, 1972-73/1985).

Ao abordarmos o campo da teoria do gozo, para, dessa forma, situarmos o gozo que estará em jogo na sublimação, a análise das fórmulas quânticas se fez necessária, como apresentamos no capítulo anterior, para podermos dar melhor sustentação ao que propomos em nosso estudo. A escritura dessas fórmulas é referida à função fálica, como já assinalamos acima, função esta que Lacan apresenta a partir da ideia da não existência da relação sexual. Assim, Lacan sustenta a primazia do falo e estabelece uma lógica que especificará um gozo feminino, localizando A mulher como “não toda”, chegando a afirmar que A mulher não existe.

Dessa forma, constatamos que desde o primeiro capítulo, de suas lições de 1972, Lacan distingue amor e gozo concluindo que o primeiro virá em suplência da inexistência da relação sexual mediante uma afirmação que se fará presente em todo o seu seminário - que

ogozo do Outronão é o símbolo do amor. Assim, como já abordamos no capítulo referente ao amor, Lacan enfatiza que este está do lado da demanda, é narcísico, impotente, é o desejo de ser Um, e só interessa a uma visada psicanalítica quando esse amor é declarado, ou seja, quando usa a letra para se revelar. Desse modo, na diferença entre amor e gozo, Lacan enfatiza que o gozo sexual como tal está marcado pela impossibilidade do Um da relação sexual.

No que diz respeito ao gozo, ou seja, o que é da ordem da satisfação pulsional, ele comparece coagulado, tanto no sintoma neurótico, quanto na encenação perversa, como sublima Braunstein (2007). Enquanto na psicose o gozo que insiste é o incomunicável, que se aloja no corpo escapando à simbolização, é um gozo que não deixa lugar para palavra Outra que possa refreá-lo e limitá-lo (BRAUNSTEIN, 2007, p.268).

A psicose “salva” o sujeito de passar pela castração simbólica, de ver-se obrigado a desalojar o gozo do corpo, de ter que se manifestar em um discurso em que o objeto se constitui como perdido, das barreiras (ao gozo) que obstruem a subjetividade na significação fálica e que tornam impossível a relação sexual (BRAUNSTEIN, 2007, p. 270).

Desse modo, devemos ressaltar que a sublimação é um destino pulsional que, segundo Freud, não encontra no corpo sua satisfação sexual, sua satisfação vai ser desviada. Ao contrário do recalque, ao sublimar, a castração não é denegada e sim reconhecida, a falta há e é irrevogável, é da falta, a partir do momento em que ela é entronizada, que a sublimação parte. Como Lacan (1967/2023) assinala em seu seminário *Alógica do fantasma*, “a estrutura da função sublimatória, ao contrário do puro e simples ato sexual é da falta que ela parte, e é com a ajuda dessa falta que ela constrói o que é sua obra e que é sempre a reprodução dessa falta” (p. 207). Assim, podemos concluir que o que está em jogo na sublimação é um gozo que aponta para o furo, ou seja, o que Lacan nominou como o gozo Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução dessa tese, a autora se dedica ao estudo da sublimação desde seu mestrado, em que a pesquisa foi sobre a relação da sublimação com a pulsão de morte. A partir desse estudo, as questões aqui levantadas surgiram. Constituiu-se, assim, um encadeamento teórico que convergiu para as duas questões em jogo: a incidência do processo sublimatório nas três estruturas clínicas e, partindo da ideia de dessexualização pulsional atribuída a essa vicissitude, de que ordem seria essa satisfação. Assim, considerando a teoria do gozo em Lacan, a qual gozo uma moção pulsional sublimada estaria referida?

Como ressalta Kofman a sublimação não é um conceito que deve ser entendido como um conceito moral e sim metapsicológico, esse destino pulsional é uma transformação da energia sexual num novo direcionamento da energia psíquica. Se a pulsão sexual fosse uma e pudesse ser gasta sem reservas, a sublimação seria impossível e não teria nenhuma razão de ser.

As exigências da civilização são um dos fatores que torna a pulsão sexual incapaz de obter uma satisfação completa, mas sobretudo, numa dimensão intrapsíquica, é o recalque primário, *Urverdrängung*, ou seja, o modo como essa impossibilidade se inscreve subjetivamente, que é o fator determinante. Mas é justamente essa incapacidade para obter satisfação completa que se torna a fonte, através da sublimação, de obter as mais grandiosas realizações culturais: “Pois, que motivos teriam os seres humanos para colocar as forças pulsionais a outros serviços se em qualquer outra distribuição se poderia obter delas total satisfação prazerosa? Nunca deixariam esse prazer e não produziriam nenhum outro progresso” (FREUD, 1912/2018, p.151).

Dessa forma, a sublimação é um dos vieses pulsionais que possibilita a criação, é através da capacidade de sublimar que se inventa, que se inscreve na cultura o novo. É dessa força pulsional, sexual, atravessada pela dimensão da morte, atravessada pela castração, que moções pulsionais têm um destino em que a satisfação não se dá no corpo próprio, mas fora dele, é a capacidade de gozar para além do gozo fálico, aqui o que está em jogo é o gozo Outro.

A sublimação é um processo em que o sujeito, por ter rompido com certas barreiras do proibido, com o que é da ordem do recalque propriamente dito, mecanismo da neurose por

excelência, entroniza o impossível, antes denegado, que diz respeito a uma interdição primária, causa da estrutura clivada do sujeito do inconsciente, de uma fenda insuturável.

Porém, devemos estar advertidos de que, como Freud enfatiza em vários momentos de sua obra, a sublimação não é normativizante, não é um destino pulsional que nos dá garantias; ao contrário, revela a impossibilidade de haver garantias, mas que leva o sujeito à aposta de “mesmo assim” construir novos trilhamentos. A sublimação é uma das formas – assim como a satisfação direta e a deliberação - que se cunha o desejo, pois não há evitação da falta. O que está em jogo é o vazio, pois nesse processo a pulsão sexual se esvazia da “substância sexual” (PORGE, 2019, p.66), permitindo, desse modo, entrever a impossibilidade da relação sexual, levando Lacan a concluir: “não existe relação sexual” (LACAN, 1971-72/2011, p.31), no sentido de não haver uma inscrição subjetiva da relação sexual, ela não se escreve, portanto não se inscreve psiquicamente.

Bastaria uma boa trepada para me revelar o contrário. Infelizmente, essa é uma coisa que não demonstra absolutamente nada parecido, porque a idéia de relação não coincide de modo algum com o uso metafórico que é feito dessa palavra pura e simples - *relação, eles tiveram relações*. Não é nada disso. Só podemos falar seriamente de relação quando não somente um discurso estabelece a relação, mas quando se enuncia a relação. Não só é preciso pensá-la, como é preciso escrevê-la. Se vocês não são capazes de escrevê-la, não existe relação. [...] é impossível escrever o que seria a relação sexual (LACAN, 1971-72/2011, p.32).

Seguindo esse pensamento de Lacan, podemos ter uma indicação mais precisa do que Freud quis dizer quando descreve a sublimação como um processo de dessexualização, ou seja, não é o objeto narcísico, libidinalmente investido que está em jogo, mas sim o vazio, a ausência de objeto. E é por esse viés que entendemos a aproximação que Lacan faz, em seu seminário sobre a ética, da sublimação com a pulsão de morte, destacando sua dimensão criacionista.

Lacan chama atenção em vários momentos de sua obra para uma reflexão fundamental, expressa nesse mesmo seminário, em janeiro de 1960: “Observem bem isto – aquilo para o que o pensamento freudiano nos dirige consiste em nos colocar o problema do que há no âmago do funcionamento do princípio de prazer, ou seja, um para além desse princípio” (LACAN, 1971-72/2011, p.157). O princípio de prazer é um funcionamento psíquico pensado por Freud a partir da constatação de que a sexualidade está no centro de tudo que se passa no inconsciente, e Lacan (1971-72/2011) acrescenta: “Mas está no centro por ser uma falta” (p.33), falta do objeto, pois todo objeto que se produz é o reencontro de um objeto que simula o que foi perdido desde sempre.

Desse modo, as duas questões levantadas nessa tese estão intrinsecamente ligadas - como a sublimação opera nas estruturas clínicas estabelecidas por Lacan e o gozo que está em jogo quando uma moção pulsional é sublimada. Fazendo alusão ao título do texto freudiano *Pulsões e suas vicissitudes*, consideramos *Vicissitudes da sublimação* por esses dois vieses acima citados. E tanto para um quanto para outro, o eixo principal que nos conduziu em toda a pesquisa é a relação da sublimação com o recalque dentro da teoria psicanalítica.

Quando exploramos o conceito de recalque em Freud, não podemos deixar de nos impactar com o que ele ressalta em seu texto *A história do movimento psicanalítico*: “A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1914/1974, p.26). Esse conceito é o fundamento de toda sua teoria, Freud chega mesmo a dizer que é a parte mais essencial dela. E para refletirmos sobre a sublimação, se tornou imprescindível explorarmos o estudo do recalque. Um estudo que nos obrigou a rever vários outros conceitos psicanalíticos estabelecidos por Freud e revisitados por Lacan.

Recalque

Como desenvolvemos em nossa pesquisa, a noção de recalque aparece nos textos freudianos desde o início da criação da psicanálise. Se nos primórdios de seus estudos Freud concebia o recalque como um mecanismo de defesa, posteriormente ele constata a universalidade desse mecanismo, no que diz respeito à constituição subjetiva humana. Em 1915, em seu primeiro texto metapsicológico, quando sistematiza seus conceitos a partir de três dimensões - a dinâmica, que diz respeito aos conflitos intrapsíquicos; a econômica, que trata do quantum de energia que circula no aparelho psíquico e os investimentos psíquicos que estão em jogo; e a topológica, em que ele apresenta o aparelho psíquico dividido em instâncias psíquicas distintas - ele apresenta o recalque como um dos principais destinos pulsionais.

Ao elaborar a sua teoria das pulsões, Freud forja esse termo - pulsão, *Trieb* - para construir a teoria da sexualidade humana que destaca como um campo que engendra uma organização psíquica, dando ao humano outro lugar fora da ordem natural. A pulsão subverte o que se pode pensar como instinto. No humano não há a inscrição de um saber instintual que padronize sua resposta diante de estímulos externos ou de necessidades fisiológicas que o leve a um mesmo comportamento reativo e condicionado, como a reprodução com fins de manutenção da espécie. Entre o nascimento e a morte, o humano é conduzido pelos caminhos

do desejo, que faz com que sua travessia seja marcada pelo que vai se constituindo como sua singularidade subjetiva. Exilado na linguagem, determinado pelas exigências de moções pulsionais que gravitam em torno de uma falta radical, através de sua relação com o Outro que se constitui sua organização psíquica. A partir de sua escuta clínica, Freud entende que essa força constante pulsional, sexual, essa *konstante Kraft*, impossível de ser satisfeita na sua totalidade, de ser satisfeita de forma absoluta, só encontra caminhos que a satisfazem parcialmente. Desse modo, o humano é interditado desde sempre e é essa interdição que o humaniza, essa é a condição para se humanizar. Ele é interditado àquilo que o excede, o que não tem como ser simbolizado, que fica fora de seu campo simbólico, e que vai operar subjetivamente como hiância, fenda - o furo insuturável que se torna sua causa. Quando o criador da psicanálise formula os destinos da pulsão, é a partir desse pensamento - da impossibilidade de uma satisfação completa, absoluta da pulsão. Há, portanto um interdito primeiro - *Urverdrängung* -, aquilo que é recalcado originariamente e é a marca ôntica da estrutura humana, que leva Lacan a ressaltar em seu seminário 23 que: "Freud pôde enunciar, não se sabe por qual via, que há uma *Urverdrängung*, um recalçamento que jamais é anulado. É na natureza mesma do simbólico comportar esse furo" (LACAN, 1975-76/2007, p. 41), em que Lacan conclui que nesse furo onde ele reconhece a própria *Urverdrängung*. E na concepção de sua teoria das pulsões, um dos modos de satisfação que Freud formula a partir de toda sua tese sobre a impossibilidade de satisfação pulsional total, é a sublimação. Sublimamos porque não podemos gozar tudo.

Dessexualização

No estudo da sublimação, como destacamos acima, encontramos a constatação de Freud de que nesse destino pulsional há um processo de dessexualização. Uma ideia que nos parece paradoxal partindo do princípio de que toda pulsão é sexual, salvo a dimensão da pulsão de morte do modo como Freud a concebe. No pensamento freudiano a pulsão de morte é, por sua própria estrutura, a pulsão na sua dimensão não sexual. Lacan vai sublinhar essa perspectiva no seminário 7 sobre a ética e enfatizar a relação da sublimação com a pulsão de morte. Se pensarmos com Freud o que podemos concluir é que, como ele observa em *O Eu e o Isso* (1923), na dessexualização trata-se de uma retração da libido para o Eu.

A transformação da libido objetal em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarretam abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta (FREUD, 1923/2011, p. 37).

Se formos por esse caminho, é possível entendermos essa dessexualização como um processo necessário para que haja sublimação, ou seja, é necessário que a libido investida nos objetos seja retraída para o Eu para que, a partir disso ela seja sublimada, ou seja, investida novamente no mundo externo, havendo uma ressexualização, não no corpo com todas as intercorrências sintomáticas, mas em um novo objeto não idêntico ao Eu. Dito de outro modo, se tratando de sublimação não é um reinvestimento narcísico que está em jogo, mas sim um redirecionamento pulsional que contorna o vazio (*das Ding*), operando como causador de criação de um objeto não idêntico ao Eu.

Sublimação e recalque – o impossível e o proibido em cena

Uma perspectiva fundamental abordada em nossa pesquisa partiu do pensamento de Jorge (2000) quando situadas categorias, o impossível e o proibido, como dimensões de interdição constitutivas do psiquismo, em que o recalque propriamente dito está referido ao proibido enquanto a sublimação está referida ao impossível que diz respeito ao recalque originário.

Sublimar é um viés pulsional, nos diz Freud no seu artigo sobre o narcisismo (1914), em que as exigências do Eu são atendidas sem envolver a *Verdrängung*, o recalque propriamente dito, sem haver formação sintomática, pois os sintomas, em Freud, são resultado de um conflito e surgem em virtude da busca de um novo modo de satisfazer a libido. “As duas forças que entram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado” (FREUD, 1916-17/1974, p.420).

Na diferenciação entre o recalque e a sublimação, Lacan enfatiza a ideia freudiana dos *Três ensaios*, de que “a sublimação se caracteriza por uma mudança nos objetos, ou na libido, que não se faz por intermédio de um retorno do recalcado, que não se faz sintomaticamente, indiretamente, mas se faz de tal modo que a satisfação se dá diretamente” (LACAN, 1959-60/1988, p.119).

[...] existem momentos de aparição do objeto que nos jogam numa dimensão totalmente diversa [...] na dimensão do estranho. Este não pode ser apreendido de modo algum. Diante deste novo, o sujeito literalmente vacila, e tudo é questionado na chamada relação primordial do sujeito com qualquer efeito de conhecimento (LACAN, 1962/2005, p.70).

Segundo Silvestre, a sublimação é um processo que coloca em jogo a singularidade subjetiva, pois diante da impossibilidade de apreensão do objeto totalizante, resta ao sujeito significar o que é da ordem de sua singularidade, na sustentação metonímica de seu desejo. Por isso, em consonância com Silvestre, podemos dizer que a sublimação é um processo, um incessante recomeço.

Desse modo, poderíamos pensar a sublimação na direção da cura dentro da clínica analítica? Em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, numa reflexão sobre o adoecimento psíquico, Freud o relaciona ao excesso de quantidade de libido investida no Eu, e que o investimento libidinal no objeto seria um recurso contra o adoecer, ou seja, amar para não adoecer; e o outro recurso que ele nos sugere, nessa passagem, é o criar, ao fazer uma citação do livro *Neue Gedichte (Novos poemas, 1844)* do poeta e dramaturgo Heinrich Heine: “Imagina-se Deus dizendo: A doença foi sem dúvida a causa final de todo anseio da criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável” (HEINE apud FREUD, 1914/1974, p. 102).

Lacan, por sua vez, só fará referência à sublimação até o seminário 16, tendo desenvolvido sua teoria sobre esse destino pulsional, de modo mais consistente, no seminário 7 sobre a ética da psicanálise. Se a ética da psicanálise é aquela à qual o sujeito não cede de seu desejo, a sublimação se apresenta como o avatar que possibilita a sustentação dessa ideia. E não há outro caminho, segundo Lacan, para nos aproximarmos de nosso desejo, disso que carregamos como o que há de mais particular, de mais singular, senão nos aproximando também da morte (simbólica). Sustentar a dimensão desejante é poder sustentá-la a partir da dimensão da pulsão de morte.

Tornando evidente que a satisfação pulsional se dá no percurso de seu próprio circuito, a sublimação é um processo que implica a ausência do objeto, aquele constituído a partir de projeções narcísicas. Desse modo, reiterando o que constatamos ao longo de nosso estudo, ela convoca o sujeito à produção de um objeto não-especular, que comporta o vazio. Reafirmando aqui, em consonância com Lacan, temos que: “a sublimação confere ao *Trieb* uma satisfação

diferente de seu alvo, [...] é precisamente o que revela a natureza própria de *Trieb*, uma vez que tem relação com a Coisa dado que ela é distinta do objeto” (LACAN, 1960/1988, p.140).

Criação

A noção de criação é tema de muitas pesquisas e reflexões, sejam elas do campo da ciência, da filosofia, da religião ou da arte. No que diz respeito à abordagem psicanalítica, é revelada sob uma perspectiva particular - em sua dimensão de *Unheimlich*, pois ao se apresentar, na obra, a cena, o que fica evidente é o descortinar da Outra cena. É o sublime da obra trazendo à tona a in-dignidade da Coisa: “Ao apresentar-se no lugar de in-dignidade da Coisa, a obra faz uma promessa que ela não cumprirá totalmente, ela nos convida a refazer o que ela não é, enganando-nos à maneira do amor, que é, para Lacan, sempre dar o que não se tem” (RIVERA, 2007, p.324).

A partir de nosso estudo, tanto da relação da sublimação com as estruturas clínicas quanto ao gozo referido à sublimação, concluímos em última instância que a criação, nos casos de neurose e de perversão em que a fantasia é constitutiva da subjetividade, é tributária do processo sublimatório enquanto na psicose a criação está sob a égide da construção delirante.

Os casos de neurose e perversão podem ser pensados a partir do que Freud chamou de desfunção pulsional, onde a pulsão de morte não operaria com um empuxo à destruição, mas à criação, onde o objeto criado, a obra, permite, nos termos freudianos, um refusionamento das duas dimensões pulsionais, nos permitindo pensar num processo de ressexualização, quando a retração da libido no Eu (processo de dessexualização) é novamente direcionada ao mundo externo na produção do novo. Já na psicose a criação operaria como suplência, ou seja, como ancoragem imaginária que estabiliza psiquicamente.

Como já ressaltamos, Lacan (1960/1988), em seu seminário 7, destaca que “se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão, dita de morte (porque é assim que Freud nos apresenta) é somente porque há a cadeia significante” (p.260). E seguindo por essa lógica, se tudo no mundo só é possível se apresentar sob a forma dessa cadeia significante, Lacan destaca a suposição de que há um para além dessa cadeia, um *ex nihilo*, sobre o qual essa cadeia se funda e se articula como tal. Diante dessas premissas, ele conclui que a pulsão de morte é uma sublimação criacionista de Freud ligada a esse elemento estrutural descrito acima. O autor

localiza, portanto, nesse ponto *exnihilo* um ponto de criação do qual nasce o que é histórico da pulsão.

Na medida em que um objeto é criado, ele pode apontar para o vazio da Coisa ao invés de evitá-la, evitação que ocorre no processo do recalque (LACAN, 1959-60/1988). Articulada com os conceitos apresentados nessa tese, a criação, na sua estreita relação com a pulsão de morte, seria dimensionada como uma experiência de *Hilflosigkeit*, tal qual a descrição lacaniana, em seu *Seminário 7*, sobre o término de uma análise. Transponho para a criação o que Lacan fala aqui sobre o verdadeiro fim de análise, sendo propriamente o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, o desamparo, onde o homem nessa relação consigo mesmo, que é sua própria morte, não deve esperar a ajuda de ninguém.

Na criação, assim como no término de uma análise, a angústia já é uma proteção, não *Abwarten* (*espera*), mas *Erwartung* (*expectativa*) (LACAN, 1960/1988, p.364). A criação ocorre numa região limite, no nível do desarvoramento absoluto, no nível da experiência última do *Hilflosigkeit*, em que a angústia não delinea mais um perigo, mas impulsiona, em última instância, a emergência do sujeito desejante, onde o autor é efeito de sua própria obra. Como ressalta Gérard Pommier em seu livro *O desenlace de uma análise*: “Assim, o momento da criação é aquele do nascimento do sujeito. Quer seja socialmente reconhecida ou não, a obra cria seu autor, ela anuncia sua existência mais intensamente que a problemática mensagem que pode conter” (POMMIER, 1987/1990, p.195).

Mas poderíamos pensar na criação de uma obra verdadeiramente original? Ou, o artista, ao produzir sua obra, sabe de algum modo, que ela não coincide com o objeto original, ou seja, o objeto que não há, *das Ding*? Será sempre, a obra, uma cópia? Aqui fazendo alusão ao filme *Copie Conforme*, um filme de 2010, realizado por Abbas Kiarostami, no qual o diretor monta uma espécie de armadilha em que o espectador é sempre capturado por uma cena que nunca está lá, mas sempre alhures, trazendo para o centro da reflexão o que seria o original. O original é o inefável, ou, como escreve AlainDidier-Weill, é o esquecido originário. Porém, há um não-esquecimento, não do esquecido, mas do ato pelo qual se esqueceu, que a obra revela no “dom gracioso de uma nota de música que nos faz ouvir o inaudito ou de um toque de cor que nos entreabre o invisível” (DIDIER-WEILL, 1995/1997, p.296).

Concluindo

Portanto, em consonância com o pensamento de Jorge, quando indica que a sublimação, conceito imprescindível da teoria psicanalítica, concerne ao impossível, enquanto o recalque concerne à proibição, consideramos a primeira como a capacidade humana que permite ao sujeito inscrever na cultura o que é da ordem do impossível, ou seja, o furo, a falta radical que nos condiciona como humanos. Desse modo, o que é proibido ao Eu manifestar, pela coerção do mundo externo, pela pressão interditória do Supereu, diante da pressão das exigências pulsionais, na sublimação encontra seu lugar na criação de um objeto que revela o vazio da Coisa; ou seja, ao invés de evitar o impossível, evitar o que é da ordem da castração, com todo o sofrimento que o evitar implica, revela a impossibilidade que opera na cultura como mal-estar.

Desse modo, concluímos, de acordo com o que Freud ressalta em 1930 quando destaca que a sublimação das pulsões é a capacidade humana que funciona como a possibilidade de deslocar metas pulsionais que, sem a incidência do recalque, conseguem ganho de satisfação a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Uma satisfação desse tipo, Freud constata na alegria do artista em criar, a partir de suas fantasias ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades. Para o psicanalista, isso possui uma qualidade especial, sublinhando que quando isso ocorre “o destino” pouco pode fazer contra nós.

Para finalizarmos, encontramos nas reflexões de Freud, nesse mesmo ensaio, sua impressão sobre a impossibilidade de alcançar a felicidade total, ou seja, a impossibilidade de obtenção do gozo pleno. Freud a constata que interdições subjetivas, que incidem como impossível ou como proibido, são dimensões que estão no cerne da constituição psíquica do sujeito, e que em sua relação com o mundo essas dimensões se manifestam como o mal-estar na cultura:

O programa que o princípio de prazer nos impõe, de ser feliz, não pode ser realizado; ainda assim, não temos o direito – não, não podemos – de abandonar os esforços para, de alguma forma, aproximarmo-nos de sua realização. Para isso, podemos tomar caminhos muito diversos, ou antecipando o conteúdo positivo da meta, o ganho de prazer, ou o conteúdo negativo, de evitar o desprazer. Por nenhum desses caminhos podemos alcançar aquilo que almejamos [*begehren*]. A felicidade no sentido moderado em que é reconhecida como possível, é um problema de economia libidinal do indivíduo. Aqui não há nenhum conselho que sirva para todos; cada um precisa tentar por si mesmo a maneira particular para se tornar feliz. Os fatores mais variados atuarão para indicar os caminhos de sua escolha. Tudo irá depender de quanta satisfação real ele pode esperar do mundo exterior e até que ponto ele age para se tornar independente dele; e também, por fim, de quanta força

ele acredita dispor para modificá-lo de acordo com seus desejos. Já nesse caso, além das circunstâncias externas, a constituição psíquica do indivíduo será decisiva (FREUD, 1930/2020, p.330).

Nessa concepção da condição humana, Freud nos adverte de que a pulsão recalcada não desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação plena, que na verdade tem uma dimensão mítica. Dessa forma, todas as formações substitutivas ou reativas e sublimações são insuficientes para remover sua tensão contínua. E da diferença entre o prazer encontrado e o exigido surge o fator pulsionante, que não permite persistir em nenhuma das situações estabelecidas, assim como encontramos nas palavras de Mefistófeles em Fausto de Goethe, “o indomado, impele sempre para frente” (FREUD 1920/2020, p.147).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Ed. Principis, 2021.
- ASSOUN, P.-L. *La sublimation*. Paris: Ed. Econômica, 2017.
- BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM Pocket, v. 1216, 2020.
- BENJAMIN, W. *Magia técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.
- BIRMAN, J. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, v. 8, n. 1, 1998, p. 123-144. Doi: 10.1590/S0103-73311998000100007.
- BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOURGUIGNON, A. O conceito de renegação em Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1991
- BRAUNSTEIN, N. *Gozo*. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2007.
- BRETON, A. *Manifesto surrealista*. São Paulo: Moraes editora, 1976. (Trabalho original publicado em 1924).
- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1895).
- BRODSKY, G. *Short story: os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2004.
- CAPELÃO, A. *Tratado do Amor Cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- CASTANET, H. Entre a palavra e a imagem. Paris, C. Défaul, 2007
- CHAVES, E. A pulsão de Freud a Benjamin. *Revista Cult*, n. 253, s/p, 31 ago 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pulsao-de-freud-benjamin/>. Acesso em 04 set. 2024.
- CROMBERG, R. Sabina Spielrein – uma pioneira dapsicanálise. In: *Obras Completas*, v. 1. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- DELEUZE, G. Diferença e repetição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018
- DIDIER-WEILL, A. Os três tempos da lei. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. (Trabalho original publicado em 1995).
- DUCHAMP, M. O ato criador. In: BATTCKOCK, G. *A nova arte*. São Paulo: Coleção Debates, 1965.

FECHNER, G. T. *Vorschule der Ästhetik*. Berlin, Deutschland: Springer, 2018. (Trabalho original publicado em 1876).

FEREIRA, N. P. *Amor, ódio e ignorância*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

FERREIRA, N.P. e LEITE, J.C.T. *Clínica e estrutura*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014

FRANÇA NETO, O. *Freud e a sublimação*. Arte, ciência, amor e política. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1950).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1908).

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. Totem e tabu. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1913).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Repressão. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1916-17).

FREUD, S. Conferência XXXII: angústia e vida pulsional. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1932).

FREUD, S. Esboço de psicanálise. *In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1938).

FREUD, S. As pulsões e seus destinos. *In: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. *In: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Trabalho original publicado em 1908).

FREUD, S. Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. *In: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. Lembrar, repetir e perlaborar. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud - Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud - Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Trabalho original publicado em 1924).

FREUD, S. A análise finita e a infinita. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud - Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Trabalho original publicado em 1937).

FREUD, S. O mal-estar na cultura. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud - Cultura, sociedade e religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Trabalho original publicado em 1930).

GARCIA-ROZA, L.A. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GAY, P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1998).

HEIDEGGER, M. A coisa. *In: Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. (Trabalho original publicado em 1958).

HUTIN, S. *História geral da alquimia*. São Paulo: Editora Pensamento, 1981.

JORGE, M. A. C. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise*, v. 1: *as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Trabalho original publicado em 2000).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise*, v. 2: *a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise, v. 3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise, v. 4: o laboratório do analista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2022.

JURANVILLE, A. *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987. (Trabalho original publicado em 1984).

KIERKEGAARD, S. *A repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010. (Trabalho original publicado em 1843).

KOFMAN, S. *A infância da arte*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 1: escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983. (Seminário original realizado em 1953-54).

LACAN, J. *O seminário, livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Seminário original realizado em 1954-55).

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Seminário original realizado em 1955-56).

LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Seminário original realizado em 1964).

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Seminário original realizado em 1972-73).

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988. (Seminário original realizado em 1959-60).

LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Seminário original realizado em 1960-61).

LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Seminário original realizado em 1969-70).

LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. (Seminário original realizado em 1956-57).

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Trabalho original publicado em 1966).

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. (Seminário original proferido em 1957-58).

LACAN, J. A terceira. *Cadernos Lacan*. (Porto Alegre, APPOA), v. 2, 2002. (Conferência original realizada em 1974).

LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. *O seminário*, livro 10: *angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Seminário original realizado em 1962-63).

LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Trabalho original publicado em 1953-63).

LACAN, J. *O seminário*, livro 16: *de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Seminário original realizado em 1968-69).

LACAN, J. *O seminário*, livro 18: *de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (Seminário original realizado em 1971).

LACAN, J. *O seminário*, livro 23: *o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (Seminário original realizado em 1975-76).

LACAN, J. *O seminário*, livro 19: *...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. (Seminário original realizado em 1971-72).

LACAN, J. *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2023. (Seminário original realizado em 1966-67).

LACAN, J. *Primeiros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2023.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1970. (Trabalho original publicado em 1967).

LEADER, D. *O que é a loucura?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

LEADER, D. *Gozo: sexualidade, sofrimento e satisfação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2021.

MALEVAL, J. C. *La forclusión Del Nombre del Padre. El concepto y su clínica*, 2000. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2009.

MAURANO, D. *A face oculta do amor. A tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.

MELLOR, S. M. *La sublimation*. Paris: PUF, 2005.

MILLER, J.-A. *Silet. Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção lacaniana*, ano 3, n. 7, mar. 2012.
- NICOLA, U. *Antologia ilustrada da Filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- PARENTE, A. M. *Sublimação e Unheimliche*. São Paulo: Editora Pearson, 2017.
- PESSOA, F. *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- PLATÃO. *O banquete*. Algés: Difel, 1986. (Trabalho original publicado em 485 a.C. ~ 480 a.C.).
- PORGE, E. *Os Nomes do Pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. (Trabalho original publicado em 1998).
- PORGE, E. *A sublimação, uma erótica para a psicanálise*. São Paulo: Aller Editora, 2019.
- POMMIER, G. *O desenlace de uma análise*, 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- REGNAULT, F. Exnihilo. In: IANNINI, G. (Org.). *O tempo, o objeto e o avesso – ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Trabalho original publicado em 2000).
- RINALDI, D. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; EdUERJ, 1996.
- RIVERA, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- RIVERA, T. *Ensaio sobre a sublimação*. *Revista Discurso*, Dossiê Filosofia e Psicanálise, n. 36, p. 313-326, 2007. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.38083>.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995.
- ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.
- SAFATLE, V. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- SAFOUAN, M. *A psicanálise: ciência, terapia – e causa*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2023.
- SILVESTRE, M. Mise en Cause de La Sublimation. *Ornicar?*, n. 19, 1979. Paris: Lyse.
- TEIXEIRA, A.; CALDAS, H. *Psicopatologia lacaniana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.